

Resumo

A investigação aqui apresentada, intitulada *Inclusão Social e Música: o Projeto Centro Cultural de Amarante – Orquestra Geração*, insere-se no Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e foi realizada entre julho de 2011 e setembro de 2012.

A Orquestra Geração foi implementada na cidade de Amarante em 2010, com o objetivo de promover a inclusão social dos alunos e melhorar o seu desempenho escolar. Assim, o trabalho apresentado encontra-se centrado na questão da música como um elemento de inclusão social a partir da inserção de alunos em risco de abandono escolar numa Orquestra com características especiais. Neste sentido, pretendeu-se compreender quais os alunos que frequentam a Orquestra Geração e qual o seu contexto escolar e familiar. Entender o modo de integração desses alunos no projeto, conhecer o impacto na sua vida, a nível social e escolar e compreender como a música contribui para a inclusão social. Perceber, também, as representações sociais dos encarregados de educação em relação à participação dos seus educandos na Orquestra.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos optou-se por uma estratégia qualitativa. Foram realizadas análises de conteúdo a documentos referentes à Orquestra Geração, observações exploratórias e diretas, entrevistas semidiretivas aos professores, ao diretor do Centro Cultural de Amarante, à coordenadora pedagógica do projeto, ao Presidente da Câmara Municipal de Amarante, à psicóloga e ao diretor do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso.

Esta investigação permitiu observar o trabalho desenvolvido pela Orquestra na aprendizagem musical, no esbatimento do abandono escolar e, posterior, inclusão social dos alunos pertencentes a este projeto.

Palavras-Chave: Orquestra Geração, inclusão social, música, abandono escolar, insucesso escolar e educação não formal

Abstract

The research presented herein, entitled *Inclusão Social e Música: o Projeto Centro Cultural de Amarante – Orquestra Geração*, is part of the Master in Sociology, Faculty of Arts, University of Porto and was conducted between July 2011 and September 2012.

The Generation Orchestra was implemented in the city of Amarante in 2010, aiming to promote the social inclusion of students and improve their academic performance. Thus, the work presented here is centered on the question of music as an element of social inclusion from the inclusion of students at risk of leaving school in Orchestra with special features. In this sense, we sought to understand why students who attend Generation Orchestra and what your family and school context. Understand how to integrate these students in the project, knowing the impact on your life, both social and school and understand how music contributes to social inclusion. Realize too the social representations from parents regarding the participation of their children in Orchestra.

In order to achieve the proposed objectives we chose a qualitative strategy. Analyses of the documents relating to the content Generation Orchestra, exploratory and direct observations, interviews teachers, the director of the Cultural Center of Amarante, the educational coordinator of the project, the Mayor of Amarante, the psychologist and the director of Group of Schools Amadeo de Souza-Cardoso.

This research allowed observing the work of the Orchestra in music learning, blurring the dropout and the subsequent inclusion of students belonging to this project.

Keywords: Generation Orchestra, social inclusion, music, school dropout, school failure and non-formal education

Résumé

La présente recherche, intitulé *Inclusão Social e Música: o Projeto Centro Cultural de Amarante – Orquestra Geração*, fait partie du Master en sociologie, Faculté des arts, Université de Porto et a été réalisée entre Juillet 2011 et Septembre 2012.

L'Orchestre génération a été mis en place dans la ville d'Amarante en 2010, visant à promouvoir l'inclusion sociale des élèves et d'améliorer leur rendement scolaire. Ainsi, le travail présenté ici est centrée sur la question de la musique comme un élément de l'inclusion sociale de l'intégration des élèves à risque d'abandon scolaire dans l'Orchestre des fonctions spéciales. En ce sens, nous avons cherché à comprendre pourquoi les élèves qui fréquentent Orchestre génération et ce que votre contexte familial et scolaire. Comprendre comment intégrer ces élèves dans le projet, sachant l'impact sur votre vie, à la fois sociale et scolaire et de comprendre comment la musique contribue à l'inclusion sociale. Réalisez aussi, les représentations sociales des parents concernant la participation de leurs enfants à l'Orchestre.

Afin d'atteindre les objectifs proposés, nous avons choisi une stratégie qualitative. L'analyse des documents relatifs à l'Orchestre de génération de contenu, les observations exploratoires et direct, des interviews des enseignants semidiretivas, le directeur du Centre Culturel d'Amarante, le coordinateur pédagogique du projet, le maire de Amarante, le psychologue et le directeur de Groupe des Ecoles Amadeo de Souza-Cardoso.

Cette recherche a permis d'observer le travail de l'Orchestre en apprentissage de la musique, ce qui brouille l'abandon et de l'inclusion ultérieure d'étudiants appartenant à ce projet.

Concepts-clés: Generation Orchestra, l'inclusion sociale, la musique, le décrochage scolaire, l'échec scolaire et l'éducation non formelle

Agradecimentos

O caminho que percorri até aqui foi pautado pela presença de pessoas que o tornaram possível, por isso, gostaria de demonstrar a minha gratidão e reconhecimento pela sua ajuda. Começo por agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Natália Azevedo, pelo esforço, empenho e ensinamentos que me transmitiu durante este último ano, mas também por me ter acompanhado nos anos de licenciatura e de mestrado, que foram pilares essenciais para este trabalho. Não posso, ainda, deixar de agradecer aos professores do Departamento de Sociologia, que durante cinco anos transmitiram conhecimentos valiosos.

Quero, também, agradecer ao Centro Cultural de Amarante, em especial ao diretor o Dr. António Laranjeira Lima, ao Presidente da Câmara Municipal de Amarante, o Dr. Armindo Abreu, aos professores da Orquestra Geração de Amarante e ao diretor e psicóloga do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso pela disponibilidade apresenta.

Gostaria de agradecer à minha mãe e à minha irmã que me acompanharam neste percurso e que estiveram sempre ao meu lado, pois sem o seu esforço não teria sido capaz de chegar ao fim. Por fim, deixo um agradecimento ao Manuel pela paciência, persistência e apoio que demonstrou.

Índice

Índice Figuras	Ix
Índice Quadros	X
Introdução	1
Capítulo I - A música como estratégia de inclusão social	
1.1.Educação formal: um processo social. O sistema educativo nas sociedades contemporâneas ocidentais e as desigualdades na escola	4
1.2.O ensino não formal: a música como forma de inclusão social	9
1.3.O mecenato cultural de empresa no Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração	20
Capítulo II- Desenho da estratégia de investigação. O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração enquanto problema sociológico, modelo de análise e enquadramento metodológico	
2.1. Problema científico e modelo de análise	24
2.2. O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração. Da caracterização do concelho de Amarante à Orquestra Geração de Amarante	28
2.3. Métodos de investigação: análise qualitativa. A análise de conteúdo, a observação direta e a entrevista semidiretiva como forma de aproximação ao Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração	40
2.4. Considerações de percurso: os obstáculos da investigação. Uma reflexão.	43
Capítulo III- Música para a inclusão social. O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração	
3.1. Caracterização sociodemográfica dos entrevistados	45
3.2. Caracterização do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração. Objetivos, pedagogia, organização e dificuldades	47
3.3. Os alunos da Orquestra Geração de Amarante: perfil, modo de inserção e resultados	53
3.4. Os encarregados de educação: participação e representações	58

3.5. Os professores da Orquestra Geração: formação e integração	59
3.6. Comunicação e divulgação das atividades do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração	60
3.7. Recetividade da Orquestra Geração de Amarante	60
3.8. Relação do entrevistado com o projeto: opinião, experiência pessoal, balanço e momentos mais marcantes	61
Considerações finais	64
Referências Bibliográficas	
Monografias	72
Artigos	73
Dissertações de mestrado e doutoramento	75
Dados estatísticos	76
<i>Sites</i> oficiais consultados	76
Anexos	
Anexo i- Análise de conteúdo do artigo “A Orquestra Geração na Escola Básica 2,3 Miguel Torga na Amadora” de Maria Isabel Elvas	77
Anexo ii- Análise de conteúdo do “Relatório e contas 2011”, da Fundação EDP	78
Anexo iii- Análise de conteúdo do artigo “Projeto Orquestra Geração” de António Laranjeira Lima	79
Anexo iv – Observações exploratórias (reuniões com o diretor do Centro Cultural de Amarante e a coordenadora pedagógica da Orquestra Geração) (obs. nº1 e nº2)	82
Anexo v- Grelha de Observação Direta - Sala de aula	84
Anexo vi- Grelha de Observação Direta - Concerto	86
Anexo vii- Guião de entrevista dos professores	88
Anexo viii- Guião de entrevista da coordenadora pedagógica	89
Anexo ix- Guião de entrevista do diretor Centro Cultural de Amarante	91
Anexo x- Guião de entrevista do diretor Agrupamento Escolas Amadeo de Souza-Cardoso Amadeo de Souza-Cardoso	93
Anexo xi- Guião de entrevista da psicóloga	94

Anexo xii- Guião de entrevista do Presidente Câmara de Amarante	95
Anexo xiii- Guião de entrevista dos Encarregados de Educação	96
Anexo xiv- Análise de conteúdo vertical Observação Direta - Sala de aula (obs. nº3)	97
Anexo xv – Análise de conteúdo vertical Observação Direta Concerto no Agrupamento de Escolas Amadeo-Souza Cardoso (obs. nº4)	99
Anexo xvi- Análise de conteúdo vertical Observação Direta Concerto final de estágio Orquestra de Sopros (obs. nº5)	102
Anexo xvii - Análise de conteúdo horizontal observações concertos (obs. nº4 e nº5)	104
Anexo xviii- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº1	106
Anexo xix – Análise de conteúdo vertical da entrevista nº 2	109
Anexo xx- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº3	114
Anexo xxi – Análise de conteúdo vertical da entrevista nº 4	118
Anexo xxii- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº5	121
Anexo xxiii -Análise de conteúdo vertical da entrevista nº6	123
Anexo xxiv - Análise de conteúdo vertical da entrevista nº7	125
Anexo xxv- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº8	128
Anexo xxvi- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº9	135
Anexo xxvii- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº10	142
Anexo xxviii- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº11	146
Anexo xxix- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº12	149
Análise xxx- Análise de conteúdo horizontal das entrevistas dos professores	151
Anexo xxxi – Análise de conteúdo horizontal das entrevistas	160

Índice de Figuras

Figura 2.1: Modelo de análise	28
Figura 2.2: Composição territorial do Concelho de Amarante	29

Índice de Quadros

Quadro 1.1: Relação da Música com as outras áreas do Currículo	19
Quadro 1.2: Tríade Educacional	20
Quadro 2.1: Distribuição da População por local de Residência, no município de Amarante (Nº), à data dos censos de 2001 e 2011	31
Quadro 2.2: Distribuição de População Residente no Município de Amarante, em percentagem, segundo o sexo e o grupo etário, à data dos censos de 2011	33
Quadro 2.3: Indicadores de Educação em Portugal, na Região Norte, na Região do Tâmega e em Amarante, 2009/2010	35
Quadro 2.4: Distribuição dos instrumentos por ano	38
Quadro 2.5: Distribuição horária das aulas da Orquestra Geração	39
Quadro 3.1: Distribuição por sexo dos entrevistados, em percentagem	45
Quadro 3.2: Distribuição por grupo etário dos entrevistados, em percentagem	46
Quadro 3.3: Local de residência dos entrevistados, em percentagem	46
Quadro 3.4: Grau de escolaridade dos entrevistados, em percentagem	46
Quadro 3.5: Profissão principal dos entrevistados, em percentagem	47
Quadro 3.6: Implementação da Orquestra Geração de Amarante	48
Quadro 3.7: Implementação e características da Orquestra Geração de Amarante	48
Quadro 3.8: Pedagogia da Orquestra Geração de Amarante	50
Quadro 3.9: Ambiente em sala de aula	50
Quadro 3.10: Organização das aulas e atividades da Orquestra Geração de Amarante	51
Quadro 3.11: Papel do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso na Orquestra Geração de Amarante	52
Quadro 3.12: Papel da Câmara Municipal de Amarante no projeto Orquestra Geração de Amarante	52
Quadro 3.13: Dificuldades da Orquestra Geração de Amarante	53
Quadro 3.14: Alunos inseridos no projeto Orquestra Geração de Amarante	53
Quadro 3.15: Modo de integração e perfil-tipo dos alunos da Orquestra Geração de Amarante	54
Quadro 3.16: Apoio dado aos alunos do Projeto Orquestra Geração de Amarante	55

Quadro 3.17: Perfil, atitude e modalidades de interação dos alunos em concerto	56
Quadro 3.18: Mudanças dos alunos da Orquestra Geração de Amarante	57
Quadro 3.19: Público das apresentações da Orquestra Geração de Amarante: perfil-tipo, atitude no espaço e modalidades de interação	58
Quadro 3.20: Encarregados de educação do projeto Orquestra Geração de Amarante	59
Quadro 3.21: Formação e seleção dos professores da Orquestra Geração de Amarante	60
Quadro 3.22: Comunicação e divulgação das atividades da Orquestra Geração de Amarante	60
Quadro 3.23: Recetividade do projeto Orquestra Geração de Amarante	61
Quadro 3.24: Opinião dos entrevistados sobre a inclusão social através da música	61
Quadro 3.25: Experiência pessoal dos entrevistados na Orquestra Geração de Amarante	62
Quadro 3.26: Momentos mais marcantes dos entrevistados no projeto Orquestra Geração de Amarante	63

Introdução

A investigação aqui apresentada está inserida no Mestrado de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e intitula-se *Inclusão Social e Música: o Projeto Centro Cultural de Amarante – Orquestra Geração*. O trabalho debruça-se sobre a inclusão social através da música no Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração criado em 2010, a partir de uma parceria entre o Centro Cultural, o Conservatório Nacional de Música e a Fundação EDP. Este projeto visa a educação musical clássica gratuita, através da construção de uma orquestra com determinadas especificidades, a alunos sinalizados pela escola como em risco de abandono escolar.

O modelo base da Orquestra Geração de Amarante é o projeto criado em 2007 na cidade da Amadora e que se estendeu pela Área Metropolitana de Lisboa. Este é inspirado no programa das Orquestras Infantis e Juvenis da Venezuela, da qual é exemplo máximo a Orquestra Simón Bolívar. O seu principal objetivo é promover a inclusão social dos alunos e melhorar o seu desempenho escolar. Assim, o propósito apresentado nesta investigação é centrarmo-nos nos alunos que frequentam o Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração, já que o programa foi criado para um perfil-tipo de alunos (em risco de abandono escolar) entre os 10 e os 15 anos de idade, com dificuldades escolares, familiares e sociais. Desta forma, através de um ensino não formal de música o modelo propõe-se a permitir a inclusão social e escolar dos seus alunos. Neste caso, a cultura, mais concretamente na sua vertente musical, assume-se como um fator agregador e impulsionador, pois através dela “*é possível explorar soluções inovadoras no fomento da participação social dos agentes, novos formatos educativos/formativos, valorizar a componente do lazer nas vivências quotidianas, de apoio social, etc.*” (Guerra; Quintela, 2007, p.1).

Tendo em conta que a Orquestra Geração se dirige a alunos entre os 10 e os 15 anos de idade em risco de abandono escolar, esta torna-se a nossa população-alvo. Neste sentido, tentamos perceber o Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração enquanto realidade microsocial, centrada na inclusão social e na educação musical. Por isso, é pertinente começar por questionar: de que forma o ensino da música e a integração numa Orquestra Juvenil com características específicas proporciona a inclusão social dos alunos em risco de abandono escolar? Neste seguimento, pretende-se, por um lado, compreender quais os alunos que frequentam a Orquestra Geração e qual o seu contexto escolar e familiar, por outro lado, entender o modo de integração dos alunos no projeto, conhecer o impacto que este tem na vida dos estudantes, tanto a nível social como escolar e compreender como a música contribui para a inclusão social. Por fim, perceber as representações sociais dos encarregados

de educação em relação à participação dos seus educandos na Orquestra. Neste intuito, o estudo está organizado em diferentes capítulos e subcapítulos que permitem a exposição e justificação do conhecimento produzido.

O capítulo apresentado em primeiro lugar intitula-se *A música como estratégia de inclusão social*. Aqui é elaborada uma revisão do estado da arte e são definidos os limites da investigação no que diz respeito à teoria. Num primeiro momento aborda-se a questão da educação formal enquanto processo social, seguindo-se a teorização sobre o sistema educativo nas sociedades ocidentais e as desigualdades que podem ser criadas na escola. Posteriormente é organizada uma apresentação que pretende explorar a música como uma forma de inclusão social enquanto uma vertente do ensino não formal, dando destaque a questões como o insucesso escolar, o abandono escolar, a exclusão e a inclusão social e o ensino não formal. Finaliza-se este capítulo com a temática do mecenato cultural de empresa tendo em conta a sua forte presença na Orquestra Geração.

Neste seguimento apresenta-se o capítulo correspondente ao *Desenho da estratégia de investigação. O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração enquanto problema sociológico, modelo de análise e enquadramento metodológico*. Num primeiro momento é feita uma exposição e delimitação do problema científico e do modelo de análise, define-se a questão de partida, os objetivos, a população-alvo e as hipóteses teóricas. No subcapítulo seguinte é elaborada uma exploração do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração, começando por uma abordagem sociodemográfica do concelho de Amarante, onde são destacados os aspetos mais relevantes que se relacionam com o município e são apresentados alguns dados estatísticos referentes à população, nomeadamente, o número de habitantes por freguesia e a sua distribuição por grupo etário e sexo e os indicadores referentes à educação, como a taxa bruta de pré-escolarização e de escolarização, a taxa de retenção e desistência no ensino básico e a taxa de transição/conclusão no ensino secundário. De seguida, apresenta-se uma contextualização histórica e social da Orquestra Geração, começando pela sua base o *El Sistema* até à sua implementação em Amarante. O subcapítulo seguinte corresponde aos métodos de investigação utilizados, desde as opções metodológicas até às técnicas fundamentais. Desta forma, é abordada a análise qualitativa intensiva e na sua sequência é elaborado um confronto entre as características da Orquestra e as técnicas escolhidas, a análise de conteúdo de fontes documentais, a observação exploratória, a observação direta e a entrevista semidiretiva. O último subcapítulo refere-se a uma reflexão sobre o caminho seguido e as dificuldades que se foram atravessando e tentativa de resolução.

Finalmente surge o capítulo relativo à análise e interpretação dos dados recolhidos, que se encontra dividido em vários subcapítulos. O primeiro diz respeito à caracterização sociodemográfica dos entrevistados para uma melhor compreensão e contextualização dos dados recolhidos. Posteriormente é realizada uma caracterização do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração, com especial atenção aos seus objetivos, pedagogia, organização e dificuldades encontradas pelos entrevistados. De seguida, é analisado o perfil dos alunos inseridos no projeto, o seu modo de integração e os resultados que a Orquestra Geração de Amarante tem apresentado. Após esta caracterização é realizada uma análise relativa à participação e interesse dos encarregados de educação em relação à inserção dos seus educandos no projeto. Os professores são, igualmente, uma parte importante da Orquestra Geração, por isso analisam-se questões relacionadas com a sua formação e integração. Por outro lado, explora-se a questão da comunicação e divulgação das atividades do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração e, noutro momento, analisa-se a receptividade que o projeto tem tido a vários níveis. Por último, elabora-se uma análise da relação dos entrevistados com a Orquestra Geração de Amarante, em especial a sua opinião sobre a música como forma de inclusão social, a sua experiência, o balanço que fazem e os momentos que destacam.

Capítulo I- A música como estratégia de inclusão social

Perceber a inclusão social através da música, mais concretamente a partir do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração, no qual estão inseridos alunos sinalizados pela escola como em risco de abandono escolar, implica começar por explorar a temática da Educação. Neste sentido, analisa-se a educação enquanto um processo social que tem vindo a ser modificado ao longo dos anos, mas para além disto explora-se a questão da educação formal, ou seja, o sistema educativo nas sociedades contemporâneas ocidentais, para poder definir-se as possíveis desigualdades que podem ser criadas dentro deste sistema e que podem estar na base da sinalização dos alunos que frequentam a Orquestra Geração. Após esta primeira abordagem apresenta-se uma análise sobre a educação não formal, que poderá ser vista como uma alternativa que conduz à inclusão social e escolar. A partir daqui propõe-se a exploração do ensino da música como uma vertente da educação não formal que pode funcionar como uma resposta para um caminho a seguir e com a finalidade de atingir a inclusão social, tendo como exemplo a Orquestra Geração desenvolvida no município de Amarante. Por fim, aborda-se a temática do mecenato cultural de empresa e do empreendedorismo social, que colocam agentes sociais diferenciados a funcionar em rede para dar resposta à construção de um projeto que se propõe visar a inclusão social, por isso, estamos a falar da intervenção de privados em questões sociais mais abrangentes.

1.1. Educação formal: um processo social. O sistema educativo nas sociedades contemporâneas ocidentais e as desigualdades na escola

A educação é uma parte integrante das sociedades e tem de ser encarada sob dois aspetos, o primeiro que diz respeito à *“metodologia tradicional de vivência e integra o indivíduo na vida de relação (...) Condiciona o comportamento individual ao comportamento do grupo e integra-o nos padrões culturais deste. O outro aspecto liga-se à preparação técnica e intelectual e forma o indivíduo para ser factor produtivo na sociedade”* (Tavares, 1999, p.34-35).

Segundo Émile Durkheim a *“educação sofreu variações infinitas, consoante os tempos e os países. Nas cidades gregas e latinas, a educação preparava o indivíduo para que este se subordinasse cegamente à colectividade, para que se transformasse na «coisa» da sociedade. Hoje em dia, ela esforça-se por transformá-lo numa personalidade autónoma”* (Durkheim, 2001, p.7). A educação não é a mesma em toda a história, varia mediante as sociedades e a época histórica, o que proporciona a existência de vários tipos de educação e princípios educativos. Logo, a educação não é homogénea e não é genérica. Verifica-se que

“cada sociedade, considerada num determinado momento do seu desenvolvimento, possui um sistema educativo que se impõe aos indivíduos com uma força irresistível” (Durkheim, 2001, p. 8).

Por conseguinte, o que define as grandes diferenças na educação são os seus objetivos, pois *“entre as sociedades indígenas, pode-se dar valor à educação do corpo, à robustez física; na sociedade capitalista, predomina a orientação individualista, em que a competição é um processo básico; na sociedade socialista, parece prevalecer a orientação coletivista, com ênfase na solidariedade e na cooperação para objetivos comuns”* (Piletti, 2004, p.112). Mas mesmo no interior de uma sociedade a educação varia, a educação diverge consoante as particularidades que rodeiam os indivíduos. Embora existam todas estas diferenças não deixa de haver um ponto em comum nos vários tipos de educação, em todas elas o grande objetivo é introduzir nas gerações seguintes ideias, sentimentos e práticas que podem fazer delas adultas e parte integrante da sociedade (ibidem).

Perante este cenário observa-se que *“cada sociedade tem para si um certo ideal do homem, daquilo que deve ser, tanto do ponto de vista intelectual, como físico e moral”* (Durkheim, 2001, p.12). Assim e, seguindo a linha de pensamento de Émile Durkheim, a educação tem como função, em primeiro lugar, suscitar na criança um determinado número de estados físicos e mentais tidos como essenciais na sociedade de pertença. Em segundo lugar, a educação de certos estados físicos e mentais considerados pelo grupo social particular devem fazer parte de todos os elementos a ele pertencentes. Mas se por um lado, existe esta necessidade de homogeneização para poder existir uma cooperação dentro da sociedade e esta funcionar, por outro lado *“sem uma certa diversidade, qualquer cooperação seria impossível: a educação assegura a persistência dessa diversidade necessária, diversificando-se a si própria e especializando-se”* (ibidem, p.13-12).

Podemos, então, concluir que *“todas as práticas educativas (...) possuem um carácter essencial comum: resultam, todas elas, da acção exercida por uma geração sobre a geração seguinte, com vista a adaptar esta última ao meio social no qual ela é chamada a viver”* (ibidem, p.32). Isto significa que é através da educação que se dá a transmissão de grande parte da socialização.

Cada sujeito pode ser analisado como uma junção de dois seres (ibidem, p.13). Temos o lado constituído pelos estados mentais ligados ao eu e aos acontecimentos pessoais e o lado ligado ao grupo ou diferentes grupos dos quais os indivíduos fazem parte e que diz respeito ao sistema de ideias, de sentimentos e de hábitos. O ser social vai corresponder ao conjunto destas duas partes. Consequentemente é possível afirmar que a educação é socialização e

começa desde logo na vida dos sujeitos. O que significa que a socialização primária “*decorre durante a infância e constitui o período mais intenso de aprendizagem cultural. É a altura em que a criança aprende a falar e aprende os mais básicos padrões comportamentais que são os alicerces de aprendizagens posteriores*” (Giddens, 2007, p.28). E é à família “*que compete dirigir o seu desenvolvimento, intelectual e moral*” (Durkheim, 2001, p.19). Compreende-se, então, que a educação começa em casa desde o nascimento e desempenha “*um papel fundamental, proporcionando experiências, referências, competências, linguagens, valores estruturantes do processo de escolaridade dos jovens*” (Abrantes, 2003, p. 101).

Embora a família tenha um papel central na educação a partir do século XVIII esta passa, progressivamente, de “*«um bem privado» do qual os indivíduos e as famílias podem fazer o uso que querem, para um «bem público» condicionada pela noção de «bem comum»*” (Candeias, 2009, p.9). O Estado começa, assim, a ter um papel muito importante nesta área, pois a educação passa a ser uma função social e o “*Estado não pode desinteressar-se dela*” (Durkheim, 2001, p.20).

O sistema educativo conheceu o seu grande desenvolvimento a partir do processo de industrialização e de expansão das cidades, na segunda metade do século XVIII quando a burguesia se tornou mais forte. A escola da nobreza acabou por ser substituída, pois deixou de ser dada tanta importância ao saber literário e à filosofia e passou a centrar-se a educação nas disciplinas científicas, o que fez aumentar a procura pela instrução especializada, “*por forma a produzir uma força de trabalho educada e capaz*” (Giddens, 2007, p.495). Surgiram, assim, dois tipos de escola: a da burguesia, a partir da qual se podia ir para a universidade e a dos trabalhadores, onde o grau máximo era o ensino básico.

Por outro lado, o desenvolvimento de diferentes ocupações e o facto de os sujeitos se encontrarem mais tempo fora do lar não possibilitava que os conhecimentos fossem apenas transmitidos diretamente de pais para filhos. Neste sentido, com a criação dos Estados Nação e a construção da democracia moderna as famílias dividem com o Estado a responsabilidade e o trabalho de formação das gerações mais novas. Deste modo, segundo defende Giddens, nas sociedades modernas as pessoas passam a ter aptidões básicas como ler, escrever e calcular, mas também um conhecimento geral relacionado com o meio físico, social e económico, ao mesmo tempo que se torna essencial saberem aprender para puderem dominar formas de informação novas (ibidem, p.496).

Após a II Guerra Mundial houve um aumento da procura da escola, o que originou a necessidade de acolher alunos vindos de todos os grupos sociais e garantir a igualdade de acesso à escola e a todos os benefícios que dela provêm: a instrução, a socialização, a

educação, as qualificações e os títulos escolares. Posteriormente, à igualdade juntaram-se outros objetivos: a discriminação positiva para dar oportunidades a alunos que não reuniam as mesmas condições de sucesso escolar; a diferenciação pedagógica que diferencia o atendimento escolar para facilitar um sucesso escolar generalizado; a diversificação escolar que permite criar vários géneros de escolas para diferentes públicos, proporcionando a criação de diversos diplomas (Azevedo; Silva; Fonseca, 2000, p.3).

Desta forma, o sistema educativo é um dos “*processos fundamentais de socialização da Modernidade*” (Candeias, 2009, p.8). É um processo que se expandiu e sistematizou como um sistema de socialização obrigatório que tem na escrita o seu grande utensílio. Para Bourdieu “*a instituição escolar contribui (...) para reproduzir a distribuição do capital cultural e, assim, a estrutura do espaço social*” (Bourdieu, 1996, p.35).

Em Portugal a democratização social através da educação escolar iniciou-se tardiamente, apenas nos finais dos anos 60 do século XX. Tal como em muitos outros países começou a crescer a necessidade de mão-de-obra qualificada, o que “*fez com que predominasse na política educativa a perspectiva funcional da educação – educação como preparação para o mundo do trabalho*” (Abreu, 2007, p.34). Pode-se, então, perceber que no século XX assistiu-se a uma transformação da escola, esta passa a estar aberta a todos e “*Actualmente, todos os sistemas de ensino têm por objectivo dar uma educação de base a todos os cidadãos*” (Crahay, 2002, p.9).

Nas sociedades contemporâneas “*A escola detém (...) um papel incontornável na vida das crianças e dos Jovens*” (Quaresma, 2011, p. 11). Assiste-se a uma massificação escolar que tem como base a sua obrigatoriedade e gratuidade, logo “*frequentar a escola torna-se uma característica indissociável da condição de criança e de jovem*” (ibidem). A escola tem como grande objetivo a socialização e não perde importância ao longo do tempo, mesmo nos chamados *tempos de crise* ela continua como parte integrante da vida quotidiana dos alunos, pois mesmo “*Face ao agravamento dos problemas globais (...) é na escola (...) que o imaginário social concentra todas as esperanças de resolução*” (ibidem, p.15).

No entanto, mesmo a escola estando tão presente na vida dos alunos “*tende a permanecer um mundo distante da vida, sobretudo da vida das classes populares, cujas disposições culturais não estão em osmose com a cultura escolar, como acontece com os jovens oriundos das classes sociais mais capitalizadas para quem a socialização escolar constitui (...) um prolongamento da sua cultura familiar e das disposições adquiridas na socialização primária*” (Quaresma, 2011, p.17). Assim, através daquilo a que podemos chamar de *socialização escolar* é conferida aos alunos a importância dos saberes teóricos, do

discurso e verbalização e é apreendido um *saber-estar* e *saber ser*, em conformidade com o que é tido, pela sociedade, como normalizado num contexto escolar.

Perante estas características pode-se depreender, segundo Pierre Bourdieu, que o sistema escolar mantém “*a ordem preexistente, isto é, a separação entre os alunos dotados de quantidades desiguais de capital cultural (...) ele separa os detentores de capital cultural herdado daqueles que não o possuem*” (Bourdieu, 1996, p. 37). As escolas reforçam as variações nos valores culturais e nas perspectivas adquiridas num período anterior da vida.

Esta questão transporta-nos para a noção de Capital Cultural (Bourdieu, 1998) que corresponde a um conjunto de recursos relacionados com a posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, nas quais os agentes olham-se como pares ou como fazendo parte de certo(s) grupo(s) e estes agentes têm propriedades comuns e estão unidos pelas ligações permanentes e úteis. Sendo que o Capital Cultural existe sob três formas (ibidem): no *estado incorporado* através de disposições duráveis do organismo, a incorporação encontra-se ligada ao corpo e é marcada no tempo, exige assimilação; no *estado objetivado* onde assume a forma de bens culturais que são possíveis de ser transmitidos de forma relativamente instantânea em relação à propriedade jurídica; e no *estado institucionalizado* com a junção nos títulos e certificados escolares que guardam uma limitada independência em relação ao portador do título, cria o capital cultural pela vertente coletiva.

O sistema escolar vai transformar as diferenças iniciais que resultam da transmissão familiar da herança cultural em desigualdades (ibidem). Os alunos provenientes de famílias com menor capital cultural apresentam uma relação com as obras de cultura veiculadas pela escola tensa e os alunos que provêm de famílias munidas culturalmente têm uma relação oposta, marcadamente mais facilitada. Logo, a reprodução do capital social é tributária das instituições que têm como objetivo favorecer “*as trocas legítimas e a excluir as trocas ilegítimas, produzindo ocasiões (...), lugares (...) ou práticas (...) que reúnem, de maneira aparentemente fortuita, indivíduos tão homogêneos quanto possível, sob todos os aspectos pertinentes do ponto de vista de existência e da pertinência do grupo*” (Bourdieu, 1998, p.10).

Na atualidade, as clivagens escolares dizem respeito a uma segregação interna ao sistema educacional que separa os alunos através do caminho escolar, do tipo de estudos, do estabelecimento de ensino, da sala de aula e das opções curriculares. É, por isso, um processo complexo. Assim, a escola continua a ser “*um dos factores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural*” (Bourdieu, 1998, p.41).

Para Basil Bernstein (Bernstein, 1975) as crianças de origens sociais diferentes vão desenvolver códigos ou formas de discurso diferentes, que mais tarde irão interferir nas suas experiências escolares. Neste sentido, nas crianças da classe trabalhadora encontra-se um código restrito que corresponde a um discurso relacionado com um contexto cultural específico, onde há uma tendência para uma cultura intensamente familiar ou local com os valores e normas tidos como evidentes e, por isso, não são expostos em linguagem. O que torna a linguagem do código restrito mais própria para a comunicação de experiências práticas do que para ideias abstratas, processos ou relações. Mas, também, existe um código elaborado que se encontra, mais predominantemente, nas crianças de classes superiores. É uma linguagem onde o significado das palavras pode ser individualizado para existir uma adaptação a situações particulares. Logo, o código dominante ou código elaborado é aquele que é utilizado pelas classes superiores, permitindo às crianças deste meio uma maior capacidade de compreensão da educação escolar formal em comparação com as crianças que assumem uma linguagem restrita.

Perante estas questões percebe-se que existem falhas que é preciso colmatar, não se defende que a escola deva ser extinta, nem que a educação que nela ocorre não é importante para os seus alunos. Aliás, atualmente, “*a escola está cada vez mais presente nos quotidianos juvenis*” (Abrantes, 2003, p.93). Assim, torna-se necessário encontrar possíveis soluções para as desigualdades criadas na escola e consequente exclusão. Mediante isto, propõe-se explorar a educação não formal para se perceber se esta pode servir, em conjunto com a educação formal, de base para combater a exclusão e as desigualdades que podem ser criadas ao longo do percurso escolar dos alunos.

1.2.O ensino não formal: a música como forma de inclusão social

A escola é percecionada pelos alunos de forma distinta, para alguns é um suporte para a construção da identidade e da vida em sociedade e para outros a escola é uma imposição, o que torna o abandono escolar uma escolha para estes alunos. Mas “*a relação dos jovens com a escola é sempre enformada por dinâmicas estruturais mais vastas (económicas, culturais, políticas)*” (Abrantes, 2003, p.97).

É através da educação primária que vão sendo desenhadas as primeiras noções sobre a escola e a sua função, o que implica que haja uma diferença entre os alunos. Para uns a escola é descrita como o caminho fundamental para a construção profissional e como um local de construção identitária, mas para outros a escola é desenhada como um local de obrigatoriedade e de pequena passagem para o mercado de trabalho. No entanto, estes são

apenas dois cenários possíveis, mesmo aqui existe heterogeneidade. Apesar de a educação primária estar ligada ao contexto socioeconómico das crianças, como tal em classes mais elevadas os alunos tendem a dar mais valor à escola e em classes mais baixas a dar menos, isto não é uma regra que possa ser generalizada, pois “*observam-se diversos casos de jovens provenientes de famílias com poucos recursos económicos e culturais que não só vão permanecendo na escola (...) como se revelam perfeitamente integrados no espaço escolar e obtêm classificações (...) Por outro lado, alguns jovens das classes qualificadas, desencantados com a escola, preferem investir em actividades do espaço escolar, obtendo resultados suficientes ou medíocres*” (Abrantes, 2003, p.101-102).

Daqui advém a questão do insucesso escolar: O que é? Porque é que ocorre? São várias as perspetivas sobre estas interrogações. A *teoria dos dotes*, que vigorou entre o final da Segunda Guerra Mundial até finais dos anos 60 do século XX, baseava-se “*em «explicações psicológicas individuais» o que fazia depender das capacidades e da inteligência dos alunos, «dos seus ‘dotes’ naturais*” (Benavente cit. por Tavares, 1999, p.178). A teoria do *handicap sociocultural* foi utilizada entre o final da década de 60 e princípio dos anos 70 do século XX e tem como base explicações de natureza sociológica, já que para os seus autores o insucesso escolar estaria ligado à origem social do aluno e à sua base cultural aquando da sua entrada na escola (ibidem). Já o paradigma social e o económico defendem que as desigualdades que levam ao insucesso escolar estão ligadas às diferenças de rendimentos e de condições materiais (Hutmacher; Souta cit. por Tavares, 1999, p.178). Na visão do paradigma cultural o insucesso escolar deve-se às diferenças culturais que provêm da pertença a determinados grupos, o insucesso ocorre devido a uma inadaptação das estratégias de ensino (ibidem).

Para Manuel Viegas Tavares (Tavares, 1999) o insucesso escolar está ligado a uma falha na transmissão e compreensão de uma mensagem que mesmo funcionando nos dois sentidos, entre professor e aluno, o maior responsável é o professor. No entanto, esta responsabilidade é possível de ser dissolvida nos vários agentes educativos e sociais. O autor imputa à escola a responsabilidade do insucesso, implicando uma análise à política de ensino e ao seu afastamento da realidade social. Na sua perspetiva “*as causas do insucesso escolar são variadas e podem depender tanto de factores endógenos como de factores exógenos à Escola*” (Tavares, 1999, p.179). Desta forma, tem-se como fatores exógenos essenciais as características socioeconómicas e culturais da comunidade pedagógica; a origem sociocultural do aluno e o modo como se processou a sua enculturação; a profissão e habilitação dos pais e o ambiente familiar; o tipo de habitação em que vivem e a distância à Escola; os grupos e

gangs existentes na comunidade aos quais pertença ou não, entre outros. No que diz respeito aos fatores endógenos tem-se em conta: as habilitações e a preparação profissional do corpo docente; os conflitos institucionais; as relações professor-professor, professor-aluno, aluno-aluno, pessoal auxiliar-aluno e professor-pessoal auxiliar; a existência e disponibilidade de equipamento didático; estado de conservação das instalações e mobiliário; recreios e salas de convívio; a relação entre alunos/aula, entre outros aspetos (ibidem, p.180).

Na perspetiva de Capucha é possível agrupar os fatores do insucesso escolar da seguinte forma (Capucha, 2010, p.41): por um lado, o desajustamento entre capital cultural de origem das famílias e a linguagem tradicional da escola, originando dificuldades especiais nos alunos de meios populares. Em seguida, a desarticulação entre a escola, famílias e o mercado de trabalho o que, em diversos casos, leva ao abandono escolar precoce para a entrada no mercado de trabalho. Por outro lado, o próprio funcionamento interno do sistema de ensino. Finalmente, a relação entre os agentes educativos e os alunos com problemáticas específicas. Percebe-se, desta forma, que o insucesso escolar e consequente exclusão está ligado a diferentes fatores e não apenas ao aluno. O insucesso escolar *“atinge um elevado número de alunos, retardando a sua evolução no sistema de ensino, ou acabando mesmo por deixar os estudos com ou sem «bilhete de entrada» para a vida activa”* (Carneiro, 1997, p.265). Maria do Rosário Carneiro afirma que, anteriormente, o insucesso escolar era visto como um sinal de exigência do ensino e o abandono escolar era a solução para a maior parte das situações de desencontro entre aluno/escola (ibidem). No entanto, esta ideia já não é aceite e, por isso, *“Não basta criar condições de acesso à educação, é acima de tudo necessário cuidar das condições de frequência e de resultados”* (ibidem). Neste contexto, não só a escola enquanto instituição tem um papel no que diz respeito ao insucesso escolar, como os próprios professores têm uma função importante, por isso é necessário que o professor *“disponha de autonomia suficiente para desempenhar a sua função e que saiba como utilizá-la na adequação do processo de ensino/aprendizagem”* (Carneiro, 1997, p.313). Por seu turno, a família tem de estar cada vez mais implicada na vida escolar dos seus membros (ibidem).

Neste seguimento, poderá ser levantada mais uma questão: O que é um aluno em risco de abandono escolar? Já observamos que o insucesso escolar leva, muitas vezes, ao abandono escolar, mas para prevenir este fim é preciso perceber o perfil de um aluno que se encontra em vias de abandonar o ensino, para, posteriormente, entender as razões do seu insucesso escolar. Pode dizer-se que os alunos em risco de abandono escolar são aqueles que *“vivem em áreas desfavorecidas, no seu meio familiar não há lugar para o diálogo, as fracas ambições originam fracos resultados. Por outro lado, há a atracção pelo mercado de trabalho, pela*

ânsia de se verem independentes das suas famílias, de serem crescidos” (Carneiro, 1997, p.319).

Pode, então, definir cinco fatores ligados ao abandono escolar (ibidem, p.304): a construção de um conjunto de expectativas que se revelam demasiado elevadas em relação à educação; a existência de dificuldades de inserção no contexto escolar; o número de aulas, ritmos de ensino e o conteúdo dos programas; a presença de dificuldades em dar resposta a todos os alunos de forma integradora e encorajante; e, por último, a existência de perspectivas de inserção no mercado de trabalho em conjunto com as noções de lucro e de consumismo.

Neste contexto são suscitadas outras questões relativas ao insucesso escolar e ao abandono escolar, questões relacionadas com a exclusão, mas não só a exclusão escolar como igualmente a social, uma vez que as crianças em risco de abandono escolar estão inseridas em contextos que podem possibilitar a sua exclusão social.

Parte-se, assim, do pressuposto que a inclusão social está intrinsecamente ligada à existência de exclusão, que advém das diferenças reais ou percebidas entre pessoas e que criam tensões que conduzem à discriminação e intolerância (Rizzini; Bush, 2006, p.79). Esta é uma questão muito presente na sociedade contemporânea e que tem gerado diversos debates que visam colocar em prática soluções a longo prazo. Neste campo, Max Weber defende o conceito de “*estratégias de fechamento*” (Weber cit. por Capucha, 2010, p.26). O fechamento por exclusão diz respeito às estratégias das classes sociais com maiores recursos económicos e profissionais colocadas em prática com o objetivo de conservar o seu acesso aos recursos. Durante vários anos o conceito de exclusão esteve colocado de parte destacando-se mais o conceito de pobreza, só mais tarde, através dos estudos feministas e de etnicidade, é que se passou a dar mais importância à abordagem das desigualdades em detrimento da problemática das classes sociais e da estratificação.

Nos anos 80 e 90 do século XX surge, novamente, a temática da exclusão através de estudos de autores como Room, Paugan e Castel (Capucha, 2010, p.26). Nos vários trabalhos que foram desenvolvidos pode observar-se a exclusão “*como uma realidade dinâmica, que varia com a trajectória das pessoas mas também com os processos de construção social dos direitos e deveres e com a reconstrução das identidades e representações sociais; multidimensional, envolvendo quer dimensões materiais da existência, quer dimensões subjectivas; e relacional, em dois sentidos: chama a atenção para a importância das pertenças sociais e, ao mesmo tempo, para a relação entre as pessoas e as instituições, nas quais se inscrevem os recursos e as regras que conferem o acesso aos direitos*” (Capucha, 2010, p.26).

Na sociedade portuguesa uma das questões que se tem colocado, nesta área, é o assistencialismo que continua a ser uma prática comum, no entanto, este tipo de estratégia tende a avaliar os excluídos *“com medo, com pena, ou com uma combinação dos dois sentimentos.”* (Guerra, 2008, p.2). Esta ideia permite-nos perceber que tem de se ultrapassar a mera questão do assistencialismo para serem apresentados resultados de forma a atingir uma efetiva inclusão social, o que se pretende é *“preparar o futuro de pessoas que, pelas características que lhes são inerentes, tendem a reproduzir a sua situação precária de sobrevivência”* (ibidem, p.4). Assim, para existir uma verdadeira inclusão social *“é preciso mudar a forma de pensar e agir, é preciso respeitar o outro como ele é, respeitar as diferenças e o tempo de aprendizagem de cada ser”* (Oliveira, 2008, p.43).

Tendo em vista todo este cenário percebe-se que com o insucesso escolar e a exclusão escolar e social *“não é só a escola que é posta em causa (...) é todo um conjunto de problemas: sociais, económicos, familiares e de desenvolvimento dos jovens”* (Carneiro, 1997, p.265). Assim, segundo o nosso ponto de vista, é preciso encontrar alternativas que possam funcionar em conjunto com a escola para evitar o abandono escolar, mais especificamente, a exclusão social. Desta forma, apresenta-se uma análise sobre a educação não formal através da inserção numa Orquestra com características específicas, como uma possibilidade de estratégia de educação inclusiva.

Tem de se começar por entender que os alunos têm especificidades sociais, familiares e económicas que limitam as suas possibilidades. O que se verifica é que as desigualdades presentes na sociedade podem existir na escola, por isso *“é necessário que se procure atender às particularidades individuais dos alunos, proporcionando um ensino tão personalizado quanto possível. Encarar os grupos de alunos como homogéneos é ignorar a diversidade cultural e social que existe e com a qual todos contactam diariamente”* (Abreu, 2007, p.38). Neste sentido, a educação na escola não se pode limitar à transmissão de saberes. Tem de se perceber, então, que *“O contrário da educação inclusiva é (...) uma educação que se opõe à educação que segrega ou exclui uma parte daqueles que é suposto incluir”* (Capucha, 2010, p.25).

Primeiramente é preciso construir respeito pela variedade para que nenhum aluno seja excluído, isto é, fazer com que cada aluno se possa identificar e situar na sua comunidade de pertença principal, para tal há que lhe fornecer meios, o que implica a promoção de uma educação intercultural que permita chegar a uma coesão. Mas é, igualmente, necessário que o sistema educativo não leve a cenários de exclusão. Isto significa, o esquema de estímulo não

pode criar exclusão, no sentido em que não se pode assistir a uma prática excessivamente seletiva baseada nos resultados escolares (Delors, 2000, p.48).

Em conformidade, para que se assista ao sucesso na inclusão social, através da educação, é necessário acolher e ajudar a desenvolver cada um dos alunos, através de *“uma maior atenção ao desenvolvimento dos vários tipos de inteligência, com destaque para a importância das aprendizagens artísticas e do domínio das expressões pessoais; o reforço da acessibilidade, da flexibilidade e da individualidade, como características centrais de novos planos de estudo; uma maior conjugação entre professores e pais nas complexas tarefas educativas; a criação de equipas fixas de professores que acompanhem grupos fixos de alunos, facilitando o contacto humano essencial ao apoio ao desenvolvimento de cada um”* (Azevedo; Silva; Fonseca, 2000, p.5).

Desta forma, não podemos olhar os alunos como seres passivos, tem de se ter em conta as suas características para se desenhar um plano pedagógico que permita destacar o aluno. Assim, é necessário o desenvolvimento de estratégias que possam levar à responsabilização, que permitam o contacto com a diferença, de forma a criar um olhar mais sensível que conduz a uma ação mais consciente. Por isso, os alunos têm de ser formados para terem a sua própria iniciativa e capacidade de trabalhar com os outros, o que indica que *“mais esforços devem ser feitos no sentido de promover a criatividade e a capacidade crítica dos jovens e das crianças”* (Abreu, 2007, p.13). Outra questão é o controlo sobre a realidade exterior por parte dos alunos. As pessoas atuam de acordo com a ideia que têm delas próprias, o que permite estimular a importância da escola no contexto da construção de projetos individuais.

Por outro lado, é preciso trabalhar e desenvolver planos que tenham em consideração a dimensão organizacional e curricular, sendo aqui o papel do professor fundamental, como tal, é necessária *“uma formação simultânea, de formação na acção, onde o Professor aprenda fazendo, aprenda reflectindo e analisando as falhas e os êxitos da sua acção, num processo contínuo de «prática reflexiva»”* (Schön; Zeichner cit. por Sousa, p.1). Por isso, a formação dos professores deve começar desde o início da sua carreira, pois *“Todos os professores necessitam ser equipados com as capacidades necessárias para lidarem com questões de necessidades especiais”* (Tilstone; Florian; Rose, 2003, p.26).

Não se pode esperar que a educação resolva todas as falhas criadas por outros agentes sociais no que diz respeito aos laços sociais, mas a educação deve conduzir à coesão social. Deve, por isso, transmitir de forma eficaz os saberes adaptados à realidade cognitiva, que permitam revelar-se como competências a serem utilizadas no futuro. Poderá, então,

afirmar-se que a inclusão na educação “*não é um trabalho isolado do educador, mas um trabalho de toda a sociedade ou comunidade envolvida em melhorar a qualidade de vida dessas pessoas*” (Oliveira, 2008, p.44-43).

Existem diversas formas de viver a educação escolar por parte dos alunos. Assim, é importante perceber que a educação não pode estar apenas assente em normas, valores e pedagogias que não mudam e não se transformam, é necessário perceber as vivências dos vários alunos e criar alternativas que favoreçam o sucesso escolar e a inclusão.

Neste intento, compreende-se que podem ser várias as estratégias que vão sendo usadas no campo da inclusão social, no entanto, a estratégia que aqui explorámos e à qual damos relevo é a música, mais concretamente a inserção numa orquestra com características muito específicas.

A cultura, área onde se integra a música, tornou-se uma forma de impulsionar e potenciar várias dinâmicas sociais, tornou-se uma forma de inovar, em especial no que concerne aos planos pedagógicos. Segundo defendem Paula Guerra e Pedro Quintela a utilização da cultura para fins pedagógicos constitui “*iniciativas em prol da realização de actividades valorizadas pelas próprias pessoas enquanto actores participantes numa comunidade*” (Guerra; Quintela, 2007, p.1). Neste sentido, é um elemento passível de ser usado no desenvolvimento do ser humano e, conseqüentemente, na inclusão social.

Por outro lado, a música está intrinsecamente ligada à arte, “*uma das instituições sociais primárias que procura resolver simbolicamente o enigma da vida*” (Dias, 2001, p.9). A utilização da arte na educação não é algo novo, sendo defendida por Herbert Read (Read cit. por Sousa, 2003) ao afirmar que a expressão livre, o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação que advêm de uma educação artística, permite aos alunos conseguirem ter inspiração, motivação da expressão dos seus sentimentos e estímulo da criatividade, sempre num cenário lúdico, expressivo, criativo e livre. Para este autor a arte na educação tem um papel fundamental na formação da personalidade, uma vez que visa um desenvolvimento equilibrado entre a individualização e a integração, isto é, existe uma consonância entre o individual e a unidade social. A arte é, então, um elemento na vida dos alunos que permite a conciliação entre a adaptação à realidade material e social e o conjunto de realidades individuais, através dos jogos simbólicos. Desta forma, a utilização da arte na educação “*não tende a formar profissionais, a pôr as crianças ao serviço da arte, mas sim a arte ao serviço das crianças*” (Maria Luísa Rodrigues cit. por Sousa, 2003, p.80). Seguindo esta linha na educação, que não se limita à simples transmissão de conhecimentos professor-aluno, consegue-se chegar ao desenvolvimento de instrumentos básicos de pensamento, como os

sentimentos, as imagens, as palavras e as ideias, pois a educação artística “*facilita as interações sociais e culturais constituindo-se como um recurso incontornável para enfrentar as situações de tensão social, nomeadamente as decorrentes da integração de indivíduos provenientes de cultura diversas*” (Abreu, 2007, p.13-14).

A música suscita entre os jovens um fascínio e um culto, pois é “*um elemento relevante de construção identitária nas culturas infantis e juvenis*” (Pais cit. por Figueiredo; Vasconcelos, 2002, p. 19).

O termo música “*provém do termo grego musiké, através do qual a Antiguidade Grega designava, inicialmente, as artes musas, poesia e dança como uma unidade e, mais tarde, a arte dos sons. Contém dois elementos: o material acústico e a ideia intelectual, que não coexistem apenas como forma e conteúdo, mas combinam-se na música para formar uma imagem una*” (Vale, 2008, p.8). Percebe-se que é na música que está a expressão através dos diferentes sons, que desde sempre estiveram presentes nas diversas sociedades.

A música nas suas origens primitivas era composta não mais do que por um ou dois elementos básicos (Canto, 2010, p.37). O ritmo era, primeiramente, percebido pelo bater do coração, o som dos passos, o som dos objetos que eram produzidos. Só mais tarde, através de sons como roncões, uivos e berros é que se foram desenvolvendo as primeiras formas de ritmo e de canto. Consequentemente, nas tribos a música interligou-se à dança, onde estas faziam parte de rituais. Após esta primeira fase de uso dos pés e das mãos passou-se a utilizar instrumentos de madeira. A evolução acompanhou, assim, o Homem ao longo dos anos, o que faz da música “*uma expressão espontânea de vida, um meio de comunicação que só o ser humano desenvolveu até ao nível daquilo que hoje consideramos como arte*” (ibidem, p.38).

Nas sociedades contemporâneas a música pode ser entendida como um fenómeno sociocultural. Contudo, o contacto com a música, ou melhor com os sons, vem desde cedo, “*antes que os factores culturais exerçam uma forte influência*” (Sousa, 2003, p.17). Isto porque devido à necessidade sentida pela espécie humana durante milénios desenvolveu-se o hemisfério esquerdo do cérebro que permite a comunicação através dos sons e linguagem falada. O contacto de uma pessoa com os sons acontece mesmo antes do nascimento, já que no útero da mãe é possível ao bebé, desde os seis meses de gestação, ouvir os sons que o rodeiam: o batimento do coração, a voz da mãe e as vozes de outras pessoas. E ao nascer o bebé já reconhece sons que vão fazer parte da sua vida (ibidem, p.19).

Deve-se, então, perceber a música como uma comunicação sensorial, simbólica e afetiva, ligada a um contexto sociocultural que vai permitir a aquisição de conhecimentos para além dos musicais, tudo o que é incutido de forma direta e indireta poderá ser apreendido e

posto em prática pelos sujeitos nas várias vertentes da sua vida, principalmente no que diz respeito à escola e à sua educação, o que se pode traduzir no seu sucesso escolar.

Para o antropólogo Merriam a música tem um papel preponderante nas sociedades contemporâneas, *“provavelmente não há outra actividade humana cultural que seja tão influente e que alcance, modele e frequentemente controle tanto o comportamento humano”* (Merriam cit. por Hargreaves, 1999, p.5). Quando falámos na utilização da música em contextos pedagógicos que visam a inclusão social ela age como *“um veículo «universal» de comunicação, no sentido que não se tem notícia de nenhum grupo cultural que não utilize a música como meio de expressão e comunicação”* (Queiroz, 2004, p.101). Neste sentido, música e educação em conjugação podem resultar numa *“ferramenta original de formação, capaz de promover tanto processos de conhecimento quanto de autoconhecimento”* (Kater, 2004, p. 44). Este tipo de educação representa a formação e o desenvolvimento musical nos seus alunos, mas quando estamos a falar de um contexto com crianças em risco, que em princípio não teriam fácil acesso à aprendizagem musical, *“a educação musical representa uma alternativa prazerosa e especialmente eficaz de desenvolvimento e de socialização”* (Kater, 2004, p.46). Neste sentido, o grande objetivo *“é a criança, a sua educação, a sua formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento equilibrado da sua personalidade”* (Sousa, 2003, p.18). O mais importante não é o saber tocar bem ou mesmo ler corretamente uma pauta, mas sim a satisfação de necessidades e o desenvolvimento de capacidades como a percepção, a memória, a cognição e a criação. O que está em causa na aprendizagem musical *“é simultaneamente uma acção simbólica e intelectual e uma acção física, onde as dimensões psicológicas, a inteligência emocional e o saber experimental”* (Figueiredo; Vasconcelos, 2002, p.16) são colocadas em prática. Desta forma, a música representa *“a arte dos sons e por isso deve merecer e ocupar um lugar de destaque na educação, uma vez que a sua presença na vida dos seres humanos é incontestável através da sua função como linguagem universal”* (Canto, 2010, p.29)

Assim, a música pode *“preencher três funções principais para o indivíduo, nomeadamente, na organização da sua autoidentidade, das suas relações interpessoais e do seu humor, na vida do dia a dia”* (Hargreaves, 1999, p.10). No que respeita à função de organização da identidade dos sujeitos a música faz com que os seus ouvintes se juntem a subculturas de forma a definirem-se a si mesmos. No caso das relações interpessoais a música permite a identificação e integração em grupos sociais. Por último, a questão do humor já que os gostos musicais espelham objetivos delimitados por uma situação e objetivos específicos de uma situação.

Mediante estas questões é importante perceber quais as bases em que assenta o ensino da música. Por um lado, permite “*Identificar e operacionalizar os procedimentos estruturantes*” (Figueiredo; Vasconcelos, 2002, p.21), isto é, para que o pensamento artístico-musical se desenvolva totalmente é necessário ter um conjunto de procedimentos fundamentais disponíveis para serem mobilizados para diversas situações e contextos e que os procedimentos estejam interiorizados. Por exemplo, um aluno ao tocar violino tem de dominar uma série de aspetos técnicos e motores, mas vai para além disto, ele tem de saber interpretar uma peça e perceber as diferentes possibilidades que essa mesma peça tem. Permite “*Aprender a interpretar determinadas situações*” (ibidem, p. 22). O aluno tem de ser capaz, individual ou coletivamente, de descobrir e apropriar os procedimentos ou conceitos que são os mais ajustados para determinadas situações. Logo, é necessário que a aprendizagem vá desde uma música mais simples até obras mais complexas e diferenciadas.

Há que “*Criar o gosto pela curiosidade, pelo risco e pelo desafio*” (ibidem). Tem de se dar a oportunidade de problematização e resolução de problemas. O aluno deve poder optar, combinar e ativar uma série de recursos que lhe permitam alcançar novas relações entre aquilo que não é novidade para ele e o que desconhece, bem como reconhecer o que está a aprender e, possivelmente, a inventar. Contudo, Figueiredo e Vasconcelos chamam a atenção para o facto de ser necessário perceber o contexto do aluno fora das aulas de música, perceber o seu quotidiano e a comunidade em que se insere (ibidem, p.23). Um exemplo de uma boa forma de pôr em prática este ponto é a realização de uma apresentação musical.

Temos depois a “*Diversificação e complexificação das situações de aprendizagem*” (Figueiredo; Vasconcelos, 2002, p.23). É preciso ter presente um quadro geral de diferentes géneros de aprendizagem que contenham conhecimentos, saberes, capacidades, habilidades, resoluções de problemas, atitudes, valores, teoria e práticas, sobre diferentes níveis de competências.

É necessário “*Recontextualizar o ofício e os saberes do aluno*” (ibidem), ou seja, olhar para o aluno como capaz de produzir conhecimento. Mas, também, é preciso “*Recontextualizar o ofício e os saberes do professores*” (ibidem) o que significa que o professor passa a ser um profissional mediador, facilitador e incitador de aprendizagem, sempre num contexto de proximidade.

Por último, há que criar uma “*Necessidade de um maior investimento e articulação na educação e na cultura*” (ibidem, p. 24). Aqui está em causa a centralidade dada a esta área e o facto do poder político e a sociedade civil terem em consideração que estamos perante um

sector de interesse, uma vez que a educação e a cultura são fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade.

Pode-se perceber que a aprendizagem musical, tendo em conta que ela está ao serviço dos seus alunos para lhes proporcionar determinadas experiências que visam desenvolver características específicas, pode funcionar como uma forma de inclusão social. Considera-se que a educação *“tem de preparar o indivíduo para não ser encarado pela sociedade unicamente como factor produtivo, antes como elemento integrante de um todo socioeconómico e cultural”* (Tavares, 1999, p.37). A música pode proporcionar uma série de conjuntos de técnicas e recursos lúdicos infundáveis (Canto, 2010, p.40) que não só apresentam resultados ao nível da aprendizagem da música como, igualmente, noutras áreas curriculares (Quadro 1.1).

Quadro 1.1: Relação da Música com as outras áreas do Currículo

Área Curricular	Competências
Música	Explorar, descobrir e conhecer algumas possibilidades sonoras do corpo. Vivenciar a pulsação, associando o movimento a diferentes estímulos sonoros. Criar e improvisar em grupo, em canções e jogos, ritmos livres e espontâneos com sons corporais.
Expressão Dramática	Valorizar o corpo como meio de representação, comunicação e expressão. Explorar os movimentos segmentares do corpo. Explorar o espaço circundante.
Expressão Plástica	Representar o seu corpo (desenho, pintura, modelagem). Contornar, recortar e colar, utilizando diferentes materiais.
Educação Físico-Motora	Combinar o andar, o correr, o saltitar, o deslizar, saltar, o rolar... em todas as direções e sentidos definidos pela orientação corporal.
Estudo do Meio	Reconhecer partes constituintes do seu corpo (cabeça, tronco e membros). Comparar-se com os outros (mais novo/ mais velho; mais alto/mais baixo; louro/moreno...).
Língua Portuguesa	Reconhecer a sua identidade sexual. Reconhecer e aplicar normas de higiene do corpo. Relatar acontecimentos vividos ou imaginados, desejos... Regular na participação nas diferentes situações comunicativas (aguardar a vez de falar, ouvir e respeitar a fala dos outros...).
Matemática	Dramatizar cenas do quotidiano. Situar-se no espaço em relação aos outros e aos objetos. Conhecer e utilizar o vocabulário: em cima, atrás, à frente, entre, dentro, fora, à esquerda, à direita, sobre, antes, depois...

Fonte: Canto (2010, p.34)

Na Orquestra Geração sugere-se o ensino da música clássica a alunos em risco de abandono escolar num plano que funciona em consonância com a escola, de forma a diminuir *“o fosso que existe na sociedade de classes”* (Lança, 2010, p.8). Assiste-se, assim, a uma tentativa de, através da música, aproximar os alunos da escola.

Assente, nesta base, estamos perante um tipo de educação não formal (Quadro 1.2) que mesmo tendo uma estrutura e uma organização, que são diferenciadas das apresentadas pela instituição escolar, confere uma flexibilização dos conteúdos de aprendizagem.

Quadro 1.2: Tríade Educacional

Educação Formal	Organizada/Institucionalizada Hierarquicamente estruturada Cronologicamente graduada Conclusão com graus académicos reconhecidos
Educação Não Formal	Organizada/Sistemática Educativa Não possui Currículo Facilita determinados tipos de aprendizagem Constitui processos educativos integrais
Educação Informal	Durante toda a vida Recurso às habilidades Acumulação de conhecimentos Inclui atividades educativas não estruturadas

Fonte: Canto (2010, p.34)

A música ligada a este contexto de educação não formal, que se apresenta flexível e, por isso, tem em consideração a multiplicidade das características dos alunos, propõe-se a promover a interação social e cultural, o desenvolvimento social e pessoal, a ação, a participação, a socialização e mesmo a inclusão social.

1.3. O mecenato cultural de empresa no Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração

No decorrer desta investigação percebeu-se que a identidade impulsionadora do projeto Orquestra Geração de Amarante foi a Fundação EDP ao propor ao Centro Cultural de Amarante uma parceria. Desta forma, através de uma parceria que funciona em rede a Orquestra Geração de Amarante foi implementada.

Por um lado, temos uma situação de mecenato cultural de empresa, pois a Fundação EDP, enquanto entidade privada, tomou a iniciativa de criar um projeto ligado à inclusão social, o que implica a intervenção de privados em questões sociais.

O mecenato cultural de empresa é uma “doação, aquisição ou empréstimo de bens culturais (...) a particulares e instituições de utilidade pública; promoção e comparticipação em iniciativas de âmbito cultural (...); atribuição de prémios, bolsas e financiamento directo de projectos (...); intervenção no património e edificação de imóveis como utilidade pública, etc.” (Santos; Conde, 1990, p.376).

O termo mecenato remete-nos para o Renascimento e o barroco italiano ou para a arte na antiga Grécia e Roma, ou seja, “*Habituámo-nos (...) a associar mecenato aos traços distintos da cultura humanística, inseparável de uma imagem de filantropia esclarecida.*” (ibidem, p.375). No entanto, nos dias de hoje, fala-se de um mecenato cultural de empresa com características distintas do que se observava antigamente, “*porque instaura o espaço do*

mercado e a lógica económica, longamente tidos por incompatíveis com os princípios da produção cultural.” (ibidem, p.375). Contudo, na Europa o processo de expansão do mecenato cultural ligado às empresas tornou-se um facto a partir dos anos 70 do século XX, através de legislação que propõe o incentivo e o reconhecimento político e fiscal do mecenato. Em Portugal só em 1986 é elaborada a Lei do Mecenato que atribui incentivos fiscais e, desta forma, incentiva o financiamento privado da cultura.

Assim, o mecenato tem de ser visto sob dois pontos (ibidem, p. 376). Por um lado, apesar de potenciar a arte através da atribuição de condições materiais, não deixou de impor uma certa dependência dos criadores em relação à opinião e vontade dos seus mecenas. Mas não nos podemos ficar por esta lógica, é preciso olhar para o mecenato segundo as suas vertentes sociais e políticas mais gerais, isto significa estar atento, não só ao lugar que o mecenato ocupa no campo artístico como, igualmente, perceber de que forma este contribui para a arte e a cultura.

O que aqui está em causa é o facto de o mecenato deixar de estar exclusivamente ligado a pessoas individuais ou a fundações. Compreende-se, portanto, que o mecenato cultural de empresa tenha vindo a fomentar várias discussões, o que possibilita o surgimento de vários olhares sobre a mesma questão (Santos; Conde, 1990, p. 377). Temos a visão acerca do mecenato cultural de empresa como uma dádiva gratuita, mas também, temos o olhar sob a instrumentalização dos patrocínios que são concedidos para que sejam atingidos os objetivos comerciais. Logo, o que surge aqui é o confronto entre dois polos, a cultura ligada aos valores humanistas e as empresas onde há uma base de interesses particulares e princípios ligados à publicidade.

Este ponto de análise conduz para o papel do Estado no que diz respeito à arte e à cultura, pois a sua ação tem-se reposicionado, hoje “*os Estados garantem que o mecenato de empresa apenas representa um recurso suplementar, mas necessário para o financiamento da cultura*” (ibidem, p.378). Com a emergência do Estado começa-se a olhar para a cultura como de interesse geral, o que faz com que esta passe a estar sob a sua tutela, assim “*caberá ao Estado o serviço público da cultura*” (ibidem, p380).

Não se pode, ainda, para alguns autores, esquecer a questão mais importante quando se fala nesta temática, a “*publicidade de prestígio*” (Conde, 1989, p.111), na medida em que é através do mecenato que as empresas procuram a difusão da sua imagem interna e externa, pois utiliza-se este meio tendo como objetivo o consumo social, a visibilidade e a utilidade. No entanto, é necessário olhar para este cenário de outra forma, pois o mecenato não é algo novo, na verdade sempre esteve presente na vida artística e, apesar de ter uma base de

influência, não impediu que arte fosse criada. Seguindo a perspectiva de Jean-Jacques Rosé tem de existir uma cooperação e coexistência, os artistas *“têm múltiplos recursos para subverter formas de dominação tradicional; as anteriores relações directas e clientelares entre senhor e artistas foram substituídas por complexas mediações institucionais que (...) asseguram a liberdade dos criadores.”* (Rosé cit. por Santos; Conde, 1990, p.377). Apesar de existir alguma influência por parte dos mecenas, que não é algo ligado apenas à atualidade, os artistas sempre encontraram o caminho para a criação, *“Neste sentido, o mecenato sempre fora uma condição necessária e ambivalente nos percursos de cultura europeia”* (Conde, 1989, p.110). Contudo, não se pode deixar de lado a questão de autonomização social dos artistas, um processo difícil e que garantiu o acesso dos artistas às condições de produção e das pessoas aos bens culturais, isto implica que o olhar desconfiado sobre o mecenato de empresa não esteja só relacionado à instrumentalização da cultura como, igualmente, à desresponsabilização do Estado face à arte e à cultura (Santos; Conde, 1990, p.377).

Na realidade, o debate sobre o mecenato cultural de empresa não pode estar apenas ligado a questões políticas e económicas, segundo defende Luís Santos Ferro é preciso *“compreender as soluções próprias que cada sociedade atribui para a gestão da sua vida cultural”* (Ferro cit. por Conde, 1989, p.111). O desenvolvimento do mecenato atual tem como base uma vertente de transformações económicas, sociais e culturais, após os anos 70 do século XX com as alterações sofridas no Estado-Providência. Como já foi referido, é a partir desta altura que surgem, na Europa, parcerias do Estado com o setor privado que incentivam a iniciativa privada, o que faz surgir uma *“nova ética de cidadania baseada no compromisso e implicação social”* (Conde, 1989, p.116). Com a crescente falta de financiamento público na área cultural torna-se necessário outro tipo de intervenção, por isso, os privados são chamados como um recurso, já que a cultura é um bem social caro e que implica, da parte do Estado, grandes gastos financeiros, mas que não deixa de ser fundamental na sociedade. Assim, podemos perceber que, apesar de todos os debates que implicam várias posições, pode-se considerar que o mecenato cultural de empresa é *“não só (...) um factor necessário no campo cultural, pelas possibilidades e dinâmica que gera, mas (...) condição necessária para reaproximar Estado da sociedade civil”* (ibidem, p. 121).

Percebe-se, então, que a intervenção do mecenato em questões sociais deixadas ao cuidado do Estado-Nação não é uma novidade, o que é inovador e que se está a estender é a intervenção do setor privado, como é o caso da Fundação EDP, em projetos que se propõem colmatar hiatos deixados pelo Estado e, desta forma, acabam por intervir na sociedade de uma forma mais direta.

No entanto, há que colocar outro tipo de questões, pois estamos perante uma situação em que existe uma partilha da contribuição dos recursos pelas entidades que estão no projeto, não sendo apenas a Fundação EDP a única a disponibilizá-los. O financiamento económico que permite, nomeadamente a compra de instrumentos, é feito pela Fundação EDP que representa o mercado. Por seu turno, o Conservatório Nacional de Música promove o ensino da música, o Centro Cultural de Amarante representa a comunidade e tem a seu cargo toda a logística, como a contratação dos professores, a escolha dos alunos que integram a Orquestra, a organização das aulas e de outras atividades, a cedência das instalações e o transporte dos alunos, mas também, tem como função o ensino da música. A escola, também, representa a comunidade, mesmo com um papel mais pequeno, já que cede as suas instalações para as aulas e proporciona aos alunos o acompanhamento por parte de uma psicóloga. Finalmente, o Estado não está representado oficialmente, mas a Câmara Municipal de Amarante contribui em pequenos aspetos como, por exemplo, cedência, quando necessário, de instalações. Desta forma, existe uma rede onde todas as partes mobilizam recursos, depreende-se que *“Qualquer intervenção de âmbito social começa a ser impossível sem um trabalho em parceria, envolvendo diversas entidades, uma vez que os fenómenos da pobreza e da exclusão são consequências de vários factores”* (Lança, 2010, p.12). O trabalho em conjunto com várias entidades da sociedade pode servir para criar projetos que poderão contribuir para diminuir problemas sociais e com isso visar a inclusão social.

O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração emerge de uma lógica de capitalismo cognitivo (Vercellone; Serfati cit. por Lança, 2010, p.6) que consiste numa economia quase imaterial que tem como objetivo a produção de conhecimento, baseada na inovação como mecanismo para a resolução de problemas. Significa, desta maneira, que estamos perante uma situação de empreendedorismo social que visa o investimento no capital social. Verifica-se a interferência de agentes não tradicionais que assumem a responsabilidade de tentar intervir para potenciar a diminuição dos problemas sociais, estes agentes *“actuum de uma maneira inovadora e diferente face ao modo habitual de intervir socialmente em Portugal”* (Lança, 2010, p.7).

Capítulo II- Desenho da estratégia de investigação. O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração enquanto problema sociológico, modelo de análise e enquadramento metodológico

2.1. Problema científico e modelo de análise

A investigação apresentada centra-se na temática da música como uma forma de inclusão social, no caso específico a inserção de crianças em risco de abandono escolar numa Orquestra com características particulares, que se baseia num contexto de educação não formal. A música tem vindo a ganhar terreno “*nos projectos que procuram o pleno exercício da cidadania de crianças e adolescentes em risco (...) Estudos específicos realçam o impacto que projectos de inclusão social que utilizam a música como eixo condutor têm tido no processo de recuperação da identidade e da auto-estima*” (Elvas, 2010, p.294). Assim, a Orquestra Geração de Amarante propõe-se a reaproximar o aluno da escola e da sociedade.

O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração, enquanto objeto de estudo, proporciona a exploração da questão do ensino musical como uma possibilidade para a inclusão social. Segundo Kater, a educação musical proporciona aos alunos a hipótese de se estruturarem e se organizarem a nível pessoal, a experimentarem novas formas de relacionamento, a terem contacto com outros valores e referências (Kater, 2004, p.49). Desta forma, a música possui a objetivação de uma autorrealização, autoconfiança e socialização no que diz respeito à procura da autonomia quando os alunos são motivados para a ação (Canto, 2010, p.41). A música revela-se importante para a construção da identidade e da construção da cidadania, na medida em que pode proporcionar aos alunos não só o seu desenvolvimento na área musical como, também, noutras áreas curriculares (expressão dramática, expressão plástica, educação físico-motora, estudo do meio, língua portuguesa e matemática). Mas, para além do desenvolvimento de características curriculares, a música possibilita a apreensão e desenvolvimento de particularidades sociais que, quando assimiladas, permitem aos alunos em risco de abandono escolar não só a sua aproximação ao contexto escolar como a sua inclusão social.

A evolução da função da escola levou a uma “*descolarização social sobre a função reprodutora no ensino formal*” (Arroteia, 1991, p.48). Surge, deste modo, a articulação entre a educação formal e os diversos géneros de educação não formal. No caso específico da Orquestra Geração de Amarante é apresentada uma educação não formal. As características principais de uma educação deste tipo são a organização e a vertente educativa, ao mesmo tempo que possibilita determinadas aprendizagens e constitui processos educativos integrais, mas não tem um currículo definido. Neste sentido, a educação não formal “*é complementar*

ao sistema de educação Formal, devendo esta desenvolver-se em articulação permanente, quer com a educação Formal” (Canto, 2010, 35). A Orquestra pretende funcionar em parceria com a escola para tentar contornar a exclusão social e alcançar resultados que não se limitam à aprendizagem de música, mas que através de todos os seus contornos conduz a um caminho de inclusão social, adotando uma estratégia de ensino muito específica. Desta forma, pretendemos compreender se o caminho seguido através do ensino da música na Orquestra proporciona a inclusão social dos alunos.

Os alunos que integram a Orquestra são, em primeiro lugar, sinalizados pela psicóloga do agrupamento de escolas como em risco de abandono escolar. O que significa que são alunos com ausência de ambições escolares, de interesse pela escola, pela matéria e pelas aulas, mas com ambição em relação ao mundo do trabalho. Consequentemente o aluno que se encontra em risco de abandono escolar é *“em geral mais velho que os colegas do mesmo grau de ensino, fruto de repetências, não aparece apoiado pelas famílias, vive num meio familiar e intelectualmente desfavorecido e tem em geral um rendimento escolar insuficiente”* (Carneiro, 1997, p.319). O abandono escolar demonstra a rejeição da escola por parte dos alunos que, na maioria das vezes, acabam por ser excluídos pela instituição, o que torna o abandono escolar um problema *“pelas repercussões que terá na vida dos indivíduos e das suas sociedades”* (ibidem, p.302). Todo este trabalho é elaborado tendo em consideração que existe uma população-alvo definida. Por isso, os alunos a quem se destina o projeto têm determinadas características, sendo que o sexo e o género não são variáveis que interferem para a sua seleção. Outras especificidades como o grau de escolaridade, o contexto escolar e familiar e o contexto sociodemográfico e socioeconómico são tidos em conta, uma vez que a Orquestra integra alunos em risco de abandono escolar e estas são variáveis que podem ajudar a definir o perfil de um aluno nesta situação e que pode integrar o projeto.

Ao fazerem parte do projeto os alunos tendem a sentir o seu impacto a vários níveis, quer estes sejam positivos ou negativos para eles. Esta questão não vai apenas depender da Orquestra Geração, já que os alunos possuem representações sociais sobre o projeto e vão criar um grau de identificação quando são incluídos nas atividades. Mediante este aspeto é necessário compreender o modo de integração dos alunos na Orquestra, perceber o seu contexto escolar e familiar, tal como compreender quais os alunos que frequentam a Orquestra Geração de Amarante.

Antes de existir abandono do aluno da instituição escolar existe o insucesso, é nesta fase que os alunos são sinalizados pela psicóloga. O insucesso começou por ser visto como um sinal da exigência do sistema educativo e, quando resultava em abandono escolar, era tido

como uma forma de ajustamento (Carneiro, 1997). Consequentemente, a responsabilidade do insucesso era do aluno e não eram tidos em conta outro tipo de fatores. Atualmente, o insucesso escolar já não é visto desta forma, as suas causas são variadas e dependem de fatores exógenos e endógenos. Todas as crianças têm direito a serem inseridas no sistema educativo, mas elas não são iguais em termos intelectuais, de apoio dos pais, da família, dos amigos e do grupo, na sua condição socioeconómica e cultural (Tavares, 1999). Assim, para perceber as razões do insucesso escolar e para serem encontradas respostas é preciso entender que ele não está apenas centrado no aluno, existem outros agentes que têm de ser equacionados.

Neste intuito, o papel dos encarregados de educação/pais é importante, pois *“têm um papel insubstituível no desenvolvimento educativo”* (Carneiro, 1997, p.297) dos alunos. Os acontecimentos e assuntos presentes na escola interferem e fazem parte da relação pais-filhos, uma vez que as vivências da escola são parte fundamental da comunicação em família, o que torna a escola um fator muito presente na definição da relação pais-filhos. O insucesso ou sucesso na escola define o ambiente familiar. Logo, é *“necessário incentivar todo o tipo de ações desenvolvidas pelas instituições escolares no sentido de aproximar os pais da vida escolar dos filhos, muito embora o sucesso dessa aproximação pareça estar dependente, em muitos casos, de variáveis pessoais nem sempre presentes na maioria das situações”* (Azevedo; Silva; Fonseca, 2000, p.12). Observa-se, então, o importante papel da família, uma vez que a comunicação com esta é, por vezes, difícil devido à falta de informação e de capacidades sociais que possam levar a uma melhoria da comunicação e interação. Torna-se importante uma aproximação para que seja possível o surgimento dos estímulos necessários que proporcionem uma participação positiva. Isto revela-se mais importante nas famílias desfavorecidas, onde se observa uma maior dificuldade em entender os projetos educativos. Logo, propomo-nos a entender quais as representações sociais dos encarregados de educação em relação à participação dos seus educandos na Orquestra Geração de Amarante. Surgindo, desta forma, como hipótese teórica: os encarregados de educação passam a acompanhar o desempenho escolar dos seus educandos mais regularmente.

Outra questão relevante é a missão dos professores, já que na prática educativa deve existir uma concordância entre a igualdade, a tolerância, o respeito e o diálogo entre os docentes e alunos. Todavia, hoje em dia, verifica-se uma certa discordância entre o multiculturalismo e os conteúdos programáticos, o que suscita um sentimento de deslocalização dos alunos que não se identificam com o que está a ser lecionado. Para que se verifique uma melhor comunicação e interação entre professor e aluno é necessária uma

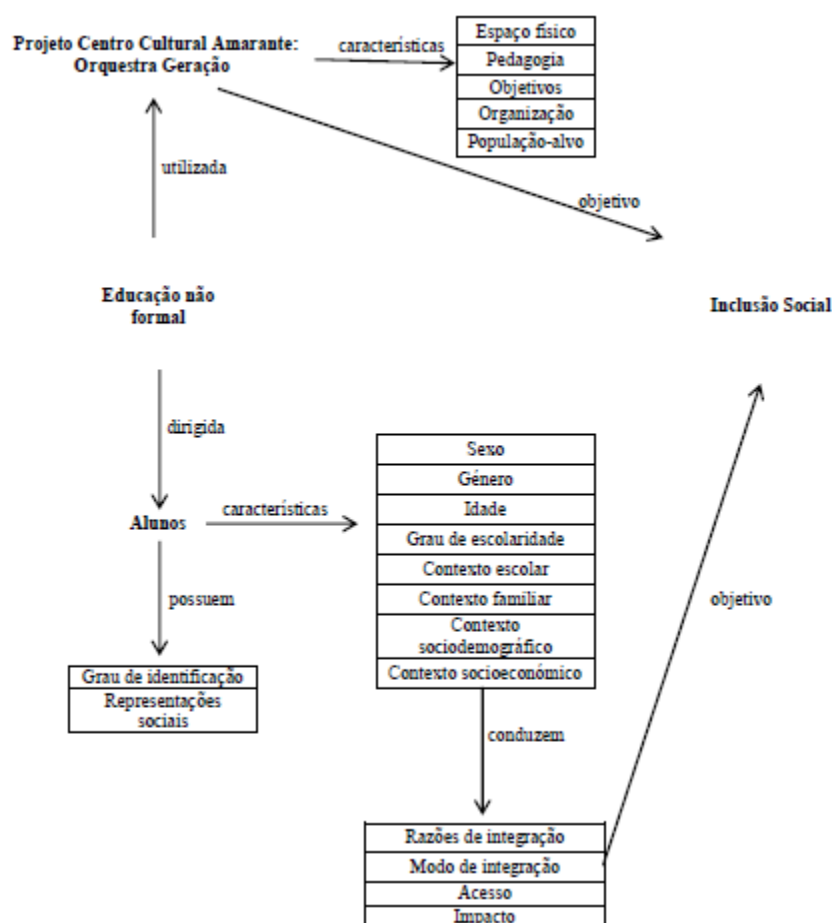
planificação das várias estratégias de ensino e aprendizagem, com o objetivo de existir respeito e justiça.

A educação não formal através da música torna-se, assim, uma mais-valia para a inclusão social e para o desenvolvimento dos alunos. O que indica que a educação não pode corresponder apenas à transmissão de conhecimentos é preciso ter em consideração a diversidade dos alunos e os vários ritmos de aprendizagem. O que torna a educação uma forma de desenvolver a comunicação, a expressividade, a criatividade, a socialização e os laços com a sociedade que não se podem limitar a estarem apenas presente na escola, pois “*A educação pode fazer a diferença no futuro, uma vez que o futuro será, sem sombra de dúvida uma sociedade baseada no conhecimento*” (Canto, 2010, p.30). Na perspetiva de Teixeira Fernandes, “*Hoje (...) a função educativa das sociedades modernas extravasa o sistema escolar*” (Fernandes, 2002, p.183). A educação não formal é a base do ensino do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração, pois apesar de não ser um projeto inserido no ensino escolar funciona em parceria com a escola, para “*ensinar e motivar a aprendizagem através de actividades/iniciativas conjuntamente lúdicas, motivadores e desafiantes, que permitam ao grupo alvo um maior e mais eficaz desenvolvimento pessoal e social*” (Quintas; Castanõ cit. por Canto, 2010, p.33). Desta forma, a Orquestra para poder funcionar corretamente tem um espaço físico definido, que lhe permite lecionar as aulas de música. Está assente numa pedagogia e organização, que proporciona a planificação do ano letivo e que estão intrinsecamente ligadas aos objetivos.

Importa, então, perceber o impacto da Orquestra Geração de Amarante na vida dos seus alunos, a nível escolar e social. O que nos leva a colocar como hipóteses teóricas que o tipo de pedagogia adotada tem suscitado resultados positivos na inclusão social dos alunos e que os mesmos deixam de estar identificados como em risco de abandono escolar.

Nesta perspetiva, tentamos perceber o Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração enquanto realidade microsocial, em que todas estas características podem contribuir para a inclusão social. Por isso, é importante questionar: de que forma o ensino da música e a integração numa Orquestra Juvenil, com características específicas, permite a inclusão social dos alunos em risco de abandono escolar? Tendo em consideração que a Orquestra integra alunos entre os 10 e os 15 anos de idade, do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso, é sobre esta população que recai a nossa perspetiva e análise. Assim, os alunos que integram o projeto são a população-alvo definida para esta investigação. Mediante estas questões desenhámos o Modelo de Análise apresentado na Figura 2.1.

Figura 2.1: Modelo de análise



2.2. O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração. Da caracterização do concelho de Amarante à Orquestra Geração de Amarante

Importa, agora, explicitar o que é o Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração. Assim, explora-se, em primeiro lugar, uma vertente sociodemográfica do concelho de Amarante, para perceber o contexto em que está inserida a Orquestra Geração. Posteriormente faz-se a apresentação do projeto e das suas características.

O Concelho de Amarante situa-se na Região Norte de Portugal, no Distrito do Porto e encontra-se na Região do Tâmega, integrando a Comunidade Urbana do Baixo Tâmega. Está dividido em 40 freguesias (Figura 2.2).

Figura 2.2: Composição territorial do Concelho de Amarante



Fonte: Lopes (2004, p.19)

Amarante possui uma área territorial de 29 000 hectares marcados pelo relevo, o que faz com que seja o maior concelho do Distrito do Porto, tendo uma das maiores serras do país, o Marão, que atinge os 1 450 metros de altura. O concelho é atravessado pelo rio Tâmega, rio Ovelha e Olo. Faz fronteira a norte com o município de Celorico de Basto, a nordeste com Mondim de Basto, a leste com Vila Real e Santa Marta de Penaguião, a sul com Baião, Marco de Canaveses e Penafiel, a oeste com Lousada e, por fim, a nordeste com Felgueiras (Leite, 2009).

Historicamente Amarante, devido à sua localização geográfica, adquiriu uma posição essencial no que diz respeito à passagem das populações para Trás-os-Montes e Alto Douro (Lopes, 2004, p.20). No entanto, o concelho só ganhou maior visibilidade após o aparecimento de São Gonçalo (1187-1259) que, apesar de ter nascido em Tagilde, Guimarães, passou a habitar em Amarante após uma peregrinação por Roma e Jerusalém. A ele atribui-se a construção da velha ponte sobre o rio Tâmega. Quando São Gonçalo foi proclamado santo Amarante passou a ser um centro de peregrinações, facto que levou ao crescimento da sua população. Em termos territoriais o concelho era pouco mais de uma rua, correspondia à rua que ia da ponte de São Gonçalo até S. Lázaro, com pouco mais de 200 habitantes (Leite, 2009, p.115-116). Mais tarde, no século XIX com as reformas liberais, houve uma

reorganização administrativa do território onde foram extintos os municípios de Gouveia, Gestaço e Santa Cruz de Ribatâmega, o que fez com que Amarante tivesse recebido a maioria das freguesias e, também, algumas de Celorico de Basto. A 8 de julho de 1985 Amarante é elevada à categoria de cidade, atravessada pelo rio Tâmega e rodeada de serras, com casas do século XVII, com varandas de madeira coloridas em ruas estreitas e com restaurantes com terraços sobre o rio (Leite, 2009, p.118).

No campo cultural destaca-se Teixeira de Pascoaes na área das letras e Amadeo de Souza-Cardoso na pintura, o qual tem hoje um museu com o seu nome e onde podem ser vistas as suas obras cubistas (ibidem). No que diz respeito às atividades económicas de Amarante destaca-se a agricultura, presente em todas as freguesias, com especial atenção para a produção de vinhos verdes, para além deste setor, a construção civil e o pequeno comércio, são, também, atividades de relevo. *“A pecuária, a silvicultura, a hotelaria (...) juntamente com os serviços, completam o tecido económico das várias freguesias que compõem o concelho. O turismo é um sector com fortes potencialidades, dadas as características ambientais e patrimoniais do concelho”* (ibidem, p.123).

Com o intuito de perceber melhor as características da população do concelho de Amarante, em especial a população a que se destina o projeto Orquestra Geração, apresenta-se uma análise de dados estatísticos recolhidos pelo INE.

No quadro 2.1 são mostrados os dados relativos à Distribuição da População por Local de Residência, segundo os Censos 2011.

Quadro 2.1: Distribuição da População por local de Residência, no município de Amarante (Nº), à data dos censos de 2001 e 2011

Local de Residência	População Residente (Nº)	
	Ano	
	2001	2011
Portugal	9 869 343	10 047 083
Região Norte	3 687 293	3 689 609
Tâmega	551 309	550 469
Amarante	59 638	56 217
Aboadela	887	783
Aboim	652	596
Ansiães	815	623
Ataíde	1 082	1 002
Bustelo	577	521
Canadelo	217	121
Candemil	1 039	771
Carneiro	354	311
Carvalho de Rei	209	187
Cepelos	1 539	1 758
Chapa	264	301
Fregim	2 507	2 789
Freixo de Baixo	1 543	1 434
Freixo de Cima	2 196	2 203
Fridão	845	863
Gatão	1 564	1 586
Gondar	1 693	1 686
Jazente	660	542
Lomba	859	793
Louredo	655	638
Lufrei	1 799	1 777
Madalena	1 864	1 956
Mancelos	3 504	3 114
Oliveira	952	862
Olo	446	371
Padronelo	904	884
Real	3 429	3 142
Rebordelo	398	365
Salvador do Monte	1 154	1 066
Sanche	523	509
Figueiró (Santa Cristina)	1 532	1 370
Figueiró (Santiago)	2 986	2 458
Amarante (São Gonçalo)	6 503	6 540
Gouveia (São Simão)	740	633
Telões	4 535	4 232
Travanca	2 502	2 278
Várzea	563	383
Vila Caiz	3 398	3 026
Vila Chã do Marão	1 078	940
Vila Garcia	671	803

Fonte: INE (Censos 2001 e 2011)

Atualmente, a população residente no concelho de Amarante é de 56 217 pessoas, assistindo-se a uma descida no número de habitantes em relação a 2001. A freguesia de São Gonçalo tem o maior número de habitantes (6 540), segue-se Telões com 4 232 habitantes e Real com 3 142 pessoas. As freguesias com menos população residente são: Canadelo (121 habitantes), seguida de Chapa (301 indivíduos) e Rebordelo (365 habitantes). No geral,

seguindo a tendência do concelho e da região do Tâmega, entre 2001 e 2011, a população nas várias freguesias diminuiu, apenas se destacam nove freguesias onde tal facto não ocorre: Cepelos, Chapa, Fregim, Freixo de Cima, Fridão, Gatão, Madalena, São Gonçalo e Vila Garcia.

No ponto seguinte, é realizada uma análise sobre a distribuição da população residente no Concelho de Amarante por sexo e grupo etário, onde se dá relevo ao escalão etário entre os 0-14 anos de idade, uma vez que é neste grupo que se situam as crianças que frequentam a Orquestra Geração de Amarante (Quadro 2.2).

Quadro 2.2: Distribuição de População Residente no Município de Amarante, em percentagem, segundo o sexo e o grupo etário, à data dos censos de 2011

Local	População Residente segundo sexo e grupo etário % (à data dos censos 2011)										Total
	Sexo										
	Homens					Mulheres					
	Grupo etário										
	0-14 anos	15-24 anos	25-64 anos	65 e mais anos	Total	0-14 anos	15-24 anos	25-64 anos	65 e mais anos	Total	
Amarante	8.07	6.28	26.68	6.89	47.89	7.99	6.29	28.49	9.31	52.08	100
Aboadela	6.90	6.26	23.24	8.68	45.08	9.58	7.28	25.29	12.77	54.92	100
Aboim	7.72	6.21	25.50	8.22	47.65	7.89	5.37	28.52	10.57	52.35	100
Ansiães	4.66	4.01	27.93	10.59	47.18	5.46	4.33	26.65	16.37	52.81	100
Ataíde	7.88	5.79	26.15	7.19	47.01	8.38	6.39	29.64	8.58	52.99	100
Bustelo	6.72	5.56	24.76	9.98	47.02	6.91	7.30	26.68	12.09	52.98	100
Canadelo	4.13	4.96	23.14	13.22	45.45	2.48	0.83	26.45	24.79	54.55	100
Candemil	7.39	5.45	25.42	9.47	47.73	6.23	5.45	25.68	14.91	52.27	100
Carneiro	9.65	7.72	22.51	9.00	48.87	7.07	7.72	24.44	11.90	51.13	100
Carvalho de Rei	4.81	4.81	24.67	11.23	46.56	6.95	4.28	27.81	14.44	53.48	100
Cepelos	9.28	5.69	27.58	6.37	48.92	8.87	5.06	29.01	8.14	51.08	100
Chapa	6.31	4.00	30.56	6.64	47.51	7.97	5.65	27.57	11.30	52.49	100
Fregim	8.82	5.16	26.57	6.74	47.29	9.79	6.24	27.25	9.43	52.71	100
Freixo de Baixo	8.44	6.07	27.06	6.76	48.33	8.23	6.62	28.59	8.23	51.67	100
Freixo de Cima	8.21	6.63	28.69	5.31	48.84	7.31	6.68	29.73	7.44	51.16	100
Fridão	7.18	6.61	28.51	6.14	48.44	7.30	6.72	28.50	9.04	51.56	100
Gatão	8.45	7.50	27.43	6.81	50.19	7.63	4.73	29.82	7.63	49.81	100
Gondar	7.83	6.23	28.05	7.18	49.29	8.42	5.29	27.16	9.43	50.72	100
Jazente	6.64	6.46	26.38	9.78	49.26	3.87	4.80	29.34	12.73	50.74	100
Lomba	7.82	6.05	25.10	7.31	46.28	6.30	7.82	29.13	10.47	53.72	100
Louredo	8.62	6.58	27.27	6.43	48.90	7.99	8.47	26.49	8.15	51.10	100
Lufrei	7.37	7.20	26.62	6.87	48.06	7.26	6.58	27.86	10.24	51.94	100
Madalena	7.82	5.16	26.43	6.19	45.60	9.00	7.16	30.16	8.08	54.40	100
Mancelos	8.45	6.46	27.23	6.74	48.88	7.80	6.94	28.93	7.45	51.12	100
Oliveira	8.82	6.26	27.73	6.15	48.96	8.00	7.19	28.77	7.08	51.04	100
Olo	7.01	7.27	23.99	6.74	45.01	6.20	10.24	25.07	13.48	54.99	100
Padronelo	7.69	5.54	26.25	9.73	49.21	6.22	5.66	27.15	11.76	50.79	100
Real	7.86	7.32	26.80	6.62	48.60	7.25	6.24	28.87	9.04	51.40	100
Rebordelo	8.49	5.75	26.58	6.85	47.67	8.49	5.21	24.93	13.70	52.33	100
Salvador do Monte	8.82	6.94	26.08	7.79	49.63	6.10	4.41	28.88	10.97	50.37	100
Sanche	8.84	7.66	24.36	5.90	46.76	9.23	7.47	25.15	11.39	53.24	100
Figueiró (Santa Cristina)	9.85	6.72	25.04	7.08	48.69	8.83	6.71	28.25	7.52	51.31	100
Figueiró (Santiago)	8.26	6.51	26.61	6.26	47.64	7.00	6.47	29.37	9.52	52.36	100
Amarante (São Gonçalo)	7.86	5.61	26.03	6.62	46.12	8.24	5.43	30.29	9.92	53.88	100
Gouveia (São Simão)	6.48	7.43	26.38	9.32	49.61	7.27	6.00	27.01	10.11	50.39	100
Telões	8.37	6.19	26.65	7.02	48.23	8.41	6.64	28.24	8.48	51.77	100
Travanca	9.00	7.20	26.64	5.84	48.68	8.91	6.94	27.44	8.03	51.32	100
Várzea	6.27	7.57	26.37	9.14	49.35	4.44	6.79	27.41	12.01	50.65	100
Vila Caiz	7.93	6.94	27.50	5.75	48.12	9.65	6.71	28.05	7.47	51.88	100
Vila Chã do Marão	6.28	6.28	26.91	7.34	46.81	6.38	7.45	27.55	11.81	53.19	100
Vila Garcia	9.34	5.48	27.52	5.61	47.95	9.59	5.48	29.64	7.34	52.05	100

Fonte: INE (Censos 2011)

A percentagem de mulheres residentes em Amarante é superior à percentagem de habitantes do sexo masculino, 47.89% e 52.08%, respetivamente. No que respeita aos indivíduos entre os 0 e os 14 anos não existe uma diferença muito significativa quando se tem em consideração o sexo dos sujeitos, assim temos 8.07% de crianças do sexo masculino e 7.99% habitantes do sexo feminino. Nos sujeitos com mais de 65 anos é onde se observa a maior diferença, no concelho de Amarante, entre o número de homens e de mulheres, sendo o número de habitantes do sexo feminino (9.31%) superior ao dos homens (6.89%). Desta forma, observa-se que quando se avança na idade maior é a diferença entre homens e mulheres, estando estas em maior número.

Ao comparar os escalões etários dentro do mesmo sexo verifica-se, no caso dos homens, que o número de habitantes entre os 0 e os 14 anos é superior aos dos sujeitos com mais de 65 anos, ao contrário daquilo que se observa no sexo feminino em que o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos é inferior em relação às mulheres com mais de 65 anos.

No que respeita à análise por freguesias a tendência de um número superior de mulheres em relação aos homens mantém-se, com uma única exceção, a freguesia de Gatão, no entanto, apresenta uma variação muito pequena. Quando se observa o grupo etário entre os 0 e os 14 anos apenas Aboadela, Ansiães, Ataíde, Carvalho de Rei, Chapa, Fregim, Gondar, Madalena, Sanche, Amarante (São Gonçalo), Gouveia (São Simão) e Vila Caiz apresentam um número de mulheres residentes superior em relação aos indivíduos do sexo masculino.

Nos habitantes com mais de 65 anos pode-se identificar que em todas as freguesias as mulheres apresentam-se em maior número quando comparadas com os sujeitos do sexo masculino e é neste escalão etário que se observa o maior hiato em relação aos dois sexos.

Por fim, apresentam-se os dados relativos aos indicadores taxa bruta de pré-escolarização e de escolarização, taxa de retenção e desistência no ensino básico e taxa de transição/conclusão no ensino secundário (Quadro 2.3) do concelho de Amarante comparativamente com Portugal, a Região Norte e a Região do Tâmega, para melhor perceber as características dos alunos de Amarante, em termos estatísticos, quando se fala em educação.

Quadro 2.3: Indicadores de Educação em Portugal, na Região Norte, na Região do Tâmega e em Amarante, 2009/2010

		Portugal	Região Norte	Região do Tâmega	Amarante
Taxa bruta de pré-escolarização		85.0	87.3	80.9	82.0
Taxa bruta de escolarização	Ensino básico	127.1	128.1	128.0	132.0
	Ensino secundário	146.2	141.6	110.7	146.5
Taxa de retenção e desistência no ensino básico	Total	7.9	6.2	5.9	3.6
	1º Ciclo	3.7	2.7	2.6	1.7
	2º Ciclo	7.7	5.3	4.3	3.2
	3º Ciclo	13.8	11.5	11.5	6.1
Taxa de transição/conclusão no ensino secundário	Total	80.7	83.0	83.7	87.6
	Cursos gerais/ científico-humanísticos	78.9	81.0	79.9	84.0
	Cursos vocacionais	83.7	86.0	89.8	90.0

Fonte: INE (2011, p. 92)

Relativamente à taxa bruta de pré-escolarização Amarante encontra-se com valores ligeiramente inferiores aos do país, diferença que aumenta quando olhámos para a Região Norte, no entanto, a situação inverte-se quando comparámos Amarante com a Região do Tâmega. No que diz respeito à taxa bruta de escolarização no ensino básico, Amarante apresenta valores de 132.0, dados superiores aos de Portugal, da Região Norte e da Região do Tâmega, que se encontram, entre si, com valores igualitários. Em relação à taxa bruta de escolarização no ensino secundário destaca-se a diferença entre Amarante com 146.5 de taxa bruta e a Região do Tâmega com 110.7.

A taxa bruta de retenção e desistência é um fator a destacar nesta análise, pois os alunos inseridos na Orquestra Geração de Amarante encontram-se no 2º e 3º Ciclo e estão sinalizados como em risco de abandono escolar, o que torna necessário perceber não só a realidade de Amarante, como igualmente compará-la com outros contextos mais abrangentes, para perceber se há diferenças e se houver quais são essas diferenças.

No geral, a taxa de retenção e desistência no ensino básico em Amarante é de 3.6, valor inferior ao que é apresentado por Portugal (7.9), Região Norte (6.2) e Região do Tâmega (5.9). Os dados que dizem respeito à taxa no 2º Ciclo mantêm a tendência geral, apesar das descidas nos valores, o concelho de Amarante apresenta um valor inferior relativamente às outras áreas. No 3º Ciclo observa-se o mesmo panorama, mas a taxa de retenção e desistência sobe, chegando a 13.8 em Portugal, 11.5 na Região Norte e do Tâmega e a 6.1 em Amarante. O que indica que no 3º Ciclo existe um problema maior com a retenção e desistência e, por isso, é necessária uma maior atenção aos alunos.

Após esta apresentação do concelho de Amarante aborda-se, agora, o Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração desde a sua origem o *El Sistema*, passando pela implementação da Orquestra Geração em Portugal e mais tarde em Amarante.

A Orquestra Geração corresponde a uma importação do Sistema de Orquestras Juvenis e Infantis da Venezuela, do qual se destaca a Orquestra Simón Bolívar. Foi um projeto desenvolvido pelo economista, político e músico venezuelano José António Abreu, há 37 anos que *“procura tirar partido da aproximação de crianças à música, para desenvolver competências pessoais e sociais, assumindo que, para além da relação directa com a música, o desenvolvimento de competências possa alargar-se à sociedade”* (Elvas, 2010, p.293). Assim, é um programa criado a pensar na inclusão social de crianças e jovens com maior fragilidade educativa e social através da música. O *El Sistema*, nome pelo qual é conhecido o Sistema de Orquestras Juvenis e Infantis da Venezuela, é financiado pelo governo e assenta na realização de aulas de música gratuitas a crianças em risco, fornecendo, igualmente, os instrumentos, bolsas de estudo e transporte.

São vários os países que têm vindo a adotar um modelo idêntico ao *El Sistema*, assim, a Orquestra Geração surge em 2007, em Lisboa, com base neste programa, onde a adaptação da metodologia, conceção do modelo de gestão e formação de formadores têm o apoio e acompanhamento de especialistas venezuelanos e a responsabilidade pedagógica e artística é da Escola de Música do Conservatório Nacional (ibidem). A implementação deste programa surge com o objetivo principal de *“ser um contributo inovador para a inserção e desenvolvimento de crianças de meios sociais mais desfavorecidos através do ensino da música e que visa também aproximar a família da escola e vice-versa”* (Fundação EDP, 2011, p.42).

No ano letivo 2007/2008 a Orquestra Geração teve início na escola EB 2,3 Miguel Torga, na Amadora com o naipe de cordas, a partir da parceria entre a Escola de Música do Conservatório Nacional, a Câmara Municipal da Amadora e a Fundação Calouste Gulbenkian e com o apoio do Fundo Social Europeu (EQUAL). Em janeiro de 2008 a Fundação EDP, o Ministério da Educação, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e a empresa Central de Cervejas juntam-se ao projeto que se estendeu ao Agrupamento de Escolas da Vialonga *“com a adopção do programa pedagógico e estrutura definidos pelo Conservatório Nacional, com funcionamento mais autónomo e dirigido aos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico”* (Elvas, 2010, p.294). No ano letivo de 2008/2009 integra o programa a Associação Unidos de Cabo Verde da Amadora, com o apoio do Grupo Chamartín e dá-se início ao naipe de sopros. Em 2009/2010 é criado o naipe da percussão e com o apoio do Ministério da Educação foram contratados os professores dos núcleos. No ano letivo 2009/2010 aderiram ao programa escolas do concelho de Loures, da Amadora, de Oeiras, de Sintra e de Sesimbra, sendo que a adesão é resultado do *“trabalho conjunto de entidades várias, como autarquias, fundações,*

fundos europeus, empresas privadas e ministérios, nomeadamente o da Administração Interna e o da Educação, que apoiou nesse ano lectivo todas as escolas aderentes” (Elvas, 2010, p.293).

A nível organizacional o projeto obedece a três grandes momentos. No primeiro ano desenvolve-se os instrumentos de cordas, no segundo ano insere-se os instrumentos de sopro e no terceiro ano os instrumentos de percussão (Lima, 2011).

Tal como o seu modelo de base a Orquestra Geração proporciona o acesso gratuito ao ensino/aprendizagem de música a alunos inseridos em contextos de risco (ibidem). Desde cedo os alunos têm apresentações sistemáticas e *“No Natal, Páscoa e no verão realizam-se estágios regionais que agrupam três orquestras de diferentes escolas. Uma vez por ano realiza-se um estágio nacional que junta a totalidade das orquestras”* (Fundação EDP, 2011, p.42).

Amarante foi o primeiro município a receber, em 2010, a Orquestra Geração fora da Área Metropolitana de Lisboa. A Fundação EDP, o Conservatório Nacional de Música e o Centro Cultural de Amarante (instituição que acolhe e coordena o projeto) realizaram um protocolo de colaboração para a criação e execução da Orquestra Geração em Amarante, intitulada: *Centro Cultural de Amarante – Orquestra Geração*. Estamos perante um projeto *“que promove a inclusão social de crianças e jovens que se encontram em maior vulnerabilidade educativa e social, através do ensino da música clássica”* (ibidem, p.111). O grande enfoque é dado nas seguintes questões (Lima, 2011): combater o abandono e o insucesso escolar; promover a inclusão social das crianças e jovens; promover o trabalho de grupo e disciplina, adicionando-lhe responsabilidade para uma melhor cidadania; promover a autoestima das crianças e das suas respetivas famílias, fazendo-as sentir-se parte do projeto; aproximar os pais do processo educativo dos filhos, fazendo com que estes se tornem numa parte integrante do processo de inclusão social dos filhos; contribuir para a construção de projetos de vida de crianças e jovens; proporcionar acesso a uma formação musical que, de outra forma, seria impossível para as crianças e jovens que vivem em contexto de exclusão social.

O primeiro passo, após a realização do protocolo de colaboração entre as várias instituições, correspondeu a uma reunião no Conservatório de Música de Lisboa, onde foram delimitados os objetivos que mais tarde permitiram a incrementação do projeto, com a definição específica das idoneidades de cada uma das partes participantes. Foi determinada a duração de três anos renováveis, abrindo a possibilidade que cada um dos colaboradores possa

dar seguimento ao programa, com a finalidade de proporcionar oportunidades a outros alunos através da criação de ciclos de três anos (Lima, 2011).

Após esta etapa foi convidado para integrar a Orquestra Geração em Amarante o Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso onde foram escolhidos, antecipadamente, com base nos objetivos elaborados para o programa, alunos sinalizados pela psicóloga do agrupamento de escolas onde se inseriam e que se enquadravam nos parâmetros sociais do modelo (Lima, 2011). Assim, no primeiro ano foram selecionados 29 alunos através da realização de um *workshop* no Centro Cultural de Amarante, dirigido por professores de música, com a finalidade de avaliar as capacidades musicais de cada aluno e definir o instrumento a atribuir a cada um. Desta forma, foram entrando alunos para o projeto dos 10 aos 15 anos de idade da seguinte forma:

Quadro 2.4: Distribuição dos instrumentos por ano

Instrumentos		Ano		
		2010	2011	2012
		Nº de Instrumentos		
Corda	Violino	14	14	14
	Violoncelo	6	6	6
	Viola d'arco	6	6	6
	Contrabaixo	3	3	3
	Total	29	29	29
Sopro	Oboé	-	2	2
	Flauta Transversal	-	2	2
	Clarinete	-	2	2
	Fagote	-	2	2
	Trompete	-	2	2
	Total	-	10	10
Percussão	Total	-	-	4

Fonte: Lima (2011)

Desta forma, o programa antevê os instrumentos de cordas, sopros e de percussão, o que nos encaminha para a ideia de que “*O crescimento da Orquestra através da implementação de novos instrumentos permite a seleção e enquadramento de novos alunos*” (ibidem, p.4).

A organização do período de aulas decorre conforme o ano letivo, tendo no fim de cada período um estágio de uma semana onde os alunos têm várias aulas e preparam uma apresentação pública. Também, no decorrer do ano, fazem intercâmbio com a Orquestra Geração de Mirandela e no final têm uma apresentação em Lisboa, na qual participam todas as Orquestras Geração do país. As aulas são realizadas semanalmente na escola, nas horas em que os alunos não têm aulas e no Centro Cultural de Amarante ao sábado de manhã (onde o

transporte é feito através de camionetas disponibilizadas pelo mesmo e onde os alunos têm um pequeno lanche) distribuídas da seguinte forma:

Quadro 2.5: Distribuição horária das aulas da Orquestra Geração

Aulas	Carga Horária (minutos)
Coro/Formação Musical	60
Naípe	90
Instrumento (aula individual)	60
Orquestra	180

Fonte: Lima (2011)

Por seu turno, os professores inseridos no projeto recebem formação específica ligada a uma pedagogia própria no Conservatório Nacional da Música em Lisboa, que se vai completando através de formações periódicas com base nos Planos de Estudos criados pelo Conservatório Nacional de Música. É, também, definido um Coordenador Pedagógico e Artístico encarregado pelos alunos e que procede à articulação entre professores, escola e as famílias. Neste contexto, é feito um acompanhamento dos alunos através da metodologia caso-a-caso (Lima, 2011).

A 15 de maio de 2010 deu-se início à atividade letiva. A cerimónia de abertura oficial do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração realizou-se a 26 de junho de 2010, no Auditório do Centro Cultural de Amarante e contou com a presença de diversos convidados e entidades oficiais, onde foram oradores o Prof. António Carlos Sousa Laranjeira Lima, Presidente do Centro Cultural de Amarante, o Dr. Sérgio Figueiredo, representante da Fundação EDP, o Dr. Armindo Abreu, Presidente da Câmara Municipal de Amarante, o Prof. Artur Correia, Diretor do Agrupamento de Telões e o Prof. Rafael Montes. Durante a cerimónia decorreu a entrega simbólica dos instrumentos musicais e foi, também, feita uma pequena apresentação dos alunos que já tinham ensaiado (ibidem).

No que diz respeito às exibições públicas todas elas são divulgadas nos órgãos de comunicação social de Amarante e das escolas envolvidas no programa, tendo como presença regular entidades oficiais do concelho e representantes da Fundação EDP. O intercâmbio e a mobilidade ao longo do ano letivo permitem o contacto com outras realidades que, na maioria das vezes, não são conhecidas pelos alunos e permite, igualmente, a convivência com crianças provenientes de realidades diferentes (ibidem).

2.3. Métodos de investigação: análise qualitativa. A análise de conteúdo, a observação direta e a entrevista semidiretiva como forma de aproximação ao Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração

No decorrer da investigação, mediante o objeto em análise e os objetivos desenhados, foi preciso perceber quais os métodos de investigação que podem possibilitar uma resposta às interrogações que estão na base do trabalho. É o momento em que se delimita a abordagem metodológica e, conseqüentemente, as técnicas que melhor se adaptam. Desta maneira, considerou-se que o estudo da educação musical como estratégia para a inclusão social a partir do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração permite uma abordagem marcadamente qualitativa

Na perspectiva de Godoy a pesquisa qualitativa encontra-se localizada no ambiente natural do contexto empírico a estudar, por isso há uma valorização do contacto direto do investigador com o ambiente e a situação que está a estudar. Deste modo, o investigador compreende o seu objeto de estudo na situação em que ocorre e tem nele um papel. O investigador torna-se o seu instrumento de observação, seleção, análise e interpretação dos dados recolhidos (Godoy, 1995, p.62). Neste intuito, a análise qualitativa permite a compreensão dos significados que os atores sociais dão à vida quotidiana, facto que se apresenta de grande relevância, já que é neste contexto que se desenvolve o projeto da Orquestra Geração, isto é, estamos perante um projeto que interfere, diretamente, na vida dos alunos que nele estão inseridos, o que implica que se torne uma parte significativa da vida de quem o integra, por isso permite a cada elemento construir significados em seu torno. Através da pesquisa qualitativa é fundamental uma partilha com as pessoas (alunos, encarregados de educação, professores), com os factos (aulas e concertos) e os locais (Centro Cultural de Amarante, Agrupamento de Escola Amadeo de Souza-Cardoso) todos eles ligados à Orquestra Geração que permitem captar e analisar os significados visíveis e latentes, que apenas poderiam ser apreendidos através de uma atenção sensível. A aproximação ao terreno do investigador é aqui entendida como uma necessidade ligada à investigação, ao estar no terreno é exigida uma aproximação física ao terreno, mas o investigador não é um ator social, logo houve a necessidade de manter o distanciamento, para não serem levantadas questões relativas à validade dos dados recolhidos, no entanto, este distanciamento nem sempre se revelou fácil.

O grande objetivo foi chegar ao essencial do real, isto significa que “*O discurso do sociólogo é tanto mais fundamentado e melhor entendido quanto mais «enraizado» for na realidade que pretende explicar*” (Lalanda, 1998, p. 872). Compreende-se, então, o uso de

uma maior flexibilidade, a pesquisa não se desenvolveu em fases estanques, existindo um diálogo entre as várias fases da investigação. O trabalho foi sendo desenvolvido tendo em consideração questões como a organização do ano letivo, os horários das aulas, das apresentações ou dos próprios professores. Ao longo de toda a investigação foi necessário reformular e construir diversas vezes, uma característica da análise qualitativa, uma vez que as próprias hipóteses teóricas não foram formuladas desde o início com a construção do modelo de análise, mas foram emergindo no decorrer da investigação, através do reconhecimento do campo de investigação e do aprofundamento do conhecimento do objeto de estudo e da população-alvo.

Desta forma, definiu-se para esta investigação as técnicas: análise de conteúdo, observação direta e entrevistas semidiretivas. A análise de conteúdo foi elaborada em relação a três documentos sobre a Orquestra Geração (Anexo i-iii, p.79-81), com o objetivo de perceber as suas características desde as origens até à implementação no município de Amarante.

A observação é uma das técnicas escolhidas, pois permite “*analisar em profundidade as características, as opiniões, uma problemática relativa a uma população determinada, segundo vários ângulos e pontos de vista*” (Almeida, 2007, p.198). Pode ser utilizada pelo sociólogo em diversas fases da investigação empírica e exige que o observador tenha de estar presente no terreno ou junto do grupo que pretende observar. No caso deste projeto levou-nos à recolha e ao registo de componentes de grande relevância, que vão para além dos simples diálogos, pretendeu-se apreender posturas, ambientes, linguagem corporal, entre outros aspetos. Consequentemente optou-se por realizar duas observações exploratórias (Anexo iv, p. 84) efetuadas sem um guião definido, pois corresponderam ao primeiro contacto direto com o projeto e com alguns dos seus elementos, o que permitiu a recolha de informação servindo de ponto de partida.

Após esta primeira fase foram realizadas observações diretas: numa aula (Anexo v, p. 86) para perceber o contexto em sala de aula, o tipo de linguagem, os modos de apresentação, a atitude no espaço, as modalidades de interação e a relação com o espaço dos atores sociais. Foram, também, realizadas duas observações de apresentações públicas da Orquestra Geração de Amarante (Anexo vi, p.88), onde foi possível observar a reação do público, muito especialmente das famílias dos alunos, permitindo ter uma ideia das representações dos encarregados de educação em relação à participação dos educandos na Orquestra Geração, mas igualmente da atitude dos alunos e professores neste contexto.

A entrevista, por seu lado, corresponde à visão da realidade do entrevistado, logo o que se pretende é captar um discurso, uma construção seletiva baseada na memória e nas representações com base nos objetivos da investigação, *“Não se trata, por isso, de ouvir um qualquer relato ou história sem estrutura de sentido, mas de ouvir falar da realidade segundo um traçado que lhe é proposto e em relação ao qual o entrevistado se cola ou se desvia”* (Lalanda, 1998, p.874).

Neste sentido, foram realizadas entrevistas aos atores implicados no projeto, com exceção dos alunos, já que são menores o que poderia colocar algumas questões do ponto de vista da validade. Por outro lado, o próprio discurso poderia facilmente ser alterado pela presença do entrevistador, já que é uma pessoa estranha com a qual os alunos não têm o mesmo nível de confiança, logo para entrevistar os alunos seria necessário mais tempo no terreno e a autorização dos encarregados de educação. Optou-se, então, para conseguir captar questões relacionadas com a população-alvo, colocar aos outros entrevistados questões relativas aos alunos.

No que diz respeito aos professores foram realizadas 7 entrevistas (Anexo vii, p. 90). Não foram entrevistados 2 professores, apesar de todos terem sido contactados, mas devido ao seu horário não foi possível a realização das entrevistas. O principal objetivo ao entrevistar os professores foi, para além de tentar perceber as principais características da Orquestra Geração, como os seus objetivos e pedagogia, entender se existem mudanças nos alunos e quais são esse tipo de alterações. Mas, também, compreender a perspetiva dos encarregados de educação em relação à participação dos seus educandos na Orquestra.

Foram realizadas entrevistas à coordenadora pedagógica (Anexo viii, p. 91) e ao diretor da Orquestra Geração de Amarante (Anexo ix, p. 93) com o intuito de perceber como foi realizada a implementação da Orquestra Geração em Amarante, quais são as suas características, nomeadamente pedagogia adotada, a organização das aulas e das atividades. No que diz respeito aos alunos perceber como são selecionados para integrar a orquestra, que tipo(s) de acompanhamento(s) que possuem e entender o impacto do projeto na vida dos alunos a vários níveis. Estas entrevistas, também, permitiram perceber quais as escolas envolvidas no projeto, compreender a perspetiva dos encarregados de educação em relação ao modelo, perceber o modo como os professores são selecionados e o seu tipo de formação, entender como é feita a comunicação e divulgação das atividades e a receptividade que tem havido em relação à Orquestra Geração.

Na escola EB Amadeo de Souza-Cardoso foram entrevistados o diretor do agrupamento de escolas (Anexo x, p. 95) e a psicóloga (Anexo xi, p. 96). O objetivo foi

perceber o papel da escola no projeto, entender o tipo de alunos que frequentam a Orquestra e como são selecionados. Foi, também, entrevistado o Presidente da Câmara Municipal de Amarante (Anexo xii, p. 97) no sentido de perceber o papel da Câmara no projeto e o modo como foi implementado em Amarante, entender a forma de divulgação das atividades e a receptividade em relação ao projeto. Por último, estavam planeadas entrevistas aos encarregados de educação (Anexo xiii, p. 98) para entender a relação do educando com o projeto, para perceber como tiveram conhecimento, qual foi a motivação para o educando entrar na Orquestra e quais as mudanças que têm observado. Ao mesmo tempo compreender a relação do entrevistado com o projeto e a forma como acompanha o desempenho do seu educando.

Em todas as entrevistas foram realizadas questões no que diz respeito à relação do entrevistado com a Orquestra Geração com o objetivo de compreender o balanço do projeto, as dificuldades encontradas, os momentos mais marcantes e a sua opinião sobre a inclusão social através da música.

2.4. Considerações de percurso: os obstáculos da investigação. Uma reflexão.

No decorrer da investigação foram surgindo alguns obstáculos que necessitaram de ser resolvidos e exigiram flexibilidade de adaptação, tanto do investigador como do próprio desenho metodológico.

Em primeiro lugar, destaca-se o facto de os objetivos da investigação não se enquadrarem, por vezes, nos objetivos da Orquestra, ou seja, a imagem do projeto é muito importante para os seus responsáveis, o que se revela no discurso dos sujeitos. É na, maioria das vezes, um discurso demasiado positivo, sem apresentar falhas ao projeto. Por outro lado, os dados recolhidos e a análise feita podem servir como uma avaliação externa à Orquestra Geração de Amarante, constituindo uma forma de se legitimarem. Assim, foi combinado entre as duas partes que o investigador entrega uma cópia da dissertação para que essas informações possam ser usadas pela Orquestra.

Outro dado de relevância é a interferência que pode surgir em determinados momentos. O investigador ao estar no campo necessariamente interfere, facto que se observou na aula, mas também nas entrevistas. Devido a esta presença os atores sociais mudam o seu comportamento, passam a dizer e a fazer aquilo que consideram ser *socialmente correto*. Nestes contextos foi preciso elaborar novas estratégias, no caso da observação passaram só a ser realizadas nas apresentações públicas e na entrevista assegurava-se a sua confidencialidade e que não era uma avaliação.

Por seu turno, o funcionamento da Orquestra em si, de toda a logística e organização que a envolve, como horários e atividades, tornou difícil a integração e a realização das entrevistas. As entrevistas exigiam a interferência de um intermediário e, por isso, demoravam muito tempo a serem agendadas. No caso específico das entrevistas com os professores devido a estas questões acabaram por não ser entrevistados dois professores. No que diz respeito às entrevistas aos encarregados de educação não foram possíveis serem realizadas. Desde fevereiro de 2012 foram mantidos diversos contactos com a coordenadora pedagógica da Orquestra Geração de Amarante, no sentido de serem contactados os encarregados de educação para serem realizadas as entrevistas. No entanto, só em junho a coordenadora mostrou disponibilidade para marcar as entrevistas. Apesar deste contacto e de diversas tentativas de marcação apenas em setembro foram mantidos novos contactos e, como já tinha acontecido, não foi possível marcar as entrevistas, mesmo já tendo uma data definida. No entanto, são desconhecidas as razões para esta situação, supõe-se que poderá ter sido uma falha de comunicação ou uma recusa dos encarregados de educação de serem entrevistados. O que implica que seria necessário mais tempo para estabelecer uma melhor comunicação com o intermediário, de forma a existir contacto com os encarregados de educação, para serem realizadas as entrevistas.

Capítulo III- Música para a inclusão social. O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração

Este capítulo consiste na análise e apresentação dos dados recolhidos ao longo da investigação. Desta forma, começa-se por elaborar uma caracterização sociodemográfica dos entrevistados. Após este momento constrói-se a caracterização do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração através da definição dos seus objetivos, da sua pedagogia, da sua organização e das dificuldades que têm sido encontradas. Posteriormente analisa-se o perfil-tipo dos alunos do projeto, o seu modo de integração e os resultados que têm surgido. De seguida, explora-se a questão dos encarregados de educação e a sua participação na Orquestra Geração. No que diz respeito aos professores é abordada a sua formação e a sua integração na Orquestra. Elabora-se, também, uma análise sobre as formas de comunicação e divulgação das atividades do projeto. É, igualmente, referida a receptividade que tem surgido em relação à Orquestra Geração de Amarante. Por fim, explora-se a relação do entrevistado com o projeto, mais concretamente, a sua opinião, a sua experiência pessoal, o balanço que faz e os momentos mais marcantes.

3.1. Caracterização sociodemográfica dos entrevistados

No que diz respeito ao sexo dos entrevistados (Quadro 3.1) observa-se uma predominância do sexo masculino (58.3%) em relação ao sexo feminino (41.7%).

Quadro 3.1: Distribuição por sexo dos entrevistados, em percentagem

Sexo	% de entrevistados
Masculino	58.3
Feminino	41.7
Total	100

Na distribuição por grupo etário dos entrevistados (Quadro 3.2) observa-se que mais de metade (58.3%) se situa entre os 30 e os 44 anos de idade, entre os 20 e os 29 anos existem 16.7% de indivíduos e entre os 45 e os 65 anos 25.0% dos sujeitos entrevistados.

Quadro 3.2: Distribuição por grupo etário dos entrevistados, em percentagem

Grupo etário	% de entrevistados
20-29 anos	16.7
30-44 anos	58.3
45-65 anos	25.0
Total	100

No quadro 3.3 apresenta-se o local de residência dos entrevistados, onde se observa que a maioria (75.1%) reside em Amarante, depois aparecem mais três municípios com a mesma percentagem (8.3%) sendo eles Lousada, Marco de Canaveses e Vila Nova de Gaia. O que indica que todos os entrevistados vivem na Área Metropolitana do Porto.

Quadro 3.3: Local de residência dos entrevistados, em percentagem

Local de residência	% de entrevistados
Amarante	75.1
Lousada	8.3
Marco de Canaveses	8.3
Vila Nova de Gaia	8.3
Total	100

Quanto ao grau de escolaridade dos entrevistados (Quadro 3.4) destaca-se o facto de a maioria (75.0%) ser licenciado, no mínimo os entrevistados têm um Bacharelato (8.3%) e 16.7% possuem o grau de mestre.

Quadro 3.4: Grau de escolaridade dos entrevistados, em percentagem

Grau de escolaridade	% de entrevistados
Nenhum	0
Ensino básico (1º e 2º ciclo)	0
Ensino básico (3º ciclo)	0
Secundário	0
Ensino médio/ Bacharelato	8.3
Pós-graduação/Curso de especialização	0
Licenciatura	75.0
Mestrado	16.7
Doutoramento	0
Total	100

Por fim, na profissão principal dos entrevistados (Quadro 3.5) destaca-se que mais de metade (58.4%) são professores e há uma distribuição igualitária de 8.3% por outras profissões.

Quadro 3.5: Profissão principal dos entrevistados, em percentagem

Profissão principal	% de entrevistados
Professor	58.4
Advogado	8.3
Psicólogo	8.3
Músico	8.3
Diretor Centro Cultural de Amarante	8.3
Diretor Agrupamento de Escolas	8.3
Total	100

3.2. Caracterização do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração. Objetivos, pedagogia, organização e dificuldades

O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração surgiu em 2010, através de um protocolo entre a Fundação EDP, o Conservatório Nacional de Música e o Centro Cultural de Amarante. O modelo visa o ensino de música a alunos que se encontram em contextos de risco, pretende, por isso, incutir nos alunos determinadas características como a responsabilidade, o saber trabalhar em grupo, a aprendizagem de um método de estudo, com vista a torná-los mais extrovertidos e com uma maior autoestima, de forma a ser possível a sua inclusão social. Consequentemente, a inclusão social é o grande objetivo delimitado pelo projeto, no entanto, a correta aprendizagem musical não é descurada, o que torna, também, importante que os alunos aprendam corretamente e desenvolvam as suas capacidades musicais. Mas é reforçado, pelos entrevistados, a questão de não pretenderem formar músicos profissionais, o projeto pretende que os alunos não abandonem a escola e com isso conseguir a sua inclusão social.

A Orquestra tem como base um programa estipulado pelo Conservatório Nacional de Música, que determina os objetivos que devem ser cumpridos em cada período. Para além do trabalho desenvolvido ao longo dos períodos, no final de cada um é realizado um estágio que culmina com uma apresentação pública.

Em relação à participação da Fundação EDP esta deve-se ao apoio que é dado à empresa mãe EDP, que construiu uma barragem em Fridão, Amarante, por isso o projeto surge como uma forma de compensar a população pelos impactos negativos que dela possam surgir.

Quadro 3.6: Implementação da Orquestra Geração de Amarante

Implementação
<ul style="list-style-type: none"> . Iniciou-se em 2010 . Parceria da EDP e do Conservatório Nacional com o Centro Cultural de Amarante
Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> . Ensino de música a alunos tidos como problemáticos . A partir do ensino de música aprendem valores com os quais não conviviam. Passam a ter mais responsabilidade, a saber trabalhar em grupo, aprendem um método de estudo, tornam-se mais extrovertidos, aumenta a sua autoestima . O projeto visa, essencialmente, a inclusão social

Quadro 3.7: Implementação e características da Orquestra Geração de Amarante

Implementação
<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “(...) o tipo de trabalho é estipulado pela orquestra, pelas orquestras geração a nível nacional, há um programa que é estipulado por Lisboa, pelo Conservatório Nacional de Música que eles têm que cumprir, há metas (...) E há objetivos por período, num primeiro período (...) depois há uma semana de estágio que também está noutro programa estipulado, é intensiva a semana de estágio com várias horas que eles fazem durante a semana, também outro tipo de programa estipulado e eles têm que chegar ao final e apresentar (...)”</p> <p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “O projeto iniciou-se em Amarante em 2010, por convite da Fundação EDP”; “(...) foi feito o convite, foi-me explicado qual era o objetivo (...) eu fiquei logo entusiasmado com o projeto (...) indicamos que estávamos interessados.”</p> <p>Sexo masculino, 60 anos, advogado: “(...) Fundação EDP apoia a política da empresa mãe que é a EDP e a EDP, como sabe, ganhou o concurso para a construção de barragens em alguns locais do país, nomeadamente, em Fridão que é em Amarante e, portanto, a Fundação perguntou-nos se podíamos apoiar (...) e foi desta conversa que surgiu a ideia de constituição da Orquestra Geração aqui em Amarante. Nós tínhamos acabado de construir o edifício e reconverter o edifício para a Escola de Música, que é na antiga cadeia Comarca (...) e achou-se que era razoável haver aqui uma Orquestra Geração. Até porque há famílias, por todo o lado, há famílias pobres, desestruturadas, que é preciso ter projetos de integração dessas crianças mais pobres, enfim, oriundos de famílias mais desestruturadas e, portanto, assim foi, nasceu a ideia. A Fundação EDP apoiou logo imediatamente esta ideia e há que criar um ambiente nos locais onde a EDP quer investir. De resto, também, está um bocado ligada pela processo de compensar os Municípios pelos alguns impactos negativos que as próprias barragens possam provocar (...)”</p>
Características
<p>Sexo feminino, 30 anos, professora: “(...) inclusão social, pelo menos tentamos que isso seja...”</p> <p>Sexo feminino, 27 anos, professora: “(...) Os objetivos da orquestra geração é (...) além da música, não é a parte primordial (...) o primeiro objetivo é que eles não abandonem a escola e depois junta-se o útil ao agradável que é eles desenvolverem através da música (...)”</p> <p>Sexo masculino, 26 anos, professor: “Tecnicamente em relação ao instrumento estou contente e mesmo socialmente que acho que é a base do projeto, não é? A integração social e por aí fora, também acho que consegui, porque também era o meu objetivo, moldar a maneira de eles pensarem (...)”</p> <p>Sexo masculino, 34 anos, professor: “Pra já no meu caso e no meu naipe é que eles toquem bem e as estratégias é que eles estudem de acordo com o que eu lhes ensino nas aulas (...) Para depois em concerto suar bem (...)”</p> <p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “Tenho que antes da flauta, tenho que para as criança, coisa mais importante ensinar de modo que elas podem começa a trabalhar na orquestra, porque no ensino normal nós começamos a trabalhar, muito anos depois começamos a trabalhar na orquestra (...)”</p> <p>Sexo masculino, 30 anos, professor: “Integrar os alunos, mas nunca tendo aquele peso de um aluno regular que tem de fazer tudo direito. É o prazer de tocar que está presente e não a obrigação.”</p> <p>Sexo masculino, 34 anos, músico: “Nesta altura nós começamos as aulas, os sopros começaram há cerca de um mês ou mês e meio, o primeiro objetivo é que eles tenham o primeiro contato com o instrumento e comecem a evoluir gradualmente até que seja possível inseri-los na orquestra de cordas (...)”</p> <p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “A nível de prioridades o projeto da orquestra geração, embora seja um projeto de inserção social virado para a parte musical, a prioridade é a parte social e não a parte musical (...) É óbvio que colmatamos as coisas de uma cajadada só... nós temos alunos que estão no projeto que estão a ser excelentes alunos quer a nível musical e quer a nível de componente social estão a ficar fantásticos (...) e com esses alunos (...) já se trabalha mais a parte musical, depois temos alunos do projeto que não conseguem sair da</p>

componente social tão favorecida. O que é que acontece? (...) tentámos que acompanhem a orquestra, mas (...) acabam por não ter a nível musical resultados tão bons (...) para nós tanto faz, o importante é que eles estejam cá todos, é lógico que a nível musical é bom ter uma boa orquestra, mas sabemos como o objetivo é social complementamos com outros objetivos que tem o projeto (...) o projeto não é virado para o sucesso musical mas sim para o sucesso social (...)

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: *“(...) é um projeto que visa um problema de âmbito nacional que o risco de abandono escolar, que é a exclusão social. (...) este projeto está vocacionado para estas duas vertentes social e a educacional (...) A aprendizagem da música não é o principal (...)”; “(...) não é esse o objetivo fazer músicos, há a componente social.”*

A pedagogia adotada difere da que é utilizada no ensino musical corrente. No caso da Orquestra Geração de Amarante o ensino parte do geral para o particular, o que implica que os alunos comecem logo a tocar o seu instrumento e só mais tarde é que começam a ter contacto com a parte teórica.

A utilização deste tipo de pedagogia é propositada para motivar os alunos. É utilizada uma estratégia diferente, porque o grau de exigência não é o mesmo que numa situação de ensino musical corrente. É incutido nos próprios professores que têm de adotar diferentes formas de ensino, métodos sem tantas regras e técnicas. Os alunos começam por fazer, o que implica que comecem logo a tocar e estar integrados, desde o primeiro ano, na orquestra. Por outro lado, as aulas têm como base o diálogo entre professor e aluno, já que os professores não discutem ou berram com alunos, a educação é feita pelo reforço positivo, sem dar muita relevância aos aspetos mais negativos.

Quadro 3.8: Pedagogia da Orquestra Geração de Amarante

Pedagogia
<p>Sexo feminino, 30 anos, professora: “(...) eu às vezes, com estes alunos, tento funcionar um bocadinho diferente, eu não sei até que ponto isso é bom... porque depois o grau de exigência também não é tão grande, não é? Mas isto sempre nos foi incutido no projeto que o objetivo não é tanto o musical (...)”</p>
<p>Sexo feminino, 27 anos, professora: “(...) um sistema completamente diferente do que era o articulado porque o articulado é as regras todas, o dito oficial, no articulado não, tens muita técnica, aquilo tudo direitinho, os metodelinhos todos e a geração é um bocado a pirâmide ao contrário, eles primeiro vão fazer e depois vão perceber o porquê (...) eles começam logo no primeiro ano, logo com os instrumentos, logo em orquestra (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 26 anos, professor: “A pedagogia é ouvir bastante, tentar falar com eles (...) E não discutir porque se fosse a discutir era mais um porque no intervalo berram com eles, na sala de aula berram com eles, se calhar em casa berram com eles, se calhar se eu fosse mais um a discutir com eles não queria, então tentei contornar isso (...) quanto mais alto eles falarem, mais baixo eu falo.”</p>
<p>Sexo masculino, 30 anos, professor: “...incentivar a começar logo a tocar, sem o peso igual a uma disciplina... Dar ênfase ao lado positivo em vez do lado negativo...”</p>
<p>Sexo masculino, 34 anos, músico: “Neste momento nós trabalhamos de uma forma diferente do que trabalhamos no ensino oficial (...) recebemos as normas de Lisboa e é um trabalho em que sensivelmente o objetivo é que ele comecem logo a tocar nem que seja só duas notas (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “Neste projeto os alunos começam logo a tocar, portanto partem do geral e depois vão tendo (...) formação teórica.”; “Começam pela imitação (...)”</p>

Quadro 3.9: Ambiente em sala de aula

Atores sociais	
Perfil-tipo	
Alunos	Professores
.3 rapazes e 4 raparigas .entre os 13 e os 15 anos	.1 professora e 2 professores
Modos de apresentação	
Alunos	Professores
. Modo de apresentação informal, t-shirt, calças de ganga e sapatilhas	. Modo de apresentação informal, t-shirt, calças de ganga
Atitude no espaço	
Alunos	Professores
. Manuseiam as pautas e os instrumentos com facilidade . Enquanto a aula prossegue não se levantam	. Ficam sempre de frente para os alunos
Modalidades de interação	
Alunos	Professores
. Os alunos falam entre si, nos intervalos das músicas . Fazem piadas entre si e entre os professores . Quando o observador entre comentam “Outra?!”	. Falam entre si para combinar as atividades e comentar o desempenho dos alunos . Falam com os alunos, não só sobre a aula, mas entram nos comentários
Tipo de Linguagem	
Alunos	Professores
. Linguagem informal	. Linguagem informal
Relação com o espaço físico e com as atividades	
Alunos	Professores
. Estão sempre sentados . Enquanto estão a tocar mantêm uma postura correta, não falam entre si . Comentam alguns erros que vão cometendo	. O maestro dá as indicações principais, mas os outros professores também dão indicações, em especial aos seus alunos

A carga horária semanal das aulas é de 6 a 7 horas, dividida em coro/formação musical com 60 minutos, naipe com 90 minutos, instrumento (aula individual) de 60 minutos e

orquestra com 180 minutos. A organização do ano é feita de acordo com o ano letivo do ensino formal.

Complementarmente às aulas os alunos têm estágios no final de cada período, nos quais estão uma semana, diariamente, a ensaiar, para no final fazerem uma apresentação pública. No final de cada ano letivo têm um estágio em Lisboa, onde são reunidas todas as orquestras do país. Para além, destas atividades são realizados intercâmbios com as orquestras de Mirandela e Murça e vão sendo feitos vários convites por diversas entidades para a Orquestra realizar concertos.

Quadro 3.10: Organização das aulas e atividades da Orquestra Geração de Amarante

Organização das aulas
<p>Sexo feminino, 30 anos, professora: “(...) têm aulas de instrumento, têm aulas de naipe e aulas de orquestra (...); “(...) Eles têm meia hora de instrumento, têm (...) duas horas de naipe (...) e três horas de orquestra (...) as atividades vamos fazendo consoante o que nos pedem (...)”</p> <p>Sexo masculino, 26 anos, professor: “As aulas são uma vez por semana, aulas individuais (...) Depois têm o naipe e depois têm a orquestra. As aulas individuais é uma vez por semana, naipe uma vez por semana e a orquestra também uma vez por semana.”</p> <p>Sexo masculino, 34 anos, músico: “(...) eles têm aulas individuais, meia hora de aula individual cada miúdo e depois têm uma aula de naipe que depois tem que juntar os dois e trabalhamos os dois juntos, trabalhamos outros aspetos para depois juntar com os colegas (...)”</p> <p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “(...) eles têm uma carga horária muito intensiva, são 6 a 7 horas semanais, na aula de instrumento eles trabalham a peça, na aula de naipe juntam com outro colega e estão a trabalhar a peça, na aula de orquestra juntam a peça com toda a gente e acaba por dar algum sucesso”;</p> <p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “São 7 horas por semana, estão divididas em napes (...) e depois há as aulas em comum de formação musical, que é a parte teórica e depois tem a orquestra.”</p>
Atividades
<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “A nível de atividades isto funciona como se fosse, é inserido no plano de escola (...) Como disse, todos os finais do período eles têm metas, eles fazem todo o tipo de trabalho que tem de ser apresentado, ou seja, têm de fazer sempre a audição final de cada período, depois têm que fazer sempre estágio, é obrigatório, faz parte do plano, geralmente é de uma semana, nós temos feito cá em Amarante, no Natal três dias porque calha sempre a meio da semana é complicado alargarmos mais esse prazo, na páscoa fazemos sempre uma semana intensiva, no ano anterior, na Páscoa, para ter uma ideia, nós juntamos com a orquestra de Mirandela, este ano isso não foi possível porque estamos numa fase já mais adiantada, porque fomos a primeira orquestra do Norte a arrancar e fizemos intercâmbio com a orquestra e no final fizemos na mesma intercâmbio com a orquestra de Mirandela e fomos a Lisboa. Este ano temos ficado cá por Amarante, no final do ano teremos que os juntar e também vamos participar no concerto em Lisboa porque são metas, já estão estipuladas com Lisboa (...) fora isso convites, nós já fizemos várias atividades, já tocamos em atividades organizadas por Juntas de Freguesia, por exemplo (...) vamos tendo vários convites e vamos tocando (...) ou seja, fora da audição obrigatória de cada período, no final de cada estágio, também recebemos convites.”</p> <p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “As atividades são organizadas... Normalmente, nós começamos a ser convidados (...) para além das atividades curriculares, isto é, são atividades que já estão previstas no projeto, que são as audições finais de período(...)”; “(...) fazemos intercâmbio (...) nomeadamente com Mirandela e com Murça, porque é importante também o intercâmbio, porque há miúdos que nunca saíram de Amarante.”</p>

Atualmente, o projeto Orquestra Geração de Amarante está dirigido a alunos do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso, mais concretamente da escola EB Amadeo Souza-Cardoso/ Telões. Desta forma, o agrupamento, numa fase inicial da implementação da Orquestra, colaborou na seleção dos alunos, através da participação da sua

psicóloga e da coordenadora pedagógica. Depois desta fase compete, agora, ao agrupamento dar apoio logístico, nomeadamente na cedência de instalações, transporte de instrumentos, interligação com outras entidades e transporte de alunos para as atuações.

Quadro 3.11: Papel do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso na Orquestra Geração de Amarante

Papel do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso
Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: <i>“Em relação ao projeto nós tivemos aquela fase inicial de inventariar os alunos que reuniam condições (...)” “(...) com acompanhamento da coordenadora pedagógica e da psicóloga (...)”; “(...) dá-mos apoio na parte das aulas, na parte de instrumento que funciona aqui nestas instalações, também sou eu (...) que faço a interligação com a autarquia, no que diz respeito a transporte, quer dos alunos, quer de instrumentos porque é necessário, por exemplo, levar os instrumentos para o Centro Cultural (...) quando é as atuações sou eu que desencadeio os transportes (...) é o nosso papel é dar todo o apoio logístico aos professores do Centro que vêm aqui dar as aulas de instrumento aos nossos alunos.”</i>

A Câmara Municipal de Amarante não tem um papel ativo na Orquestra, apesar de no início ter contribuído para a implementação do projeto no concelho, atualmente, apenas contacta, quando necessário indiretamente, algumas entidades.

Quadro 3.12: Papel da Câmara Municipal de Amarante no projeto Orquestra Geração de Amarante

Papel da Câmara Municipal de Amarante
Sexo masculino, 60 anos, advogado: <i>“(...) o nosso papel é de aplaudir a ideia, dá-mos, também, o nosso contributo para que a ideia se concretizasse e tentar que este projeto tenha o máximo de duração possível (...) E, indiretamente falámos com as direções, com os agrupamentos escolares para apoiarem essa ideia, para eles próprios, também, fazerem a escolha (...)”</i>

No que diz respeito às dificuldades do projeto os entrevistados apontam, primeiramente, a questão ligada à pedagogia, já que esta difere daquela que é reiterada pela educação musical corrente, logo é necessário um tempo de adaptação por parte dos professores à pedagogia específica da Orquestra Geração. Outra grande dificuldade que surge é a constante preocupação com a continuação do projeto, visto que é financiado na totalidade pela Fundação EDP, o que faz com que haja avaliações constantes e possam existir cortes devido à atual situação financeira do país, o que torna necessário encontrar novos parceiros que possam contribuir economicamente. Por outro lado, outros entrevistados referem a necessidade de uma psicóloga que possa acompanhar os professores para melhorar a sua relação com os alunos.

Quadro 3.13: Dificuldades da Orquestra Geração de Amarante

Dificuldades
<p>Sexo feminino, 30 anos, professora: “(...) Para mim tudo bem que a base não é a música, mas no fundo estamos a ilustrar um trabalho e as pessoas querem ouvir sons bonitos, querem ouvir alguma qualidade e nós estamos a saltar etapas técnicas, eles nunca terão bases para fazer as coisas de forma correta (...)”; “(...) Não sei muito bem... a questão é essa, a questão é que se calhar os professores... eu fui a Lisboa algumas vezes e até tive algumas sessões com psicólogo, mas não me disseram nada, por exemplo eles podiam-nos ter ajudado, por exemplo, se houver este tipo de situações os professores devem reagir desta forma e neste projeto, se calhar, fazia sentido um psicólogo a ajudar-nos mais (...)”; “(...) se bem que aqui há psicólogo, mas nunca senti que houvesse grande apoio e mesmo em relação a nós o que fazer... porque os professores também não sabem (...)”</p> <p>Sexo masculino, 34 anos, músico: “(...) a abordagem ao ensino é bastante diferente daquilo que nós fazemos tradicionalmente no ensino oficial, ainda andamos um bocadinho a apalpar, a apalpar terreno (...)”</p> <p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “(...) às vezes, não é fácil... (...) a nível de recursos, é fácil, não tem faltado nada, todas as expetativas que eu criei para o projeto, que eu achei à partida, temos conseguido atingir, até temos superado bastante bem, às vezes há algum caso, tipo acontecem coisas do género de alguém que está com um problema de continuar na orquestra, acontece muitas vezes e o pai quer tirá-lo, porque ele se anda a portar mal (...) esse tipo de dificuldades acontecem (...) mas mais só por aí (...)”; “No início (...) por causa do tipo da pedagogia alguns professores ficaram um bocadinho, pronto, acreditamos nisto, não acreditamos, por aí, não foram tão recetivos assim, mas à medida que o projeto foi decorrendo (...) começaram a ter uma opinião completamente diferente (...)”</p> <p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “As grandes dificuldades que tenho encontrado neste projeto (...) é em termos logísticos, por causa do transporte dos miúdos (...) De resto (...) todos queremos que isto vá para a frente (...) estamos todos empenhados.”</p> <p>Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: “(...) deve, espero bem, o projeto foi avaliado há coisa de três, quatro meses por avaliadores externos e, na altura, foi logo isso referenciado que é um projeto que eu, nós em contatos com o Centro Cultural já estamos a estudar na hipótese de não termos, neste caso, a continuidade do parceiro da Fundação EDP, que temos de estar preparados para tudo... já estamos a pensar nos possíveis patrocinadores desta iniciativa.”</p>

3.3. Os alunos da Orquestra Geração de Amarante: perfil, modo de inserção e resultados

Estão inseridos no projeto 43 alunos, distribuídos por cordas (29 alunos), sopros (10 alunos) e percussão (4 alunos).

Quadro 3.14: Alunos inseridos no projeto Orquestra Geração de Amarante

Alunos inseridos no projeto
<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “Neste momento 43, ou seja, nós temos 29 da área das cordas, temos 10 da área dos sopros e (...) já foram selecionados os 4 alunos que vão ser da percussão e que vão iniciar as aulas no início do terceiro período.”</p> <p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “Atualmente, estão no projeto 43 alunos, distribuídos por cordas, por sopros e por percussão (...)”</p>

Um dos objetivos definidos para esta investigação centra-se na perceção do modo de integração dos alunos na Orquestra Geração de Amarante. Consequentemente foi possível perceber que os alunos que integram o projeto são, em primeiro lugar, sinalizados pela psicóloga do agrupamento de escolas. São alunos com dificuldades a nível de aprendizagem, com ambiente familiar desestruturado, com níveis socioeconómicos baixos e, por isso, estão

sinalizados pela escola. Após esta fase de prévia seleção os alunos são indicados ao Centro Cultural de Amarante para realizarem *workshops*, supervisionados pelos professores, para perceberem quais são os alunos com aptidões musicais e para definir os instrumentos para cada um. Este processo é elaborado, porque existem mais alunos interessados e sinalizados do que vagas para a Orquestra.

Outro objetivo delimitado prende-se com a compreensão do contexto familiar e social dos alunos da Orquestra. Assim, foi possível entender que estamos perante alunos com problemas económicos, em risco de abandono escolar, com problemas familiares, estando alguns sinalizados pela Comissão de Proteção de Menores e com problemas de comportamento.

Quadro 3.15: Modo de integração e perfil-tipo dos alunos da Orquestra Geração de Amarante

Modo de integração e perfil-tipo dos alunos
Sexo feminino, 30 anos, professora: “(...) alguns miúdos têm dificuldades pelo facto de saberem estar (...)”
Sexo feminino, 27 anos, professora: “(...) são miúdos com problemas, quer económicos, quer sociais, que estão em risco de abandono escolar e, por exemplo, no nosso caso aqui em cima eles são quase todos sinalizados, já têm acompanhamento e essas coisas todas (...)”
Sexo feminino, 31 anos, professora: “(...) são alunos que estão sinalizados pelos diretores de turma, são referências dadas pela psicóloga que vão ao encontro das metas que estão estipuladas no projeto sempre”
Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “(...) quem faz a seleção são os professores (...) a escola já tem alunos problemáticos que estão sinalizados nas escolas, a psicóloga e o diretor de escola dizem (...) os alunos que necessitam de apoio, que se calhar a música lhes fazia bem, fala-se com eles, vê-se com os pais, vê-se se eles estão interessados ou não, faz-se a inscrição, em função das inscrições é feita uma avaliação de capacidades para a música (...) e, em igualdade de circunstâncias e de sobretudo problemas os professores fazem a apreciação (...)”
Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: “ (...) Com base quer no processo do aluno, quer nos antecedentes, quer nos alunos com problemas familiares que têm processos na Comissão de Proteção de Menores, quer pelos próprios diretores de turma que, por vezes, isso acontece, frequentemente têm todos conhecimento do projeto e sinalizam esses alunos como constituindo, para eles, uma mais-valia para poderem-se integrar, porque têm problemas de comportamento, muitos deles têm problemas de comportamento (...)”
Sexo feminino, 35 anos, psicóloga: “Eu já estou nesta escola há 6 anos e, por isso, conheço bem o ambiente da realidade escolar. Por isso, na altura sinalizei os alunos com mais dificuldades, com ambiente desestruturado, com mais dificuldades (...) a nível de aprendizagem, com nível socioeconómico baixo (...) Também tem a ver com os critérios do projeto.”

O projeto Orquestra Geração de Amarante visa o ensino de música clássica a alunos em risco de abandono escolar, mas para além desta valência principal, o programa oferece aos seus alunos acompanhamento psicológico, feito através da psicóloga do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso. Oferece, igualmente, transporte para as aulas ao sábado no Centro Cultural de Amarante e atividades extracurriculares como, por exemplo, concertos. Ao sábado é, também, assegurado um lanche para cada aluno e, quando necessário, almoço.

Quadro 3.16: Apoio dado aos alunos do Projeto Orquestra Geração de Amarante

Apoio dado aos alunos
Sexo feminino, 31 anos, professora: <i>“Além do ensino da música gratuito nós fazemos um trabalho, aliás, nós temos uma psicóloga que faz um trabalho fantástico com eles, todas as vezes que há qualquer tipo de problema ela tenta resolver, a nível de famílias também, quando há um miúdo que se queixa ou acontece alguma situação em casa, nós temos situações um bocadinho graves na orquestra, miúdos que têm um contexto familiar muito grave e estão numa posição social não muito boa, não muito favorecida os próprios pais vêm falar com a psicóloga, vêm falar comigo muitas vezes, pronto, nós tentamos ajudar da melhor maneira.”</i>
Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: <i>“(…) psicológico e, também, o aluno limita-se a vir cá, nós vamos buscá-los a casa, levamo-los a casa, damos um suplemento alimentar (...) o almoço sempre que necessário (...)”</i>

Ao nível dos resultados da Orquestra definiu-se como objetivo: conhecer o impacto da Orquestra Geração de Amarante na vida dos alunos. Desta forma, a partir das observações foi possível visualizar uma postura diferenciada entre o momento em que os alunos estão a tocar e o momento em que não estão. Durante o momento em que tocam os alunos mantêm uma postura séria, manuseiam o instrumento de forma cuidadosa e seguem as indicações que vão sendo dadas.

As mudanças que os entrevistados referem são comportamentais, pessoais e escolares, ou seja, os alunos passam a gostar das aulas, empenham-se, tornam-se mais responsáveis, ficam menos agressivos e tornam-se mais calmos, a sua autoestima aumenta, na escola mudam o seu comportamento e as notas melhoram, o que reflete que estas mudanças não se limitam ao contexto da Orquestra. A nível musical há uma evolução positiva, apesar do objetivo primordial do projeto não ser a criação de músicos, os alunos têm tido uma evolução positiva neste sentido e alguns querem mesmo seguir uma profissão ligada à música.

É, desta forma, possível perceber que existe um impacto positivo na vida dos alunos que se reflete no campo escolar, mais concretamente no facto dos alunos deixarem de estar em risco de abandono escolar, pois as notas e a motivação escolar são pontos que melhoram com a sua presença na Orquestra Geração. Os alunos passam a integrar a comunidade escolar de uma forma positiva e acabam por se destacar.

Perante este cenário é possível entender que o ensino musical, devido às suas características, permite chegar a uma mudança no que diz respeito ao abandono escolar, mais concretamente à inclusão social. O projeto vai para além do ensino musical, aquilo que é ensinado pode ser apreendido pelos alunos para outros campos da sua vida, em especial na área escolar.

No entanto, para chegarem a estes resultados é necessário, para além de uma pedagogia alternativa, que consiste nos alunos começarem logo a tocar, ou seja, a terem contacto imediato com o instrumento e os seus sons e só depois partirem para a teoria, os

entrevistados dizem que é necessário mostrar aos alunos que são capazes de executar as tarefas, através de um reforço positivo, para que os alunos fiquem motivados.

Quadro 3.17: Perfil, atitude e modalidades de interação dos alunos em concerto

Alunos
Perfil-tipo
Obs nº4: Idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos; Na maioria são raparigas
Atitude no espaço
Obs nº4: Durante a apresentação mantiveram uma postura direita, olhavam para a maestrina para seguir as suas ordens e para as pautas Obs nº5: Demonstaram algum nervosismo; Manuseiam as pautas e os instrumentos com facilidade; Olham para o maestro à espera de indicações
Modalidades de interação
Obs nº4: Os alunos durante a apresentação não interagiram entre eles, a única interação era com a maestrina que lhes ia dando ordens Obs nº5: Vão olhando para os professores e para o público; Mantêm uma postura correta durante toda a atuação

Quadro 3.18: Mudanças dos alunos da Orquestra Geração de Amarante

Mudanças
<p>Sexo feminino, 30 anos, professora: “(...) eles gostam muito (...) mais das aulas de grupo, mas há de tudo, por acaso tenho duas miúdas super empenhadas e noto que querem fazer disto a vida delas (...)”; “(...) noto muitas diferenças, noto, de facto, que eles estão mais empenhados, têm evoluído (...)”</p>
<p>Sexo feminino, 27 anos, professora: “Não tem nada a ver com os miúdos que começaram há um ano e tal atrás, não tem nada a ver, quer a nível de comportamento, quer a nível de responsabilidade, quer a nível de atitude, temos o feedback lá em cima da escola, que se não forem todos, mas a maior parte deles mudou completamente os comportamentos (...) a nível de notas melhoraram imenso.”</p>
<p>Sexo masculino, 26 anos, professor: “Eu acho que tento sempre motivar (...) Como é que eu tento motivar? Ora bem, eles já são bloqueados, não é? Porque eles pensam que têm todas dificuldades e mais algumas (...) E eu tento desbloquear isso através do demonstrar pela prática, eles automaticamente ao eu mostrar que eles são capazes e ao eles conseguirem atingir aquele objetivo numa determinada peça eles desbloqueiam automaticamente (...)”; “Atitudes principalmente, atitudes (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 34 anos, professor: “Acho que é sentir os alunos, respeitar e saber quais são os gostos deles conhecendo aprofundadamente cada ser o humano que a gente consegue cativar (...)”; “Num deles noto que está bastante certinho, já o era mas ficou mais calmo o outro era muito, era muito agressivo, está muito mais concentrado e mais enquadrado, porque são primos os dois e é engraçado, é coincidência (...) estão mais unidos, eles não se davam muito bem (...)”</p>
<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “(...) sim, eles são muito motivados, por exemplo, até agora não podem, não podem levar as flautas para casa, mas todos os sábados eles vêm ao Centro Cultural para ensaiar, são muito motivados.”</p>
<p>Sexo masculino, 30 anos, professor: “Ao início foi estranho, porque o aluno já tem alguma idade, apesar de já ter reprovado... Tive de o habituar a algumas coisas. Parecia um miúdo que trabalhava, sempre com as mãos frias, isto são fatores que dificultam tocar o instrumento.”; “Tenho tido muita recetividade, o aluno que tenho quer trabalhar, mesmo em comparação com os outros do ensino regular, ele quer trabalhar mais.”; “...é um aluno que está sempre sossegado, como está sozinho é calado, faz perguntas, pede muitas vezes desculpa e quer fazer logo bem.”; “A relação que é mantida com o aluno é de proximidade, não existe a distância normal professor-aluno, por exemplo existe sempre um aperto de mão.”</p>
<p>Sexo masculino, 34 anos, músico: “Há uma evolução, claro de qualidade, há uma evolução, ainda começaram há pouco tempo, penso que eles têm interesse em evoluir e fazer mais, claro que estão sempre a perguntar quando é que se juntam com a orquestra de cordas e querem levar os instrumentos para casa que ainda não levam (...)”</p>
<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “O comportamento para mim é a primeira (...) o comportamento é uma das coisas mais visíveis (...) a orquestra ajuda a discipliná-los, ajuda a saber estar, ajuda a cumprir regras, se não estiverem não conseguem fazer o trabalho de grupo, o espírito de grupo também é uma das coisas fundamentais (...) e depois muitos deles o sucesso escolar, muitos deles tinham bastantes negativas (...) mas o comportamento e o aproveitamento sim.”; “(...)Posso dizer que a vida deles mudou mesmo muito, passaram a ter uma forma diferente de estar na vida, a forma de se comportarem, passaram a ter outro tipo de responsabilidades (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “(...) eles eram, normalmente, alunos segregados nas escolas e nesta altura na escola (...) vêem-se a tocar o instrumento, de repente rodeados dos colegas (...) Deixaram de ser apenas mais um alunos da escola ou até menos um e passaram a ser reconhecidos e admirados pelos colegas (...) E isso é motivador, eles motivam-se com isso, pois quando começam logo a tocar estão logo motivados (...) A motivação é feita naturalmente (...) são motivados porque gostam (...)”; “(...) em termos de comportamento é excelente, porque a música obriga à disciplina, ao espírito de equipa, ao espírito de grupo, começam a saber trabalhar em grupo. Há a responsabilidade, há a pontualidade (...) disciplinares e, também, em termos de disciplina de comportamento (...) A diferença é abismal, que dizer os alunos que não tinham regras absolutamente nenhuma, nem sabiam estar, aqui no conservatório de música eu já nem sei quem são os alunos que estão no ensino articulado ou (...) quem são os alunos da Orquestra Geração, enquanto ao princípio os alunos da Orquestra Geração eram notados pela negativa (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: “Os alunos (...) em termos de comportamento alteram radicalmente, nota-se isso, principalmente, naqueles alunos com os tais problemas de comportamento, hiperativos, inquietos, alunos que ficam mais responsáveis, muito mais responsáveis, ficam mais afáveis, o poder de comunicação deles também melhora significativamente, sabem estar, a integração deles na turma é muito mais facilitadora e ao mesmo tempo em termos de notas também tem melhorado.”</p>
<p>Sexo feminino, 35 anos, psicóloga: “(...) mais motivados, com uma maior autoestima (...) também a nível comportamental na sala de aulas, são mais responsáveis. (...) No geral uma melhoria positiva.”</p>

3.4. Os encarregados de educação: participação e representações

Nesta investigação propusemo-nos perceber quais são as representações sociais dos encarregados de educação em relação à participação dos seus educandos na Orquestra, no entanto, não é possível explorar esta questão visto não ter sido possível realizar as suas entrevistas. Mediante este cenário, em relação a este objetivo, a sua análise é feita a partir das entrevistas realizadas a outros intervenientes do projeto, uma vez que nestas estavam definidas questões concretas sobre os encarregados de educação.

Num primeiro momento os encarregados de educação mostraram-se apreensivos em relação ao projeto Orquestra Geração de Amarante, estavam reticentes em relação ao trabalho que podia ser desenvolvido. Com o decorrer do projeto os encarregados de educação foram conhecendo melhor os objetivos que o norteavam e passaram a acompanhar a evolução dos seus educandos, mostrando-se interessados e acompanhando as apresentações públicas e o trabalho que é desenvolvido ao longo do ano letivo. O que nos leva a perceber que é possível que a atitude dos encarregados de educação tenha mudado.

Apesar desta melhoria nesta área ainda há trabalho a ser desenvolvido, a comunicação com a família é, por vezes, difícil, o que se observa na lacuna de comunicação entre professores e encarregados de educação, tornando necessário, segundo parte dos entrevistados, alguém que possa fazer a comunicação entre a Orquestra Geração e os encarregados de educação.

Quadro 3.19: Público das apresentações da Orquestra Geração de Amarante: perfil-tipo, atitude no espaço e modalidades de interação

Público
Perfil-tipo
Obs 4: Na maioria pais dos alunos Obs nº5: Funcionários do Centro
Atitude no espaço
Obs nº4 O público está muito perto da orquestra, pois é uma sala de proporções pequenas, devido à grande afluência da assistência. Os que estavam sentados alguns prestavam atenção à apresentação, mas outros continuaram a falar entre eles; O público que estava de pé falava e fazia barulho, alguns professores que estavam na assistência tentavam pedir para fazerem pouco barulho, mas sem sucesso; Ao lado do observador encontram-se duas encarregadas de educação de alunos da orquestra, estão num sítio destinado a professores, no entanto, pedem para se manterem no local apenas para verem a apresentação da orquestra Obs nº5: Não fazem barulho
Modalidades de interação
Obs nº4: O público troca comentários entre si, em especial os que se encontram de pé. Existe um ruído bastante grande, em especial vindo dos corredores Obs nº5: Ouvem-se expressões como “Muito bem!”

Quadro 3.20: Encarregados de educação do projeto Orquestra Geração de Amarante

Encarregados de educação
<p>Sexo feminino, 30 anos, professora: “Eu não tenho nenhuma relação com os pais, não tenho nenhum contacto (...) quer dizer, eu vou lá, dou as minhas aulas, conhecem-me dizem olá, boa tarde mas não passa daí.”; “Eu acho que eles sentem mesmo orgulho, eu acho que sim (...); “Eu acho que os pais também fazem a pressão para eles aqui estarem.”</p> <p>Sexo feminino, 27 anos, professora: “(...) mas já aconteceu vir um pai ou outro dizer ó professora ele está completamente diferente, já estuda, está motivado e as notas, isso já aconteceu a alguns (...); “(...) Eles quando fazem concertos (...) fica tudo cheio, vêm os pais todos atrás dos miúdos e amigos e vizinhos como se fosse quase aquele gosto, o meu filho está ali e que, se calhar, até na altura não acompanhavam muito a nível de escola e essas coisas e começam a ter interessados (...)”</p> <p>Sexo masculino, 26 anos, professor: “(...) não conheço pais de ninguém.”</p> <p>Sexo masculino, 34 anos, professor: “Os pais, no início como estavam ainda a inteirar-se, não é? Um deles foi um bocado complicado, mas com a ajuda da coordenadora resolvemos o problema rápido.”</p> <p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “(...) sei quando fazemos concertos os pais apareceram (...)”</p> <p>Sexo masculino, 30 anos, professor: “Não sei muito bem... Mas no outro dia a coordenadora disse que a mãe vê melhorias no filho.”</p> <p>Sexo masculino, 34 anos, músico: “Se calhar quem pode responder a isso é a coordenadora, porque lida diretamente com os pais (...)”</p> <p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “Os pais (...) quando lhes foi apresentado o projeto, começaram ok, será que é, será que não é? Pronto eu vou deixar ir nem que seja para ele se entreter (...); “(...)muitos deles que não apareciam na escola, nem sequer punham os pés na escola para saber informações dos filhos, começaram a aparecer porque eles gostam de ver os miúdos a tocar (...) para eles é um orgulho (...) começaram a acompanhar a vida escola dos seus filhos.”</p> <p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “Conseguimos, também envolver os pais no projeto (...) temos tido resultados excelentes (...) eles já são mais participativos na escola, já vão saber qual o aproveitamento e comportamento dos filhos, que não acontecia antes. Vêm aqui muitas vezes contar-nos como é que eles se comportam (...) Assumiram a responsabilidade, também, dos miúdos levarem instrumentos para casa, assinaram um documento a dizer que são eles que são responsáveis (...); “Uma das lacunas que temos, neste projeto, é não ter uma assistente social que trate da parte familiar (...)”</p>

3.5. Os professores da Orquestra Geração: formação e integração

Os professores que lecionam na Orquestra têm uma formação inicial no Conservatório de Música e são selecionados para o projeto através de um concurso em que é escolhido aquele que melhor se adapta aos pré-requisitos delimitados.

O projeto define que, para além da formação inicial no Conservatório de Música, os professores para lecionarem na Orquestra Geração têm de fazer uma primeira formação intensiva em Lisboa, onde é explicada a pedagogia e os objetivos presentes e durante o ano têm de continuar a participar em diversas formações.

Quadro 3.21: Formação e seleção dos professores da Orquestra Geração de Amarante

Professores: formação e seleção
<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “Os professores são professores do Centro, a maior parte deles, os outros professores que não são do Centro que (...) nós sabemos por referência convidamos (...) mas, geralmente, são professores do Centro que já estão cá e que têm se mantido (...)”; “A formação que nós todos temos é a nossa formação de música, só que nós todos temos que fazer formação antes de iniciar o projeto. Tivemos uma formação intensiva em Lisboa que nos foi explicada, o tipo de pedagogia que nós tínhamos de aplicar e durante o ano fazemos várias formações (...)”</p> <p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “ (...) nós não selecionamos, os professores que estão na Orquestra Geração, são os professores do ensino articulado. Como são professores do ensino articulado já têm que ter determinadas aptidões para o ensino obrigatoriamente (...) em 4 ou 5 professores é visto o perfil de cada um e aquele que se adapta. É explicado o projeto, qual é o objetivo do projeto (...) Depois eu e a coordenado pedagógica vemos (...) qual é aquele que tem o perfil para integrar o projeto (...)”; “ (...)a formação dos professores, porque isto é um projeto que tem uma estratégia própria, completamente diferente daquela que é implementada no nosso ensino. É um ensino que parte mais do mais geral para o particular, os alunos começam logo a tocar.”</p>

3.6. Comunicação e divulgação das atividades do Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração

No que diz respeito à divulgação das atividades extracurriculares da Orquestra Geração de Amarante é feita, essencialmente, através do *facebook* e do *site* do projeto, mas o meio de comunicação mais usado é a divulgação verbal.

Quadro 3.22: Comunicação e divulgação das atividades da Orquestra Geração de Amarante

Comunicação e divulgação das atividades
<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “Geralmente quem nos convida divulga sempre (...) E depois nós também através do nosso site, através do facebook e depois os miúdos também (...)”</p> <p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “Nós, penso que é uma falha que temos no aspeto da divulgação (...) mas é verbalmente (...) é com as apresentações que fazemos aqui no concelho, nas escolas e as pessoas começam a saber que existe a Orquestra. (...) E começam-nos a convidar, sempre que há uma atividade nós publicamos nos jornais, na rádio e a televisão (...) E através do nosso site também.”</p>

3.7. Recetividade da Orquestra Geração de Amarante

A recetividade de todas as partes envolvidas no projeto tem sido, no geral, positiva, segundo os entrevistados. Os professores inicialmente ficaram apreensivos por causa da metodologia, mas rapidamente se adaptaram. Por seu turno, a comunidade local é a parte que se apercebe menos da existência da Orquestra, devido ao facto das apresentações públicas serem realizadas para os pais e para as crianças, porque o objetivo principal não é o reconhecimento do público, mas a integração dos alunos.

3.23: Recetividade do projeto Orquestra Geração de Amarante

Recetividade
Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “ (...) a comunidade é exatamente aquela que menos se apercebe (...) porque as audições e as apresentações que fazemos e os concertos que fazemos, normalmente são virados para os miúdos (...) e quando fazemos aqui no conservatório vêm os pais (...) fica lotado o auditório.”
Sexo masculino, 60 anos, advogado: “ (...) interessa-me mais a integração dos miúdos e nesse aspeto tem sido ótima (...) A comunidade está sempre aberta a receber com aplauso estas iniciativas, mas nós não podemos esquecer o objetivo fundamental (...) é formar pessoas, é integrar miúdos, crianças já com uma certa idade, evidentemente... fazer essa integração social para que se sintam parte de um projeto social na respetiva autarquia, na respetiva zona da sua residência, isso é o que me interessa. Interessa-me é que depois os pais também vejam as crianças e que eles próprios também se sintam envolvidos no processo e isso é que é o fundamental e depois a partir daqui, evidentemente, há alguns que vão gostar tanto da música que vão tentar seguir uma via profissionalizante nesta área, é ótimo (...)”

3.8. Relação do entrevistado com o projeto: opinião, experiência pessoal, balanço e momentos mais marcantes

Os entrevistados quando questionados sobre o ensino da música como forma de inclusão social afirmaram que esta é uma alternativa viável. A música corresponde a uma linguagem universal que pode contribuir para a integração, a partir do desenvolvimento de várias competências como a responsabilidade e o trabalho em grupo. Ao mesmo tempo, os alunos passam a conhecer e a desenvolver uma vertente musical e cultural e sentem-se mais apoiados e acompanhados.

Quadro 3.24: Opinião dos entrevistados sobre a inclusão social através da música

Opinião sobre a inclusão social através da música
Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “ (...) nunca me tinha apercebido, sinceramente, que a música podia contribuir para a inclusão social (...) Foi uma surpresa realmente agradável e que ultrapassou as minhas expetativas, por na verdade (...) nós aqui no Centro fazemos audições com os nossos alunos e com os alunos da Orquestra Geração em articulação. Portanto, eles estão perfeitamente integrados aqui na escola e a música tem contribuído para isso, porque a música é universal (...) Claramente, que a música é uma linguagem única.”
Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: “ (...) Isto está ser um projeto que eu espero que não pare, o meu medo é que, neste momento, pare porque temo que as parcerias acabem atendendo ao atual momento, se vão escusando, penso que promove mesmo a inclusão destes alunos, estes alunos sentem-se diferentes, sentem-se muito mais apoiados, têm uma retaguarda que eles por vezes não têm em casa e que por vezes lhes é dada quer pelos professores aqui, quer no centro e a própria música (...) eu sempre disse, não sendo eu um homem da música, mas este projeto e a escola têm-me ajudado a gostar e, pelo menos, a perceber mais de música, principalmente de música clássica. Eu acho que as artes, no global, neste caso específico a música que ajudam (...) todas as escolas deviam ter a oportunidade de ter estes projetos, estes projetos aliados aos processos de ensino-aprendizagem (...); “(...) não é só pelos alunos gostarem da música e terem agora jeito para a música, incute-lhes muitas maiores responsabilidades, cumprem horários com maior facilidade, também são alunos mais vivos, são alunos que acho que a cultura deles aumenta efetivamente e todos deveriam ter a oportunidade na escola.”
Sexo masculino, 60 anos, advogado: “Eu acho que é ótimo (...) a música em conjunto é harmonia, é paz, enfim, essa unidade, é ordem não imposta (...) E, sobretudo, dá-nos (...) a noção de que nós devemos estar todo sintonizados todos uns com os outros... numa orquestra, para além do concertino, quem quiser evidenciar-se, evidencia-se pela negativa, não pela positiva (...) têm que trabalhar todos pela causa comum e quando não há uma grande sintonia entre eles quem se destaca, destaca-se pela negativa, desafina (...) portanto, acho que é um veículo muito interessante para a integração.”
Sexo feminino, 35 anos, psicóloga: “(...) a música (...) permite-lhes desenvolver outro tipo de competências.”

A nível pessoal os entrevistados referem que tem sido uma experiência positiva e que os tem surpreendido, pois viram a música surgir como uma esperança de inclusão social para alunos de estratos sociais menos favorecidos e começaram a ter mais consciência de uma realidade com a qual não tinham um contacto direto. Por outro lado, ao verem o resultado do trabalho dos alunos sentem-se orgulhosos e emocionados, porque conseguem notar várias diferenças.

Quadro 3.25: Experiência pessoal dos entrevistados na Orquestra Geração de Amarante

Experiência pessoal
Sexo feminino, 31 anos, professora: <i>“Para mim tem sido excelente (...) os professores na escola tinham muito a noção deste tipo de realidades que existem com as crianças e que não existem, temos muito essa percepção, mas estando no projeto eu tenho a percepção total (...) A realidade que, às vezes, sabemos que elas acontecem mas não estão tão próximas, de repente passaram a estar próximas de mim (...)”</i>
Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: <i>“A nível pessoal (...) como diretor da escola na 1ª, na 2ª e na 3ª apresentação vieram-me as lágrimas aos olhos (...) miúdos de estratos sociais péssimos, do pior que há (...) e vi aquilo os miúdos que não tinham esperança (...) em termos de projetos individuais (...) há aqui uma possibilidade de trabalho futuro deles e, para além disso, (...) a alegria deles em participar (...) Portanto, vi miúdos que não tinham perspetiva nenhuma, porque conversei com eles e com a família e que de repente aparecem em palco a serem admirados (...)”</i>
Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: <i>“ (...) tem sido, eu costumo dizer e tenho muito orgulho enorme que esta geração (...)gosto de os acompanhar e gosto de estar presente e sinto-me (...) por vezes, até me sinto emocionado (...)então quando vi aquela evolução do trabalho, eu lembro-me no primeiro e segundo ensaio na escola que aquilo era um alvoroço, era uma confusão, a maestrina entrou em pânico (...) agora assistir à preparação dos concertos deles, assistir àquele momento preparatório dos concertos que eles fazem um silêncio absoluto, são eles próprios aqui em relação aos colegas que pedem esse silêncio e os colegas aqui na escola também apoiam muito a orquestra geração e conseguem manter.”</i>

Os momentos que os entrevistados recordam como mais marcantes são as primeiras apresentações da Orquestra Geração, em que os alunos com poucos ensaios tiveram ótimas prestações. Alguns destacam situações de maior proximidade, acontecimentos apenas só com um aluno que os marcou, no entanto, é de salientar que os entrevistados não se sentiram muito à vontade com estas situações, não sabendo como agir. Isto revela, como foi dito por eles, a necessidade de uma psicóloga que os possa ajudar no sentido de perceberem como lidar com este tipo de situações.

Quadro 3.26: Momentos mais marcantes dos entrevistados no projeto Orquestra Geração de Amarante

Momentos mais marcantes
<p>Sexo feminino, 30 anos, professora: “ (...) Lembro-me quando fui a Lisboa... foi por acaso a visita do Cavaco e uma miúda estava constantemente a chorar e, de certa forma, ajudei-a e não tinha nada a ver com aquilo, ajudei-a e ela chorava, porque achava que tinha um problema grave de saúde (...) não teve a ver propriamente com o projeto, mas nós no fundo somos psicólogos dos miúdos e falamos com eles e brincamos muito.”</p>
<p>Sexo feminino, 27 anos, professora: “O concerto lá em baixo em Lisboa (...) o ano passado, nós não tínhamos começado assim há tanto tempo e fizemos a junção das orquestras todas (...) aquilo estava imenso, estava cheio, a Aula Magna estava completamente cheia e estavam montes de miúdos e foi gratificante (...) a nossa era das mais novas, a nossa daqui e a de Mirandela, nós fizemos um programa separado cada um e depois juntamos numa música todas, o que é certo é que aquilo estava imenso, estava cheio, a Aula Magna estava completamente cheia com montes de miúdos e correu tudo muito bem e foi gratificante, foi uma das primeiras vezes que fomos completamente a outra zona, ter com as outras pessoas, as outras Orquestras Geração, convidados e foi gratificante, porque a nossa era uma das mais novas e tivemos excelentes resultados, eles acabaram de tocar e toda a gente se levantou a aplaudir (...) nessa e na do Presidente (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 26 anos, professor: “Houve uma vez em que, tenho um aluno bastante problemático, bastante mesmo, qualquer coisa e ele faz asneiras, ele não tá bem quieto e houve uma vez que pronto, armou confusão na orquestra, na aula de orquestra e na aula seguinte eu falei com ele, com ele não, falei com eles, tive naípe e falei com os três, conversei com eles muito seriamente e expliquei que tudo na vida tem o seu retorno, falei da teoria do caos (...) Que tudo aquilo que nós fazemos é-nos devolvido, falei em vários tipos de coisas, falei em vários tipos de exemplos que violência só traz violência, que se eles responderem aos berros, só vão ter alguém que só lhe responda aos berros, se eles derem uma bofetada, a única coisa que vão ter de volta é uma bofetada e tive assim uma grande conversa com eles e eu fiquei muito contente que na aula seguinte esse aluno virou-se para mim e professor esta semana (...) não bati em nenhum colega meu (...) mas sabes porque é que não bati? Porque me lembrei das suas palavras (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 30 anos, professor: “A situação mais marcante foi quando o aluno agradeceu no fim de uma aula, quando começou a tocar as primeiras músicas. Senti uma enorme satisfação! Porque não tinha sido uma aula nada de especial. Fiquei sem reação... É que nos que pagam não agradecem.”</p>
<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “ (...) eu gostei logo da nossa apresentação do projeto de orquestra, foi aí que eu vi, que este trabalho iria para frente e nós poderíamos acreditar que realmente o projeto iria ter sucesso, que ia ter futuro, depois gostei muito de o ano passado ter ido com os miúdos para Lisboa, porque eles nunca tinham ido a Lisboa, partilhar com eles essa experiência (...) gostei muito do concerto da Aula Magna, acho que foi espetacular, eles tiveram lá um momento muito marcante e depois no final tocaram (...) gostei também muito do nosso concerto para o Presidente da República na Fundação EDP, acho que foi marcante porque acho que eles portaram-se mesmo muito bem (...) foram capazes de fazer, de cumprir com o objetivo que eles tinham combinado connosco, de forma muito boa até (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “Tenho dois momentos que foram marcantes. O primeiro quando fomos à Aula Magna (...) e que estava absolutamente cheia (...) Nós estávamos no 1º ano (...) Nós fomos a última orquestra a ser apresentada com as do 1º ano e (...) acabou de tocar a nossa e as (...) pessoas que estavam lá levantaram-se a bater palmas. Portanto, isso foi para mim um motivo de orgulho (...) A outra foi quando fomos escolhidos (...) fazer o encerramento de uma conferência no Museu da Eletricidade (...) Aí também me emocionei bastante.”</p>
<p>Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: “Quando nós tivemos a oportunidade de... foi lá em cima no Centro Cultural de no programa do canal 1, do programa da tarde, tivemos a oportunidade de atuar (...) eu, enquanto diretor, falar desta experiência foi um momento marcante e para nós, enquanto diretores, nos realizam e muito e nos incentivam a continuar a apostar neste tipo de projetos.”</p>

Considerações finais

O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração teve início em 2010, através de um protocolo entre a Fundação EDP, o Conservatório Nacional de Música e o Centro Cultural de Amarante. O projeto visa o ensino gratuito de música clássica e a inserção numa orquestra com especificidades, de alunos em risco de abandono escolar, entre os 10 e os 15 anos de idade. Apesar do projeto estar voltado para o ensino de música esta não é a prioridade, o grande objetivo é a inclusão social dos alunos. Este facto levanta uma série de questões.

A Educação é um elemento de grande relevância nas sociedades contemporâneas, pois permite a integração dos seus indivíduos, na medida em que lhes proporciona a aprendizagem de comportamentos de grupo, conduzindo a uma integração nos padrões culturais, ao mesmo tempo que prepara os sujeitos para serem produtivos em sociedade. Neste sentido, a educação tem vindo a sofrer diversas alterações ao longo da história, varia consoante as sociedades e a época história, o que leva à construção de diversos tipos de educação e princípios educativos. Verifica-se que *“cada sociedade, considerada num determinado momento do seu desenvolvimento, possui um sistema educativo que se impõe aos indivíduos com uma força irresistível”* (Durkheim, 2001, p. 8).

Reforçando a importância da escola na vida dos alunos está a criação de projetos como o que aqui explorámos. Estruturado para atingir o campo escolar e conseguir resultados positivos para os alunos. O projeto Orquestra Geração está definido de acordo com um ano letivo e encontra-se construído de forma semelhante à escola, no sentido de haver uma pedagogia definida e uma organização específica.

A educação pode ser vista como uma das formas que mais contribui para a socialização e começa desde cedo na vida dos sujeitos. É através da socialização primária, que ocorre durante a infância, que se dá um período de aprendizagem cultural intenso e, neste contexto, a família assume um papel fundamental, pois tem de proporcionar experiências, referências, competências, linguagens, valores essenciais do processo de escolaridade dos jovens (Abrantes, 2003, p. 101). Este facto é observável nos dados recolhidos na medida em que são referenciadas falhas na educação familiar dos alunos que frequentam a Orquestra Geração de Amarante, devido a contextos desestruturados.

Apesar de a família ter um papel de grande relevância na educação dos seus membros, a educação desde o século XVIII passou, progressivamente, a estar mais ligada ao Estado, já que deixa de ser vista como um bem privado e passa a ser considerada um bem público. A partir desta noção desenvolve-se o sistema educativo, ao mesmo tempo que se dá o processo

de industrialização e de expansão das cidades. É, também, neste contexto que devido ao desenvolvimento de várias ocupações e o facto de os sujeitos passarem a estar mais tempo fora do lar, nasce a necessidade de transmitir os conhecimentos não apenas de pais para filhos, mas dentro de um sistema educativo, tutelado pelo Estado. Desta forma, o Estado e as famílias passam a dividir entre si a responsabilidade de formação das gerações mais novas.

Atualmente, a escola está muito presente na vida das crianças e dos jovens. Nas sociedades ocidentais contemporâneas a gratuitidade e a obrigatoriedade da escola fazem com que haja uma massificação, ou seja, a frequência escolar é uma condição da criança e do jovem e é na escola que estão depositadas as expectativas de resolução dos problemas sociais. Embora se assista nesta inevitabilidade da escola na vida dos indivíduos, ela *“tende a permanecer um mundo distante da vida, sobretudo da vida das classes populares, cujas disposições culturais não estão em osmose com a cultura escolar, como acontece com os jovens oriundos das classes sociais mais capitalizadas para quem a socialização escolar constitui (...) um prolongamento da sua cultura familiar e das disposições adquiridas na socialização primária”* (Quaresma, 2011, p.17). A escola é percecionada pelos alunos de forma diferente, para alguns ela constitui um suporte para a construção da identidade e da vida social, para outros a escola é vista como uma imposição e o abandono escolar uma opção válida. Logo, a socialização escolar está ligada à importância dos saberes teóricos, do discurso e verbalização, onde é apreendido um *saber-estar* e *saber ser*, tendo em conta o que é normalizado pela sociedade. A partir dos dados recolhidos podemos observar que os alunos antes de entrarem na Orquestra Geração de Amarante demonstram ter uma vivência negativa com a escola, o seu contexto familiar, económico e social, faz com que eles se sintam colocados de parte na escola.

Mediante este cenário pode-se depreender que o sistema escolar mantém *“a ordem preexistente, isto é, a separação entre os alunos dotados de quantidades desiguais de capital cultural (...) ele separa os detentores de capital cultural herdado daqueles que não o possuem”* (Bourdieu, 1996, p. 37). As escolas reforçam as variações nos valores culturais e nas perspetivas adquiridas num período anterior da vida. O sistema escolar transforma as diferenças sociais advindas da herança cultural familiar em desigualdades, o que se observa no facto de os alunos provenientes de famílias com menor capital cultural, como os alunos da Orquestra Geração de Amarante, apresentarem uma relação com as obras de cultura veiculadas pela escola tensa e os alunos que provêm de famílias munidas culturalmente terem uma relação oposta, ou seja, uma relação que os deixa sentirem-se integrados na escola.

Desta forma, é necessário esbater as desigualdades sociais e não extinguir a escola e o sistema escolar, é preciso encontrar possíveis soluções para esta problemática. Por isso, a educação não formal surge como uma hipótese, que em conjunto com a escola pode dar resposta às desigualdades e exclusão criadas no sistema de ensino. Como exemplo temos o Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração que trabalha em conjunto com a escola, tendo como base uma educação não formal, que visa a inclusão social.

Neste sentido, não se pode culpabilizar apenas os alunos pelo seu insucesso escolar e consequente exclusão, pois *“as causas do insucesso escolar são variadas e podem depender tanto de factores endógenos como de factores exógenos à Escola”* (Tavares, 1999, p.179). O insucesso escolar advém de fatores como o desajustamento entre capital cultural de origem das famílias e a linguagem tradicional da escola, originando dificuldades especiais nos alunos de meios populares. Da desarticulação entre a escola, famílias e o mercado de trabalho o que, em diversos casos, leva ao abandono escolar precoce para entrar no mercado de trabalho e do funcionamento interno do sistema de ensino. Por último, da relação entre os agentes educativos e os alunos com problemáticas específicas. Estes fatores são tidos em conta na Orquestra Geração, já que não se parte do princípio de que o aluno é o único culpado pelo seu insucesso, são tidas em conta várias questões para desenhar uma pedagogia adequada centrada no aluno.

O insucesso escolar conduz, diversas vezes, ao abandono escolar. Importa, assim, perceber que um aluno em risco de abandono está inserido num contexto familiar desfavorável e que tem resultados escolares fracos (Carneiro, 1997, p.319). Esta noção vai de encontro com aquela que é apresentada na análise dos dados recolhidos, já que foi possível perceber o perfil dos alunos que frequentam o projeto e que estão sinalizados pela escola como em risco de abandono escolar. Estamos, então, perante alunos com dificuldades de aprendizagem, com ambientes familiares desestruturados, com níveis socioeconómicos baixos, estando alguns sinalizados pela Comissão de Proteção de Menores e com problemas de comportamento.

No que respeita ao modo de integração dos alunos no projeto foi possível observar que após esta sinalização feita pela psicóloga da escola, mediante as características apresentadas, os alunos são encaminhados para o Centro Cultural de Amarante onde prestam provas de aptidão, nas quais é possível aos professores perceberem aqueles que têm mais capacidades na área musical e qual o instrumento a atribuir a cada novo aluno.

É, deste modo, necessário dar respostas ao problema do insucesso escolar e do abandono escolar, que pode resultar em exclusão social. Para tal, há que colocar de lado o

assistencialismo que continua a ser comum, mas que tende a avaliar os excluídos “*com medo, com pena, ou com uma combinação dos dois sentimentos*” (Guerra, 2008, p.2). É preciso, então, incutir a ideia de uma inclusão social que prepare o futuro, por isso a necessidade de respeitar o outro como ele é, respeitar as suas diferenças e o tempo de aprendizagem de cada sujeito. Na Orquestra Geração a individualidade de cada aluno é tida em conta, ao haver uma metodologia caso-a-caso, tem-se em consideração as especificidades de cada aluno e respeita-se a sua individualidade, dispondo de tempo para uma aprendizagem ao ritmo de cada um mediante as suas necessidades. Aqui a inclusão social é pensada não no imediato, mas na preparação do futuro dos alunos a nível escolar, familiar e social.

Assim, no ensino é preciso atender às especificidades sociais, familiares e económicas dos alunos que limitam as suas possibilidades, de forma a proporcionar um ensino tão personalizado quanto possível, atendendo à diversidade cultural e social. Logo, a educação não pode estar limitada à transmissão de conhecimentos e saberes, o que indica que “*O contrário da educação inclusiva é (...) uma educação que se opõe à educação que segrega ou exclui uma parte daqueles que é suposto incluir*” (Capucha, 2010, p.25). O aluno não pode ser olhado como um ser passivo, ele tem características que têm de ser tidas em conta no desenho do plano pedagógico. O que torna necessário o desenvolvimento de estratégias que conduzam à responsabilização e que permitam o contacto com a diferença para uma ação mais consciente, os alunos devem ter iniciativa e capacidade de trabalhar em grupo. Por outro lado, tendo em consideração que os sujeitos atuam de acordo com a ideia que têm de si próprios é preciso um controlo, por parte dos alunos, da realidade exterior para que possam percecioner a importância da escola no contexto da construção de projetos individuais. A Orquestra, neste sentido, consegue desenvolver a responsabilização, a iniciativa, o trabalho em conjunto e a autoestima, ao estimular, através da música, diversas vertentes dos indivíduos.

A opção pedagógica da Orquestra Geração de Amarante passa por se diferenciar do ensino musical corrente, ao partir do geral para o particular, o que implica que os alunos comecem logo a tocar e a ter contacto com os sons e as notas e só depois trabalhem a parte teórica. Este tipo de pedagogia tem como finalidade a motivação dos alunos. Para além deste desenho pedagógico que é, desde logo, incutido aos professores, estes por sua vez tentam dialogar com os alunos e têm como base uma educação positiva, onde não é dada relevância aos aspetos negativos e é mostrado aos alunos que são capazes de executar as tarefas que lhes são propostas. Neste contexto, a cultura, enquanto área abrangente da música, aparece como uma forma de impulsionar e potenciar dinâmicas sociais, constituindo uma forma de inovação, muito especialmente nos planos pedagógicos.

A utilização da arte na educação vai permitir o desenvolvimento da inspiração, da motivação, da expressão, dos sentimentos e do estímulo da criatividade num meio lúdico, expressivo, criativo e livre. Na Orquestra Geração o ensino não se limita à transmissão de saberes entre professor-aluno, consegue-se chegar ao desenvolvimento de instrumentos básicos de pensamento, como os sentimentos, as imagens, as palavras e as ideias, pois a educação artística pode facilitar interações sociais e culturais, tornando-se, assim, um recurso que pode colmatar situações de tensão social.

A educação musical lecionada num contexto não formal, dirigida a alunos em risco e que não têm um acesso fácil a este tipo de aprendizagem pode ser uma alternativa motivadora capaz de gerar resultados positivos ao nível do desenvolvimento e da socialização, já que o objetivo é a educação e formação do aluno. A relevância não é colocada no saber tocar corretamente e ler uma pauta, mas na satisfação de necessidades e o desenvolvimento de capacidades como a perceção, a memória, a cognição e a criação. Este facto é bem visível, quando os entrevistados, referem que o principal objetivo da Orquestra não é a criação de músicos profissionais, mas sim a inculcação de determinadas características nos alunos, ligadas ao contexto musical, que possam ser transportadas para outras realidades da vida dos alunos e, por isso, servem de alavanca para o seu sucesso escolar e inclusão social. A educação musical tende, desta forma, a desenvolver não apenas capacidades na área da música, mas igualmente competências na expressão dramática e plástica, na educação físico-motora, no estudo do meio e na matemática (Canto, 2010).

Através da investigação desenvolvida foi possível compreender como a música contribui para a inclusão social, pois leva ao desenvolvimento de diversas capacidades e permitiu conhecer o impacto da Orquestra Geração na vida dos alunos. Observou-se que os alunos passam por mudanças comportamentais, pessoais e escolares, no sentido em que começam a gostar das aulas, empenham-se, tornam-se mais responsáveis, ficam menos agressivos e tornam-se mais calmos, a sua autoestima aumenta, na escola mudam o seu comportamento e as notas melhoram, o que reflete que estas mudanças não se limitam ao contexto da Orquestra. A nível musical há uma evolução positiva, apesar do objetivo principal não ser a criação de músicos, os alunos têm tido uma evolução positiva neste sentido e alguns querem seguir uma profissão ligada à música.

Desta forma, tornou-se possível perceber que existe um impacto positivo na vida dos alunos que se reflete no campo escolar, mais concretamente no facto de estes deixarem de estar em risco de abandono escolar, pois as notas e a motivação escolar são pontos que melhoram com a sua presença na Orquestra Geração. Os alunos passam a integrar a

comunidade escolar de uma forma positiva e acabam por se destacar. O que nos leva a apontar para o facto de os alunos deixarem de estar identificados como em risco de abandono escolar.

Perante este cenário é possível entender que o ensino musical, devido às suas características, permite chegar a uma mudança no que diz respeito ao abandono escolar, mais concretamente à inclusão social. O projeto vai para além do simples ensino musical, aquilo que é ensinado pode ser apreendido pelos alunos para outros campos da sua vida, em especial na área escolar. Mas para serem apresentados estes resultados foi preciso desenhar uma pedagogia alternativa que visa a importância do reforço positivo e a necessidade imediata dos alunos tocarem para estarem motivados. Os dados recolhidos permitem, assim, perceber que a pedagogia adotada pela Orquestra Geração de Amarante pode suscitar resultados positivos na inclusão social dos alunos.

Para criar contextos eficientes com estas bases é necessário que os membros participantes neste projeto como professores e encarregados de educação colaborem. O papel do professor é fundamental, como tal, é necessária *“uma formação simultânea, de formação na acção, onde o Professor aprenda fazendo, aprenda reflectindo e analisando as falhas e os êxitos da sua acção, num processo contínuo de «prática reflexiva»”* (Schön; Zeichner cit. por Sousa, p.1). Por isso, a formação dos professores deve começar desde o início da sua carreira, para que desenvolvam capacidades para saberem lidar com as necessidades especiais dos alunos. Este facto reflete-se na Orquestra já que, para além da formação inicial no Conservatório de Música, os professores, antes de lecionarem no projeto, têm de fazer uma formação intensiva e durante o ano têm de participar noutras formações, para estarem sempre a par das especificidades, da pedagogia e dos objetivos da Orquestra Geração.

Por seu turno, os encarregados de educação e a família são fundamentais no desenvolvimento educativo dos alunos, o que torna necessário a sua presença na vida escolar dos seus membros (Carneiro, 1997). Os acontecimentos e vivências que ocorrem em contextos escolares, como partes fundamentais da comunicação em família, interferem e fazem parte da relação entre pais e filhos. Este facto torna necessária uma aproximação para que surjam estímulos que proporcionem a participação positiva, logo a comunicação é um vetor importante que deve ser trabalhado. Apesar de não ter sido possível realizar entrevistas aos encarregados de educação, foi possível entender que no início do projeto estes mostraram-se reticentes, mas depois começaram a acompanhar os seus educandos e a querer fazer parte da sua vida escolar. O que nos leva a perceber que a atitude dos encarregados de educação mudou, no sentido em que os dados recolhidos apontam para o facto de que os encarregados de educação passam a acompanhar o desempenho escolar dos seus educandos, pois o seu

interesse não se manifesta apenas no que diz respeito à Orquestra, passam a acompanhar a vida escolar dos alunos.

O Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração foi implementado devido à iniciativa da Fundação EDP que se aliou ao Conservatório Nacional de Música e ao Centro Cultural de Amarante. Assim, estamos perante uma situação de mecenato cultural de empresa, uma vez que uma entidade privada toma a iniciativa de criar um projeto ligado à inclusão social, o que implica a intervenção de privados em questões sociais que, normalmente, estão a cargo do Estado. Consequentemente, o mecenato cultural de empresa é uma “*doação, aquisição ou empréstimo de bens culturais (...) a particulares e instituições de utilidade pública; promoção e comparticipação em iniciativas de âmbito cultural (...); atribuição de prémios, bolsas e financiamento directo de projectos (...); intervenção no património e edificação de imóveis como utilidade pública, etc.*” (Santos; Conde, 1990, p.376). No entanto, tendo em vista os dados recolhidos, a participação da Fundação EDP deve-se ao apoio que é dado à empresa mãe EDP que construiu uma barragem em Fridão, Amarante, por isso o projeto surge como uma forma de compensar a população dos aspetos negativos desta construção.

No caso específico da Orquestra Geração de Amarante estamos perante uma partilha da contribuição dos recursos pelas entidades que estão no projeto. O financiamento económico que permite, nomeadamente a compra de instrumentos, está a cargo da Fundação EDP que representa o mercado. Por seu turno, o Conservatório Nacional de Música promove o ensino da música e o Centro Cultural de Amarante representa a comunidade, tendo como responsabilidade toda a logística, como a contratação dos professores, a escolha dos alunos que integram a Orquestra, a organização das aulas e de outras atividades, a cedência das instalações e o transporte dos alunos e o ensino da música. A escola, também, representante da comunidade, cede as suas instalações para as aulas e proporciona aos alunos o acompanhamento por parte de uma psicóloga e transporte. Por fim, o Estado que não está representado oficialmente, mas a Câmara Municipal de Amarante contribui em pequenos aspetos. Neste contexto, existe uma rede onde todas as partes mobilizam recursos, é desenvolvido um trabalho conjunto com várias entidades da sociedade que, através de um projeto definido, tratam questões sociais abrangentes, neste caso a inclusão social.

Apesar dos resultados positivos que o Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração tem conseguido alcançar, existem aspetos que devem ser melhorados. Em primeiro lugar, deve ser estabelecido um apoio para os professores, no sentido de puderem melhorar o seu relacionamento e comunicação com os alunos e deve ser desenvolvida, igualmente, uma

linha de comunicação entre a Orquestra, os professores e os encarregados de educação, para que haja uma aproximação destes últimos ao projeto e aos seus educandos de uma forma mais direta. Outra questão fundamental prende-se com a parceria com a Fundação EDP, tendo apenas uma entidade a financiar o projeto contribui para uma constante preocupação neste campo. Assim, a procura de novos parceiros torna-se importante para o crescimento da Orquestra e a sua ampliação a mais alunos.

Por fim, no que diz respeito ao trabalho de investigação que ainda pode ser desenvolvido neste campo, chama-se a atenção para a necessidade de realizar as entrevistas aos encarregados de educação para perceber as perceções destes atores sociais em relação à Orquestra Geração, tal como a realização de entrevistas aos dois professores que não foram entrevistados. Por sua vez, uma maior permanência no terreno, através de observações diretas que irão permitir uma compreensão mais clara do impacto do projeto na vida dos seus atores sociais. Outro aspeto que consideramos que poderá ser desenvolvido está ligado à compreensão de possíveis mudanças nos alunos que não estão integrados na Orquestra Geração de Amarante, isto é, os alunos que não estão sinalizados pela escola como em risco de abandono escolar podem adotar comportamentos que estão de acordo com esta definição, na medida em que ao verem os colegas integrados num projeto musical lhes possa suscitar interesse de também fazerem parte da Orquestra.

Referências Bibliográficas

Monografias

ALMEIDA, João Ferreira de, coord. (2007) – *Introdução à sociologia*. Lisboa. Universidade Aberta. ISBN: 978-972-674-137-4.

ARROTEIA, Jorge carvalho (1991) – *Análise Social da Educação: Indicadores e Conceitos*. Leiria: Roble Edições, Lda.

AZEVEDO, Joaquim; SILVA, Augusto Santos; FONSECA, António Manuel (2000) – *O Futuro da Educação em Portugal: Tendências e Oportunidades*. Lisboa: Ministério da Educação.

BERNSTEIN, Basil (1975) – *Language et classes sociales. Codes socio-linguistiques et contrôle social*. Paris: Aux Editions de Minuit. ISBN: 2-7073-0048-9.

BOURDIEU, Pierre (1996) – *Razões práticas sobre a teoria da acção*. São Paulo: Papirus Editora. ISBN: 978-853-080-393-3.

BOURDIEU, Pierre (1998) – *Escritos de Educação*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. ISBN: 978-85-326-2053-8.

CANDEIAS, António (2009) – *Educação, Estado e Mercado no século XX. Apontamentos sobre o caso português numa perspectiva comparada*. Lisboa: Edições Colibri. ISBN: 978-972-772-917-3.

CARNEIRO, Maria do Rosário Amaro da Costa (coord.) (1997) – *Crianças de risco*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. ISBN: 972-9229-44-9.

CRAHAY, Marcel (2002) – *Poderá a escola ser justa e eficaz? Da igualdade das oportunidades à igualdade dos conhecimentos*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN: 972-771-608-3.

DELORS, Jacques et al (2000) – *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*. 6ª ed. Porto: Edições ASA. ISBN: 972-41-1775-8.

DURKHEIM, Émile (2001) – *Sociologia, Educação e Moral*. 2ªed. Porto: Rés-Editora.

DIAS, Maria José Araújo (2001) – *Glossário de Sociologia*. São Paulo: NETRA (Núcleo de Estudos de Tradução), Centro Universitário Ibero-Americano.

FERNANDES, António Teixeira (coord.) (2002) – *A Inserção Social: percursos e desvios de um processo*. Porto: Comissão da Coordenação da Região Norte. ISBN: 972-734-244-2.

GIDDENS, Anthony (2007) – *Sociologia*. 5.^aed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN: 978-972-31-1075-3.

PILETTI, Nelson (2004) – *Sociologia da Educação*. 18^a ed. São Paulo: Ática. ISBN: 978-850-813-163-1.

SOUSA, Alberto B. (2003) – *Educação pela Arte e Artes na Educação. Bases psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN: 972-771-616-4.

TAVARES, Manuel Viegas (1999) – *O Insucesso Escolar e as Minorias Étnicas em Portugal*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN: 972-771-062-X.

TILSTONE, Christina; FLORIAN, Lani; ROSE, Richard (2003) – *Promover a educação inclusiva*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN: 972-771-653-9.

Artigos

ABRANTES, Pedro (2003) – Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade. *Sociologia, Problemas e Práticas*. [Em linha]. Nº41, pp. 93-115. [Consult. 13/06/2012]. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n41/n41a04.pdf>.

CAPUCHA, Luís (2010) – Inovação e Justiça Social: Políticas activas para a inclusão educativa. *Sociologia, Problemas e Práticas*. [Em linha]. Nº63, pp. 25-50. [Consult. 13/06/2012]. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n63/n63a03.pdf>.

CONDE, Idalina (1989) – Mecenato Cultural: arte, política e sociedade. *Sociologia, Problemas e Práticas*. [Em linha]. Nº7, pp.107-131. [Consult. 11/06/2012]. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/975/1/6.pdf>.

ELVAS, Isabel (2010) - A Orquestra Geração na Escola Básica 2,3 Miguel Torga na Amadora. *Revista Migrações - Número Temático Música e Migração*. [Em linha]. Nº 7, pp. 293-294. [Consult. 31/07/2012]. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_7/Migracoes7p293p294.pdf.

FIGUEIREDO, Isabel; VASCONCELOS, António Ângelo (2002) – A música no ensino básico: por uma prática artística sustentada. *Revista Educação Ensino*. [Em linha]. Nº25. [Consult. 10/06/2012]. Disponível em: <http://cipem.files.wordpress.com/2007/01/04-2002-3-a-mc3basica-no-ensino-bc3a1sico-por-uma-prc3a1tica-artc3adstica-sustentada.pdf>.

FUNDAÇÃO EDP (2011) – *Relatório e contas 2011*. [Consult. 31/08/2012]. Disponível em: http://www.edp.pt/pt/sustentabilidade/fundacoes/fundacaoedp/EDPDocuments/RC2011_DIGITAL.pdf.

GODOY, Arilda Schmidt (1995) - Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. [Em linha]. V.35, nº2, pp.57-63. [Consult. 31/08/2012]. Disponível em: http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75901995000200008.pdf.

GUERRA, Paula; QUINTELA, Pedro (2007) – A cultura como alavanca de inclusão e de participação social: uma nova geração de políticas públicas de proximidade. *First International Conference of Young Urban Researchers. CIES – Centre for Research and Studies in Sociology*. [Consult. 08/11/2011]. Disponível em: <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/53670/2/paulaguerracultura000119800.pdf>.

GUERRA, Paula; SANTOS, Rui (2008) – Desafios da intervenção sociológica em prol da inclusão social. *Vº Congresso Português de Sociologia: actas do atelier Exclusões*. [Consult. 08/11/2011]. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25501/2/paulaguerracongresso000101625.pdf>.

HARGREAVES, David (1999) - Desenvolvimento musical e educação no mundo social. *CIPEM*. [Em linha]. Nº1, pp.5-13. [Consult. 13/06/2102]. Disponível em: <http://cipem.files.wordpress.com/2007/03/artigo-1.pdf>.

KATER, Carlos (2004) – O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*. [Em linha]. Nº10, pp.43-51. [Consult. 03/11/2011]. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista10/revista10_artigo6.pdf.

LALANDA, Piedade (1998) – Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. *Análise Social*. [Em linha]. Vol.XXXIII, nº4, pp. 871-883. [Consult. 08/06/2011]. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224154176E1jDU8rb4Nc15SI4.pdf>.

LANÇA, Ana Rita et al (2010) – *Orquestra Geração: um exemplo de Empreendedorismo e Inovação em Portugal*. [Consult.31/08/2012]. Disponível em: <http://mestradoisie.files.wordpress.com/2010/01/orquestra-geracao.pdf>.

LIMA, António Carlos Sousa Laranjeira (2011) – Projecto Orquestra Geração. Amarante: Lima. [Policopiado].

OLIVEIRA, Ana Lucia C. Santos (2008) – Inclusão: direito de todos. *Inclusão Social*. [Em linha]. Vol. 3, nº1, pp.43-47. [Consult. 04/11/2011]. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/97/115>.

QUEIROZ, Luis Ricardo S. (2004) – Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. *Revista da ABEM*. [Em linha].

Nº10, pp. 99-107. [Consult. 03/11/2011]. Disponível em:
http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista10/revista10_artigo12.pdf.

RIZZINI, Irene; BUSH, Malcolm (2006) – As infâncias do mundo. Reflexões sobre diversidade e perspectivas de inclusão. *Inclusão Social*. [Em linha]. Vol.1, nº2, pp.79-82. [Consult. 04/11/2011]. Disponível em:
<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004410&dd1=74063>.

SANTOS, M.^a de Lourdes Lima dos; CONDE, Idalina (1990) – Mecenato cultural de empresa em Portugal. *Análise Social*. [Em linha]. Vol.XXV, nº107, pp.375-439. [Consult. 10/06/2012]. Disponível em:
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034281X3nEL3cl6Rj53RC1.pdf>.

SOUSA, Jesus Maria – *Que Formação de Professores?*. Funchal: Universidade da Madeira. [Consult. 05/02/2012]. Disponível em:
<http://www3.uma.pt/jesusousa/Tribuna/4.pdf>.

Dissertações de mestrado e doutoramento

ABREU, Liliana Filipa Lopes de (2007) – *Um Contraponto entre Música, Educação e Cultura. O acesso à cultura em diferentes contextos (in)formais de aprendizagem musicais*. Porto: [Edição de Autor]. [Consult. 25/03/2011]. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23214/2/tesemestlilianaabreu000093777.pdf>.

CANTO, Helena Maria Portugal do (2010) – *Educação Musical e Animação Socioeducativa no 1º Ciclo no âmbito das Actividades de Enriquecimento Curricular*. Chaves: [Edição de Autor]. [Consult. 31/08/2012]. Disponível em:
http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/588/1/msc_hmpcanto.pdf.

LEITE, Sandrina Martins (2009) – *Avaliação da Qualidade de vida urbana – o caso do concelho de Amarante*. Trás-Os-Montes e Alto Douro: [Edição de Autor]. [Consult. 15/05/2012]. Disponível em:
http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/341/1/msc_smleite.pdf.

LOPES, Maria José Queirós (2004) – *Misericórdia de Amarante: Contribuição para o seu estudo*. Porto: [Edição de Autor]. [Consult. 15/05/2012]. Disponível em:
http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/6L68MT4CHFVP1LCJ735GE MITFYJXY1.pdf.

QUARESMA, Maria Luísa da Rocha Vasconcelos (2011) – *Entre o Herdado, o vivido e o projetado. Estudo de caso sobre o sucesso educativo em dois colégios privados frequentados pelas classes dominantes*. Porto: [Edição de autor]. [Consult. 04/10/2012].

Disponível em:
http://aleph20.letras.up.pt/exlibris/aleph/a20_1/apache_media/6CU97SU2C5ENV8X9JCBD5FLKGLBJEN.pdf.

VALE, Ricardo António Fernando do (2008) – *Música e Território em contexto urbano: o caso do Porto*. Porto: Departamento de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Consult.30/03/2011]. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7719>.

Dados estatísticos

PORTUGAL. Instituto Nacional de Estatística (2011) – *Anuário Estatístico da Região Norte 2010*. [Em linha]. Portugal: Lisboa. [Consult. 19/07/2012]. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=130330978&PUBLICACOESstema=55445&PUBLICACOESmodo=2.

PORTUGAL. Instituto Nacional de Estatística (2011) - *População residente (Nº) por Local de residência (à data dos Censos 2011)* [Em linha]. [Consult. 25/05/2102]. Disponível em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_base_dados&bdpagenumber=16&bdnivelgeo=5&contexto=bd&bdtemas=1115&bdsbtemas=111514.

Sites oficiais consultados

Centro Cultural de Amarante. <http://www.cc-amarante.pt/>

El Sistema USA. <http://elsistemausa.org/>

Fundação Calouste Gulbenkian. <http://www.gulbenkian.pt/section101artId1073langId1.html>

Fundación Musical Simón Bolívar FundaMusical Bolívar. <http://www.fesnojiv.gob.ve/en>

Simón Bolívar Youth Orchestra of Venezuela. <http://www.simonbolivarorchestra.com/>

Anexo i- Análise de conteúdo do artigo “A Orquestra Geração na Escola Básica 2,3 Miguel Torga na Amadora” de Maria Isabel Elvas

Características da Orquestra Geração em Portugal
<p>. Projeto-piloto da Orquestra Geração iniciou-se no ano letivo 2007/2008 na EB Miguel Torga, na Amadora, com o naipe de cordas</p> <p>. Corresponde a uma importação da metodologia do Sistema de Orquestra Juvenis e Infantis da Venezuela, iniciado há mais de 30 anos, e que tem como exemplo máximo a Orquestra Símon Bolívar</p> <p>. O modelo original “<i>Procura tirar partido da aproximação de crianças à música, para desenvolver competências pessoais e sociais, assumindo que, para além da relação directa com a música, o desenvolvimento de competências possa alargar-se à sociedade</i>” (Elvas, 2010, p.293)</p> <p>. A adaptação da metodologia, a conceção do modelo de gestão e a formação dos professores tem o apoio de especialistas venezuelanos</p> <p>. A cargo da Escola de Música do Conservatório Nacional está a pedagogia e a conceção artística</p> <p>. Em janeiro de 2008 o projeto foi alargado ao agrupamento de Escolas da Vialonga, no início do ano letivo 2009/2010 juntaram-se ao projeto escolas de Loures, Oeiras, Sintra e Sesimbra</p> <p>. Em 2008/2009 foi implementado o naipe de sopros e em 2009/2010 o naipe de percussão</p>

Anexo ii- Análise de conteúdo do “Relatório e contas 2011”, da Fundação EDP

Características Orquestra Geração
<p>. Projeto iniciado em conjunto com a Fundação EDP e a Fundação Calouste Gulbenkian no Bairro Casal da Boba, na Amadora, mais concretamente na Escola Miguel Torga</p> <p>. Objetivo principal é <i>“ser um contributo inovador para a inserção e desenvolvimento de crianças de meios sociais mais desfavorecidos através do ensino da música e que visa também aproximar a família da escola e vice-versa”</i> (Fundação EDP, 2011, p. 42)</p> <p>. No Norte do país existem as Orquestras de Amarante, tutelada pelo Centro Cultural de Amarante, de Mirandela na Expoarte, e de Murça, situada na Escola Secundária</p> <p>. A Fundação EDP é mecenas exclusivo dos projetos de Amarante, Mirandela e Murça</p> <p>. No Natal, na Páscoa e no verão são realizados estágios regionais que juntam três orquestras de diferentes escolas</p> <p>. Uma vez por ano é realizado um estágio a nível nacional em conjunto com todas as orquestras</p> <p>. <i>“A «Orquestra Geração» é um projeto que promove a inclusão social de crianças e jovens que se encontram em maior vulnerabilidade educativa e social, através do ensino da música clássica, com provas dadas na melhoria do desempenho escolar e no desenvolvimento de competências inter-relacionais, do seu sentido de disciplina e responsabilidade perante o grupo”</i> (Fundação EDP, 2011, p.111).</p>

Anexo iii- Análise de conteúdo do artigo “Projeto Orquestra Geração” de António Laranjeira Lima

Características Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração
<p>. A Orquestra Geração de Amarante iniciou-se em 2010, através de uma parceria entre a Fundação EDP, o Conservatório Nacional de Música e a Fundação EDP</p> <p>. A Orquestra a nível organizacional está dividida em três grandes momentos: no primeiro ano são introduzidas as cordas, no segundo ano os sopros e no terceiro ano os instrumentos de percussão</p> <p>. Tal como o modelo base, proporciona, gratuitamente, o ensino/aprendizagem de música a alunos inseridos em contextos de risco</p> <p>. Os grandes objetivos são: combater o abandono e o insucesso escolar; promover a inclusão social das crianças e jovens; promover o trabalho de grupo e disciplina, adicionando-lhe responsabilidade para uma melhor cidadania; promover a autoestima das crianças e das suas respetivas famílias, fazendo-as sentir-se parte do projeto; aproximar os pais do processo educativo dos filhos, fazendo com que estes se tornem numa parte integrante do processo de inclusão social dos filhos; contribuir para a construção de projetos de vida de crianças e jovens; proporcionar acesso a uma formação musical que, de outra forma, seria impossível para as crianças e jovens que vivem em contexto de exclusão social</p> <p>. Depois de assinado o protocolo entre as três entidades foi realizada uma reunião no Conservatório de Música de Lisboa onde foram delimitados os objetivos para o projeto e onde foi determinada a durabilidade do projeto em três anos renováveis, por qualquer uma das partes, com vista a chegar a mais alunos</p> <p>. Após esta primeira fase foi convidado o Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso onde foram escolhidos alunos, com base nos objetivos do programa, pela psicóloga do agrupamento</p> <p>. No primeiro ano foram selecionados 29 alunos através de um <i>workshop</i> realizado pelo Centro Cultural de Amarante e supervisionado pelos professores, com a finalidade de avaliar as capacidades musicais de cada aluno e definir os instrumentos a atribuir</p> <p>. Os alunos têm idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos</p> <p>. Os instrumentos de corda foram inseridos no primeiro ano, em 2010, com um total de 29 alunos distribuídos da seguinte forma: 14 violinos, 6 violoncelos, 6 violas d’arco e 3 contrabaixos</p> <p>. Em 2011 foram inseridos os instrumentos de sopro, por um total de 10 alunos distribuídos</p>

da seguinte forma: 2 oboés, 2 flautas transversais, 2 clarinetes, 2 fagotes, 2 trompetes

. Em 2012 foram inseridos 4 alunos com instrumentos de percussão

. O programa antevê os Instrumentos de Cordas, Sopros e de Percussão, o que nos encaminha para a ideia de que “*O crescimento da Orquestra através da implementação de novos instrumentos permite a seleção e enquadramento de novos alunos*” (Lima, 2011, p.4).

. A organização do período de aulas ocorre de acordo com o ano letivo, tendo no fim de cada período um estágio de uma semana onde os alunos têm várias aulas e preparam uma apresentação pública. Também, no decorrer do ano, fazem intercâmbio com a Orquestra Geração de Mirandela e no final têm uma apresentação em Lisboa, na qual participam todas as Orquestras Geração do país. As aulas são realizadas semanalmente na escola, nas horas em que os alunos não têm aulas e no CCA ao sábado de manhã (onde o transporte é feito através de camionetas disponibilizadas pelo mesmo e onde os alunos têm um pequeno lanche)

. As aulas são organizadas da seguinte forma: 60 minutos de coro/formação musical, 90 minutos de naipe, 60 minutos de instrumento (aula individual) e 180 minutos de orquestra

. Os professores inseridos no projeto recebem formação específica ligada a uma pedagogia própria, no Conservatório Nacional da Música em Lisboa, que se vai completando através de formações periódicas com base nos Planos de Estudo criados pelo Conservatório Nacional de Música. É, também, definido um Coordenador Pedagógico e Artístico encarregado pelos alunos e que procede à articulação entre professores, escola e as famílias. Neste contexto, é feito um acompanhamento dos alunos através da metodologia caso-a-caso

. A 15 de maio de 2010 deu-se início à atividade letiva. A cerimónia de abertura oficial de Centro Cultural de Amarante – Orquestra Geração realizou-se a 26 de junho de 2010, no Auditório do Centro Cultural de Amarante e contou com a presença de diversos convidados e entidades oficiais, onde foram oradores o Prof. António Carlos Sousa Laranjeira Lima, Presidente do Centro Cultural de Amarante, o Dr. Sérgio Figueiredo, representante da Fundação EDP, Dr. Armindo Abreu, Presidente da Câmara Municipal de Amarante, Prof. Artur Correia, Diretor do Agrupamento de Telões e o Prof. Rafael Montes. Durante a cerimónia decorreu a entrega, simbólica, dos instrumentos musicais, foi, também, feita uma pequena apresentação dos alunos que já tinham ensaiado

. As exibições públicas são todas divulgadas nos órgãos de comunicação social de Amarante e das escolas envolvidas no programa, tendo como presença regular entidades oficiais do concelho e representantes da Fundação EDP. O intercâmbio e a mobilidade ao longo do ano

letivo permitem o contacto com outras realidades que, na maioria das vezes, não são conhecidas pelos alunos e, permite, igualmente a convivência com crianças provenientes de realidades diferentes

Anexo iv – Observações exploratórias (reuniões com o diretor do Centro Cultural de Amarante e a coordenadora pedagógica da Orquestra Geração) (obs. nº1 e nº2)

Nome do observador: Catarina Ramos

Grau de interação do observador com o meio: grande interação

Local: Centro Cultural de Amarante

Data: 20/07/2011 e 27/10/2011

Implementação da Orquestra Geração de Amarante
. Iniciou-se em 2010 . Parceria da EDP e do Conservatório Nacional com o Centro Cultural de Amarante
Objetivos
. Ensino de música a alunos tidos como problemáticos . A partir do ensino da música aprendem valores com os quais não conviviam. Passam a ter mais responsabilidade, a saber trabalhar em grupo, aprendem um método de estudo, tornam-se mais extrovertidos, aumenta a sua autoestima . O projeto visa, essencialmente, a inclusão social
População-alvo
. Alunos com problemas tanto a nível de aproveitamento como a outros níveis (familiar, pessoal) sinalizados pelas escolas e em risco de abandono escolar
Integração dos alunos
. A sinalização é feita pela psicóloga da escola e pelo diretor, depois são feitas audições para selecionar aqueles que vão entrar para o projeto, pois as vagas são poucas e estão direcionadas para os instrumentos que são precisos . São acompanhados pela psicóloga da escola
Organização das aulas
. As aulas são realizadas nas escolas e só ao sábado de manhã é que se reúnem todos no CCA (viagem feita através de autocarros disponibilizados pela própria Orquestra e têm um lanche também oferecido) . A organização das aulas é igual a um ano letivo e no final de cada período existe um estágio de uma semana onde têm várias horas de aulas e preparam uma apresentação pública . Coro/Formação Musical (1 hora), Naípe (90 minutos), Instrumento (individual 1 hora) e Orquestra (3 horas)
Estratégias de motivação

<ul style="list-style-type: none">. Levam os instrumentos para casa. Começam logo a tocar o instrumento, têm um ensino do geral para o particular. Têm apresentações não só em Amarante, mas também pelo país. Intercâmbio com a Orquestra Geração de Mirandela. No final do ano letivo têm uma apresentação em Lisboa, onde participam todas as Orquestras Geração do país. O intercâmbio e a mobilidade que vão tendo ao longo do ano permite-lhes ter contacto com outras realidades que, na maioria das vezes, não conhecem
Características dos professores
<ul style="list-style-type: none">. Os professores vêm do Conservatório de Música. A sua formação complementar é feita em Lisboa, devido às características da Orquestra Geração, já que é um ensino diferente, pois no recorrente a aprendizagem é feita do individual para o geral, o grupo, neste projeto não
Impacto nos alunos
<ul style="list-style-type: none">. Têm bastantes alunos interessados em fazer parte. Os alunos têm apresentado resultados escolares mais positivos. Apenas 5 crianças, até hoje, tiveram de abandonar o projeto, sendo que não foi por vontade própria de quererem deixar, mas sim por outras circunstâncias, como a mudança de casa

Anexo v- Grelha de Observação Direta - Sala de aula

Nome do observador:	
Posicionamento do observador face ao cenário de observação:	
Grau de interação do observador com o meio:	
Local:	
Data:	
Hora:	
Duração:	
Dia da semana:	
Tipo de aula:	
Número de alunos e acompanhantes:	
Características do local/Características espaciais	
Atores sociais	
Perfil-tipo	
Alunos	Professores
Modos de apresentação	
Alunos	Professores
Atitude no espaço	
Alunos	Professores
Modalidades de interação	
Alunos	Professores
Tipo de Linguagem	

Alunos	Professores
Relação com o espaço físico e com as atividades	
Alunos	Professores
Outras observações	

Anexo vi- Grelha de Observação Direta - Concerto

Nome do observador:		
Posicionamento do observador face ao cenário de observação:		
Grau de interação do observador com o meio:		
Local:		
Data:		
Hora:		
Duração:		
Dia da semana:		
Tipo de aula:		
Número de alunos e acompanhantes:		
Características do local/Características espaciais		
Atores sociais		
Perfil-tipo		
Alunos	Professores	Público
Modos de apresentação		
Alunos	Professores	Público
Atitude no espaço		
Alunos	Professores	Público
Modalidades de interação		
Alunos	Professores	Público

Tipo de Linguagem		
Alunos	Professores	Público
Relação com o espaço físico e com as atividades		
Alunos	Professores	Público
Outras observações		

Anexo vii- Guião de entrevista dos professores

Sexo:

Idade:

Grau de escolaridade:

Formação:

Profissão principal:

Local de residência:

A- Características da Orquestra Geração de Amarante

A.1- Principais objetivos e organização

- 1- Que tipo de trabalho tem sido desenvolvido na Orquestra Geração? E quais os seus objetivos?
- 2- Quais as principais prioridades, dificuldades e estratégias do projeto?
- 3- Qual o tipo de pedagogia adotada?
- 4- Como são organizadas as aulas e as atividades realizadas?

A.2- Alunos

- 5- Qual a receptividade dos alunos?
- 6- Como motivam os alunos a continuarem no projeto?
- 7- Que tipo de mudanças observa nos alunos desde que integraram o projeto?

A.3- Encarregados de Educação

- 8- Que tipo de relação é mantida com os encarregados de educação e os alunos?
- 9- Como é que os encarregados de educação estão envolvidos no projeto e como acompanham os educandos?

B- Relação do entrevistado com o projeto

- 10- Há quanto tempo está no projeto?
- 11- Quais as aulas que lecionada?
- 12- Qual a sua opinião sobre a inclusão social através da música?
- 13- Como descreve a nível pessoal, emocional e pedagógico esta experiência?
- 14- Quais as dificuldades que tem encontrado ao longo deste percurso?
- 15- Qual a situação mais marcante que já viveu neste projeto? Porquê?
- 16- Qual o balanço que faz deste projeto?
- 17- Considera que a Orquestra Geração de Amarante deve ser mantida a médio e longo prazo? Porquê?

Anexo viii- Guião de entrevista da coordenadora pedagógica

Sexo:

Idade:

Grau de escolaridade:

Formação:

Profissão principal:

Local de residência:

A- Implementação da Orquestra Geração em Amarante

- 1- Como se iniciou o projeto Orquestra Geração de Amarante?
- 2- Há quanto tempo é que o este projeto veio para Amarante?
- 3- Qual a razão da escolha desta cidade?

B- Características da Orquestra Geração de Amarante

B.1- Principais objetivos e organização

- 4- Que tipo de trabalho tem sido desenvolvido na Orquestra Geração? E quais os seus objetivos?
- 5- Quais as principais prioridades, dificuldades e estratégias do projeto?
- 6- Qual o tipo de pedagogia adotada?
- 7- Como são organizadas as aulas e as atividades realizadas?

B.2- Escolas

- 8- Quantas escolas fazem parte da Orquestra Geração de Amarante? Como são selecionadas?

B.3- Alunos

- 9- Quantos alunos fazem parte, atualmente, do projeto?
- 10- Como são selecionados os alunos que integram a orquestra?
- 11- Que tipo de apoio prestam aos alunos, para além do ensino gratuito de música?
- 12- Como motivam os alunos a continuarem no projeto?
- 13- Que tipo de mudanças observa nos alunos desde que integraram o projeto?

B.4- Professores

- 14- Qual o modo de seleção dos professores? Estes mantêm-se no ano letivo seguinte?
- 15- Que tipo de formação têm os professores?

B.5- Encarregados de Educação

- 16- Que tipo de relação é mantida com os encarregados de educação e os alunos?
- 17- Como é que os encarregados de educação estão envolvidos no projeto e como acompanham os educandos?

B.6- Comunicação e divulgação das atividades

18- Qual o género de divulgação existente em relação ao projeto Orquestra Geração de Amarante? E em relação às apresentações públicas que se realizam?

B.7- Recetividade

19- Qual a recetividade das escolas, alunos, professores e comunidade em relação a este projeto?

C- Relação do entrevistado com o projeto

20- Há quanto tempo está no projeto?

21- Qual a sua relação com a música? Toca algum instrumento?

22- Qual a sua opinião sobre a inclusão social através da música?

23- Como descreve a nível pessoal, emocional e pedagógico esta experiência?

24- Quais as dificuldades que tem encontrado ao longo deste percurso?

25- Qual a situação mais marcante que já viveu neste projeto? Porquê?

26- Qual o balanço que faz deste projeto?

27- Considera que a Orquestra Geração de Amarante deve ser mantida a médio e longo prazo? Porquê?

Anexo ix- Guião de entrevista do diretor Centro Cultural de Amarante

Sexo:

Idade:

Grau de escolaridade:

Formação:

Profissão principal:

Local de residência:

A- Implementação da Orquestra Geração em Amarante

- 1- Como se iniciou o projeto Orquestra Geração de Amarante?
- 2- Há quanto tempo é que este projeto veio para Amarante?
- 3- Qual a razão da escolha desta cidade?

B- Papel do Centro Cultural de Amarante

- 4- Como é que o Centro Cultural de Amarante começa a fazer parte deste projeto?
- 5- Qual o papel do Centro Cultural de Amarante no desenvolvimento deste programa?

C- Características da Orquestra Geração de Amarante

C.1- Principais objetivos e organização

- 6- Que tipo de trabalho tem sido desenvolvido na Orquestra Geração? E quais os seus objetivos?
- 7- Quais as principais prioridades, dificuldades e estratégias do projeto?
- 8- Qual o tipo de pedagogia adotada?
- 9- Como são organizadas as aulas e as atividades realizadas?

C.2- Escolas

- 10- Quantas escolas fazem parte da Orquestra Geração de Amarante? Como são selecionadas?

C.3- Alunos

- 11- Quantos alunos fazem parte, atualmente, do projeto?
- 12- Como são selecionados os alunos que integram a orquestra?
- 13- Que tipo de apoio prestam aos alunos, para além do ensino gratuito de música?
- 14- Como motivam os alunos a continuarem no projeto?
- 15- Que tipo de mudanças observa nos alunos desde que integraram o projeto?

C.4- Professores

- 16- Qual o modo de seleção dos professores? Estes mantêm-se no ano letivo seguinte?
- 17- Que tipo de formação têm os professores?

C.5- Encarregados de Educação

- 18- Que tipo de relação é mantida com os encarregados de educação e os alunos?

19- Como é que os encarregados de educação estão envolvidos no projeto e como acompanham os educandos?

C.6- Comunicação e divulgação das atividades

20- Qual o género de divulgação existente em relação ao projeto Orquestra Geração de Amarante? E em relação às apresentações públicas que se realizam?

C.7- Recetividade

21- Qual a recetividade das escolas, alunos, professores e comunidade em relação a este projeto?

D- Relação do entrevistado com o projeto

22- Há quanto tempo está no projeto?

23- Qual a sua relação com a música? Toca algum instrumento?

24- Qual a sua opinião sobre a inclusão social através da música?

25- Como descreve a nível pessoal, emocional e pedagógico esta experiência?

26- Quais as dificuldades que tem encontrado ao longo deste percurso?

27- Qual a situação mais marcante que já viveu neste projeto? Porquê?

28- Qual o balanço que faz deste projeto?

29- Considera que a Orquestra Geração de Amarante deve ser mantida a médio e longo prazo? Porquê?

Anexo x- Guião de entrevista do diretor Agrupamento Escolas Amadeo de Souza-Cardoso

Sexo:

Idade:

Grau de escolaridade:

Formação:

Profissão principal:

Local de residência:

A- Papel do Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso

- 1- Como teve conhecimento da Orquestra Geração de Amarante?
- 2- Qual o papel do Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso no projeto Orquestra Geração?
- 3- Qual foi a motivação do agrupamento para participar neste projeto?

B- Alunos

- 4- Que tipo de alunos são sinalizados para integrarem o projeto e como é feito esse processo?
- 5- Como motivam os alunos a continuarem no projeto?
- 6- Que tipo de mudanças observa nos alunos que integraram o projeto?

C- Recetividade

- 7- Qual a recetividade dos alunos, professores e comunidade em relação a este projeto?

C- Relação do entrevistado com o projeto

- 8- Qual a sua opinião sobre a inclusão social através da música?
- 9- Como descreve a nível pessoal, emocional e pedagógico esta experiência?
- 10- Qual a situação mais marcante que já viveu neste projeto? Porquê?
- 11- Qual o balanço que faz deste projeto?
- 12- Considera que a Orquestra Geração de Amarante deve ser mantida a médio e longo prazo? Porquê?

Anexo xi- Guião de entrevista da psicóloga

Sexo:

Idade:

Grau de escolaridade:

Formação:

Profissão principal:

Local de residência:

A- Alunos

- 1- Que tipo de alunos são sinalizados para integrarem o projeto e como é feito esse processo?
- 2- Como motivam os alunos a continuarem no projeto?
- 3- Que tipo de mudanças observa nos alunos que integraram o projeto?

B- Recetividade

- 4- Qual a recetividade das escolas, alunos e professores em relação a este projeto?

C- Relação do entrevistado com o projeto

- 5- Há quanto tempo está no projeto?
- 6- Qual a sua relação com a música? Toca algum instrumento?
- 7- Qual a sua opinião sobre a inclusão social através da música?
- 8- Como descreve a nível pessoal, emocional e pedagógico esta experiência?
- 9- Qual a situação mais marcante que já viveu neste projeto? Porquê?
- 10- Qual o balanço que faz deste projeto?
- 11- Considera que a Orquestra Geração de Amarante deve ser mantida a médio e longo prazo? Porquê?

Anexo xii- Guião de entrevista do Presidente Câmara de Amarante

Sexo:

Idade:

Grau de escolaridade:

Formação:

Profissão principal:

Local de residência:

A- Implementação da Orquestra Geração em Amarante

- 1- Como se iniciou o projeto Orquestra Geração de Amarante?
- 2- Há quanto tempo é que este projeto veio para Amarante?
- 3- Qual a razão da escolha desta cidade?

B- Papel da Câmara Municipal

- 4- Como é que a Câmara Municipal de Amarante começa a fazer parte deste projeto?
- 5- Qual o papel da Câmara Municipal de Amarante no desenvolvimento deste programa?

C- Comunicação e divulgação das atividades

- 6- Qual o género de divulgação existente em relação ao projeto Orquestra Geração de Amarante? E em relação às apresentações públicas que se realizam?

D- Recetividade

- 7- Qual a recetividade da comunidade em relação a este projeto?

E- Relação do entrevistado com o projeto

- 8- Qual a sua opinião sobre a inclusão social através da música?
- 9- Qual o balanço que faz deste projeto?
- 10- Considera que a Orquestra Geração de Amarante deve ser mantida a médio e longo prazo? Porquê?

Anexo xiii- Guião de entrevista dos Encarregados de Educação

Sexo:

Idade:

Grau de escolaridade:

Formação:

Profissão principal:

Local de residência:

A- Relação do educando com o projeto

- 1- Como teve conhecimento da Orquestra Geração de Amarante?
- 2- Há quanto tempo é que o seu educando está inserido no projeto?
- 3- De que forma o seu educando foi integrado?
- 4- Qual foi a motivação para colocar o seu educando neste projeto?
- 5- Qual o instrumento que o seu educando toca? Porquê dessa escolha?
- 6- Que tipo de mudanças observa no seu educando desde que entrou para este projeto?
- 7- Como pensa que tem sido a nível pessoal e social esta experiência para o seu educando?

B- Relação do entrevistado com o projeto

- 8- Qual a sua relação com a música? Toca algum instrumento?
- 9- De que forma acompanha o desenvolvimento do seu educando no projeto?
- 10- Assiste às apresentações públicas da orquestra? Porquê?
- 11- Qual é a relação mantida, por si e pelo seu educando, com os professores?
- 13- Qual o balanço que faz deste projeto?
- 14- Considera que a Orquestra Geração de Amarante deve ser mantida a médio e longo prazo? Porquê?

Anexo xiv- Análise de conteúdo vertical Observação Direta - Sala de aula (obs. nº3)

Nome do observador: Catarina Ramos	
Posicionamento do observador face ao cenário de observação: De frente para os alunos e de costas para o quadro, entre os professores	
Grau de interação do observador com o meio: o investigador está presente, mas não interfere	
Local: Centro Cultural de Amarante	
Data: 30/03/2012	
Hora: 14.50	
Duração: 10 minutos	
Dia da semana: sexta-feira	
Tipo de aula: aula orquestra sopros	
Número de alunos e acompanhantes: 7 alunos e 3 professores	
Características do local/Características espaciais	
.Sala insonorizada, com 7 cadeiras no centro, em meia-lua, com 4 tripés	
.Os professores e o maestro estão de frente para os alunos, com o maestro no centro	
Atores sociais	
Perfil-tipo	
Alunos	Professores
.3 rapazes e 4 raparigas .entre os 13 e os 15 anos	.1 professora e 2 professores
Modos de apresentação	
Alunos	Professores
. Modo de apresentação informal, t-shirt, calças de ganga e sapatilhas	. Modo de apresentação informal, t-shirt, calças de ganga
Atitude no espaço	
Alunos	Professores
. Manuseiam as pautas e os instrumentos com facilidade . Enquanto a aula prossegue não se levantam	. Ficam sempre de frente para os alunos
Modalidades de interação	

Alunos	Professores
<ul style="list-style-type: none"> . Os alunos falam entre si nos intervalos das músicas . Fazem piadas entre si e entre os professores . Quando o observador entra comentam “Outra?!” 	<ul style="list-style-type: none"> . Falam entre si para combinar as atividades e comentar o desempenho dos alunos . Falam com os alunos não só sobre a aula, mas entram nos comentários
Tipo de Linguagem	
Alunos	Professores
. Linguagem informal	. Linguagem informal
Relação com o espaço físico e com as atividades	
Alunos	Professores
<ul style="list-style-type: none"> . Estão sempre sentados . Enquanto estão a tocar mantêm uma postura correta, não falam entre si . Comentam alguns erros que vão cometendo 	<ul style="list-style-type: none"> . O maestro dá as indicações principais, mas os outros professores também dão indicações, em especial aos seus alunos
Outras observações	
A presença do observador foi muito notada, o que gerou comentários e atitudes diferentes nos alunos, como estarem sempre a olhar.	

Anexo xv – Análise de conteúdo vertical Observação Direta Concerto no Agrupamento de Escolas Amadeo-Souza Cardoso (obs. nº4)

<p>Nome do observador: Catarina Ramos</p> <p>Posicionamento do observador face ao cenário de observação: do lado esquerdo da sala, junto à porta</p> <p>Grau de interação do observador com o meio: inserido no meio, em contacto com o público</p> <p>Local: Agrupamento Amadeo de Souza-Cardoso (EB Telões)</p> <p>Data: 23/03/2012</p> <p>Duração: 5 minutos</p> <p>Dia da semana: Sexta-feira</p> <p>Tipo de aula: Apresentação pública final de período</p> <p>Número de alunos e acompanhantes: vários alunos, pais e professores</p>		
Características do local/Características espaciais		
Sala com várias cadeiras para o público, viradas para um palco improvisado com cadeiras e suportes de pauta para a orquestra.		
Atores sociais		
Perfil-tipo		
Alunos	Professores	Público
.Idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos .Na maioria são raparigas	. Duas professoras (a coordenadora pedagógica e a maetrina)	. Na maioria pais dos alunos
Modos de apresentação		
Alunos	Professores	Público
. Estavam de camisola cinzenta, calças de ganga e sapatilhas	. Roupa informal	. Roupa informal: casacos, tons escuros
Atitude no espaço		
Alunos	Professores	Público
.Sentaram-se ordenadamente, cada um no seu lugar pré-definido	. A maetrina conduz a apresentação, apresentando uma postura concentrada, ao mesmo	. O público está muito perto da orquestra, pois é uma sala de proporções

<p>. Durante a apresentação mantiveram uma postura direita, olhavam para a maestrina para seguir as suas ordens e para as pautas</p>	<p>tempo que ia dando as indicações consultava a pauta A coordenadora pedagógica estava com atenção e fazia movimentos com a cabeça a acompanhar a música</p>	<p>pequenas, devido à grande afluência da assistência. Os que estavam sentados alguns prestavam atenção à apresentação, mas outros continuaram a falar entre eles</p> <p>.O público que estava de pé falava e fazia barulho, alguns professores que estavam na assistência tentavam pedir para fazerem pouco barulho, mas sem sucesso</p> <p>. Ao lado do observador encontravam-se duas encarregadas de educação de alunos da orquestra, estavam num sítio destinado a professores, no entanto, pedem para se manterem no local apenas para verem a apresentação da orquestra</p>
Modalidades de interação		
Alunos	Professores	Público
<p>. Os alunos durante a apresentação não interagiram entre eles, a única interação era com a maestrina que lhes ia dando ordens</p>	<p>. A grande interação é feita com os alunos, vão-lhes dando indicações</p> <p>.A coordenadora pedagógica no início fez uma pequena apresentação do que se iria suceder</p>	<p>. O público troca comentários entre si, em especial os que se encontram de pé. Existe um ruído bastante grande, em especial vindo dos corredores</p>

		<p>. No fim de cada música todos batem palmas</p> <p>. Os professores que se encontram a organizar a atividade trocam bastantes indicações entre si e com os alunos, mesmo os que estão apenas a assistir vão trocando comentários</p>
Tipo de Linguagem		
Alunos	Professores	Público
Linguagem informal	Linguagem informal	Linguagem informal. Um homem comenta que a “Orquestra está fantástica”
Relação com o espaço físico e com as atividades		
Alunos	Professores	Público
. Estão à vontade, cada um está sentado no seu lugar pré-definido, apenas quando têm de sair existe uma certa hesitação à espera da ordem da maestrina		. Os que estão de pé e fora da sala vão andando pelos corredores e vendo os trabalhos que estão expostos. Os que se encontram na sala sentados mantêm-se nos seus lugares, mesmo durante as pausas. Dos que estão de pé na sala alguns saem, outros mantêm-se
Outras observações		
Pequena apresentação num sarau de final de período, com várias apresentações para além da Orquestra Geração.		

**Anexo xvi- Análise de conteúdo vertical Observação Direta Concerto final de estágio
Orquestra de Sopros (obs. nº5)**

Nome do observador: Catarina Ramos Posicionamento do observador face ao cenário de observação: Numa das duas mesas, em frente à orquestra. Grau de interação do observador com o meio: parte do público Local: Centro Cultural de Amarante Data: 30/03/2012 Hora: 15.30 Duração: 10 minutos Dia da semana: sexta-feira Número de alunos e acompanhantes: 7 alunos e 3 professores		
Características do local/Características espaciais		
. Anfiteatro Centro Cultural de Amarante . Local bem iluminado, amplo . Os alunos estão na parte inferior das escadas, no centro, virados para as mesas, ao mesmo nível do público que ali se encontra . Na parte superior estão algumas pessoas		
Atores sociais		
Perfil-tipo		
Alunos	Professores	Público
.3 rapazes e 4 raparigas .entre os 13 e os 15 anos	.1 professora e 2 professores	. Funcionários do Centro
Modos de apresentação		
Alunos	Professores	Público
. Modo de apresentação informal, t-shirt, calças de ganga e sapatilhas	. Modo de apresentação informal	. Modo de apresentação informal
Atitude no espaço		
Alunos	Professores	Público
. Estão sentados, à espera das ordens para começarem	. De frente para os alunos	. Espalhado pelo anfiteatro .Não fazem barulho

<ul style="list-style-type: none"> . Demonstram algum nervosismo . Manuseiam as pautas e os instrumentos com facilidade . Olham para o maestro à espera de indicações 		
Modalidades de interação		
Alunos	Professores	Público
<ul style="list-style-type: none"> . Entre si não interagem . Vão olhando para os professores e para o público . Mantêm uma postura correta durante toda a atuação . No fim, levantam-se para agradecer 	<ul style="list-style-type: none"> . Só o maestro dá indicações, os outros mantêm-se sentados . No final batem palmas 	<ul style="list-style-type: none"> . Não interagem, apenas no fim, quando batem palmas
Tipo de Linguagem		
Alunos	Professores	Público
. Linguagem informal	. Linguagem informal	. Linguagem informal
Relação com o espaço físico e com as atividades		
Alunos	Professores	Público
<ul style="list-style-type: none"> . À vontade, apesar de algum nervosismo visível . Enquanto tocam mantêm uma postura correta 	<ul style="list-style-type: none"> . O maestro dá as indicações . Os outros professores permanecem interessados . Batem palmas 	<ul style="list-style-type: none"> . Durante a atuação permanecem em silêncio . Batem palmas . Ouvem-se expressões como “Muito bem!”
Outras observações		

Anexo xvii - Análise de conteúdo horizontal observações concertos (obs. n.º4 e n.º5)

Nome do observador: Catarina Ramos		
Grau de interação do observador com o meio: parte do público		
Atores sociais		
Perfil-tipo		
Alunos	Professores	Público
Obs n.º4: Idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos; Na maioria são raparigas	Obs 4: Duas professoras (a coordenadora pedagógica e a maetrina) Obs 5: 1 professora e 2 professores	Obs 4: Na maioria pais dos alunos Obs n.º5: Funcionários do Centro
Atitude no espaço		
Alunos	Professores	Público
Obs n.º4: Durante a apresentação mantiveram uma postura direita, olhavam para a maetrina para seguir as suas ordens e para as pautas Obs n.º5: Demonstaram algum nervosismo; Manuseiam as pautas e os instrumentos com facilidade; Olham para o maestro à espera de indicações	Obs n.º4: A maetrina conduz a apresentação, apresentando uma postura concentrada, ao mesmo tempo que ia dando as indicações consultava a pauta	Obs n.º4 O público está muito perto da orquestra, pois é uma sala de proporções pequenas, devido à grande afluência da assistência. Dos que estavam sentados alguns prestavam atenção à apresentação, mas outros continuaram a falar entre eles; O público que estava de pé falava e fazia barulho, alguns professores que estavam na assistência tentavam pedir para fazerem pouco barulho, mas sem sucesso; Ao lado do observador encontram-se

		<p>duas encarregadas de educação de alunos da orquestra, estão num sítio destinado a professores, no entanto, pedem para se manterem no local apenas para verem a apresentação da orquestra</p> <p>Obs nº5: Não fazem barulho</p>
Modalidades de interação		
Alunos	Professores	Público
<p>Obs nº4: Os alunos durante a apresentação não interagiram entre eles, a única interação era com a maestrina que lhes ia dando ordens</p> <p>Obs nº5: Vão olhando para os professores e para o público; Mantêm uma postura correta durante toda a atuação</p>	<p>Obs nº4: A grande interação é feita com os alunos, vão-lhes dando indicações</p> <p>Obs nº5: O maestro dá as indicações; Os outros professores permanecem interessados</p>	<p>Obs nº4: O público troca comentários entre si, em especial os que se encontram de pé. Existe um ruído bastante grande, em especial vindo dos corredores</p> <p>Obs nº5: Ouvem-se expressões como “Muito bem!”</p>

Anexo xviii- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº1

<p>Sexo: Feminino</p> <p>Idade: 30 anos</p> <p>Grau de escolaridade: Licenciatura</p> <p>Formação: Violino</p> <p>Profissão principal: Professora de violino</p> <p>Local de residência: Amarante</p>

<p>Características da Orquestra Geração de Amarante</p>	<p><i>“ (...) isto começou há cerca de dois anos e tal, começou-se com alguns alunos, muitos já foram mudados, também vão desistindo (...)”</i></p> <p><i>“ (...) têm aulas de instrumento, têm aulas de naipe e aulas de orquestra (...)”</i></p> <p><i>“ (...) pequenas coisas foram feitas e não funciona com todos os alunos da mesma forma e, às vezes, os professores têm alguma dificuldade em saber lidar com algumas situações (...)”</i></p> <p><i>“ (...) eu às vezes, com estes alunos, tento funcionar um bocadinho diferente, eu não sei até que ponto isso é bom... porque depois o grau de exigência também não é tão grande, não é? Mas isto sempre nos foi incutido no projeto que o objetivo não é tanto o musical (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Fui a primeira professora, neste caso, que tomei conta da orquestra, era eu que era a maestrina o ano passado e fui algumas vezes a Lisboa para ter formação (...)”</i></p> <p><i>“ (...) No início funciona um bocadinho como o método de Suzuki, tocam todos a mesma voz e todos em conjunto e através de cantar (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Eles têm meia hora de instrumento, têm (...) duas horas de naipe (...) e três horas de orquestra (...) as atividades vamos fazendo consoante o que nos pedem (...)”</i></p> <p><i>“ (...) inclusão social, pelo menos tentamos que isso seja...”</i></p>
--	---

	<p><i>“ (...) Para mim tudo bem que a base não é a música, mas no fundo estamos a ilustrar um trabalho e as pessoas querem ouvir sons bonitos, querem ouvir alguma qualidade e nós estamos a saltar etapas técnicas, eles nunca terão bases para fazer as coisas de forma correta (...)”</i></p>
Alunos	<p><i>“ (...) O facto de os miúdos estarem sentados, esperarem, aquelas coisas que parecem muito básicas (...) sobretudo no início, eles agora já estão muito melhores”</i></p> <p><i>“ (...) alguns miúdos têm dificuldades pelo facto de saberem estar (...)”</i></p> <p><i>“ (...) aí miúdos que não é tanto por parecem mal é mesmo questões de educação graves, que dizem asneiras (...)”</i></p> <p><i>“ (...) uma coisa importante nesses miúdos tão independentes e acham sempre que só eles é que são importantes e uma orquestra não é assim que funciona, não é (...) aprendem a trabalhar em grupo e que haja companheirismo e espírito de entreajuda (...)”</i></p> <p><i>“ (...) eles gostam muito (...) mais das aulas de grupo, mas há de tudo, por acaso tenho duas miúdas super empenhadas e noto que querem fazer disto a vida delas (...)”</i></p> <p><i>“ (...) noto muitas diferenças, noto, de facto, que eles estão mais empenhados, têm evoluído (...)”</i></p>
Encarregados de Educação	<p><i>“Eu não tenho nenhuma relação com os pais, não tenho nenhum contacto (...) quer dizer, eu vou lá, dou as minhas aulas, conhecem-me dizem olá, boa tarde, mas não passa daí.”</i></p> <p><i>“Eu acho que eles sentem mesmo orgulho, eu acho que sim (...)”</i></p> <p><i>“Eu acho que os pais, também, fazem a pressão para eles aqui estarem.”</i></p>
Relação do entrevistado com o projeto	<p><i>“Como eu lhe disse no início da entrevista, não é, se nós transpusermos isso para a vida normal, se toda a gente perceber que toda a gente é importante, não é? E numa</i></p>

	<p><i>orquestra funciona sempre da mesma forma (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Lembro-me quando fui a Lisboa... foi por acaso a vista do Cavaco e uma miúda estava constantemente a chorar e, de certa forma, ajudei-a e não tinha nada a ver com aquilo, ajudei-a e ela chorava, porque achava que tinha um problema grave de saúde (...) não teve a ver propriamente com o projeto, mas nós, no fundo, somos psicólogos dos miúdos e falamos com eles e brincamos muito.”</i></p> <p><i>“É uma experiência interessante, diferente, porque tecnicamente as coisas são diferentes (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Acho que sim, há coisas que terão de ser mudadas, mas faz todo o sentido, sim (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Não sei muito bem... a questão é essa, a questão é que se calhar os professores... eu fui a Lisboa algumas vezes e até tive algumas sessões com psicólogos, mas não me disseram nada, por exemplo, eles podiam-nos ter ajudado, por exemplo, se houver este tipo de situações os professores devem reagir desta forma e neste projeto, se calhar, fazia sentido um psicólogo ajudar-nos mais (...)”</i></p> <p><i>“ (...) se bem que aqui há psicólogo, mas nunca senti que houvesse grande apoio e mesmo em relação a nós o que fazer... porque os professores também não sabem (...)”</i></p> <p><i>“ (...) em Lisboa eles tinham muito mais formação e, se calhar, eles estariam mais preparados de outra forma (...) lá eu sei que eles têm algumas formações em composição, em harmonização, a nível de psicologia que, se calhar, era mais isso que nos convinha, nós não temos... a música nós já percebemos, já sabemos o que fazer tecnicamente com os miúdos (...)”</i></p>
--	---

Anexo xix – Análise de conteúdo vertical da entrevista nº 2

Sexo: Feminino Idade: 27 anos Grau de escolaridade: Licenciatura Formação: Violino Profissão principal: Professora de violino Local de residência: Amarante
--

Características da Orquestra Geração de Amarante	<p><i>“ (...) Os objetivos da orquestra geração é (...) além da música, não é a parte primordial (...) o primeiro objetivo é que eles não abandonem a escola e depois junta-se o útil ao agradável, que é eles desenvolverem através da música (...)”</i></p> <p><i>“ (...) um sistema completamente diferente do que era o articulado, porque o articulado é as regras todas, o dito oficial, no articulado não, tens muita técnica, aquilo tudo direitinho, os metodozinhos todos e a geração é um bocado a pirâmide ao contrário, eles primeiro vão fazer e depois vão perceber o porquê (...) eles começam logo no primeiro ano, logo com os instrumentos, logo em orquestra (...)”</i></p> <p><i>“Por incrível que pareça, nós no início, uma pessoa fica, isto não é possível, como é que é possível isto começar assim, mas o que é certo é que está a dar resultados e até bastante rápido (...)”</i></p> <p><i>“ (...) supostamente isto está tudo interligado com Lisboa, mas depois temos o coordenador da zona Norte e temos o coordenador do projeto aqui da escola (...) coordena connosco, tipo as atividades que é preciso serem feitas, os concertos, temos concertos normais e vamos fazer as formações lá abaixo a Lisboa... fazem alguns concertos também fora da escola (...)”</i></p>
Alunos	<p><i>“ (...) são miúdos com problemas quer económicos, quer sociais, que estão em risco de abandono escolar e, por</i></p>

	<p><i>exemplo, no nosso caso aqui em cima, eles são quase todos sinalizados, já têm acompanhamento e essas coisas todas (...)</i>”</p> <p><i>“ (...) São miúdos que vêm de famílias que têm problemas, toxicodependentes, presos, essas coisas todas, carências económicas e isso tudo e são miúdos que, normalmente, como são sinalizados com muito mau comportamento e más notas e no início uma pessoas depara-se um bocadinho quase como no meio da selva (...)</i>”</p> <p><i>“Imensa, uma coisa que se calhar no início foi mais uma coisa por brincadeira e que, se calhar, no início não conheciam bem o que é que era, mas o que é certo é que agora uma pessoa na brincadeira disser portaste-te mal, vais sair da orquestra é o fim do mundo, eles ficam (...) têm mesmo medo, não querem sair da orquestra.”</i></p> <p><i>“Acho que é tudo, porque acho que é assim como eram miúdos que, se calhar, pelo tipo, as condições deles, não tem nada a ver com dinheiro mas, por exemplo, os que eram mal comportados não conseguiam parar, irresponsáveis e respostas, essas coisas todas, se calhar, afastava-os, um bocadinho, dos outros e isso, também, se reflete por que, se calhar, também, tinham aquela parte da afetividade, aquela coisa assim social, eles não tinham muito isso e uma das coisas deste projeto é nós conseguirmos fazer isso com os miúdos, eles sentirem-se uma bocado parte (...)</i>”</p> <p><i>“ (...) eles próprios agora sentem-se como um grupo, mandam-se calar uns aos outros, aquela responsabilidade se for preciso, para quem no início era completamente impensável, agora se for preciso estão xiu, está calado, olha a professora e há aquela coisa, querem atuar, querem ir, querem fazer (...)</i>”</p> <p><i>“Não tem nada a ver com os miúdos que começaram há um</i></p>
--	---

	<p>ano e tal atrás, não tem nada a ver, quer a nível de comportamento, quer a nível de responsabilidade, quer a nível de atitude, temos o feedback lá em cima da escola que se não forem todos, mas a maior parte deles mudou completamente os comportamentos (...) a nível de notas melhoraram imenso.”</p>
<p>Encarregados de Educação</p>	<p>“É assim como os pais, não posso dizer que é a cem por cento, porque como eles estão noutra escola as nossas aulas são todas dadas lá em cima, menos a orquestra (...) e, então, nós com os pais, principalmente nós, quem tem mais essa parte é a coordenadora e psicóloga, porque ela é que faz a ligação entre todos, se há algum problema ou assim ela é que gere ou assim (...) por exemplo, se algum miúdo comesse a faltar alguma vez, uma, duas vezes, eles vão logo em cima ver o que é que se passa, estão sempre em cima da situação para ver o que é que se passa (...) tanto que é que é que nós só tivemos um ou dois que saíram, não mais do que isso, o resto está quase tudo inicial (...) mesmo assim ou foi um ou outro que mudou de escola ou não quis continuar, mas mesmo, mesmo desinteresse só houve um caso ou dois que me recorde (...)”</p> <p>“ (...) mas já aconteceu vir um pai ou outro dizer ó professora ele está completamente diferente, já estuda, está motivado e as notas, isso já acontece alguns (...)”</p> <p>“E complicado, essa parte já não consigo acompanhar (...)”</p> <p>“ (...) Eles quando fazem concertos (...) fica tudo cheio, vêm os pais todos atrás dos miúdos e amigos e vizinhos como se fosse quase aquele gosto, o meu filho está ali e que, se calhar, até na altura não acompanhavam muito a nível de escola e essas coisas e começam a ter interessados (...)”</p>
<p>Relação do entrevistado com o projeto</p>	<p>“ (...) Desde o início, desde o início (...) dou violino, dou</p>

	<p><i>naípe e sou a professora da orquestra.”</i></p> <p><i>“Acho que sim, acho que está a resultar bastante bem (...) pelo menos com este grupo que eu acompanhei desde o início até aqui, só houve alguns meses que eu não acompanhei por entretanto fui mãe (...) mas mesmo assim tenho acompanhado, mesmo não estando com eles aqueles meses, nota-se completamente a diferença, os miúdos que tínhamos nas primeiras semanas e os miúdos que temos agora.”</i></p> <p><i>“ (...) É assim é diferente, mas é satisfatório ver as mudanças que realmente acontecem e fazer parte disso, porque no fundo nós é que estamos a fazer parte dessa mudança, havia miúdos que de início não conseguiam parar quietos numa cadeira e andavam aos encontrões uns aos outros e não queriam saber do colega... a preocuparem-se, a saberem estar, a quererem ajudar (...)”</i></p> <p><i>“Agora já conseguimos fazer as coisas que fazemos nos outros (...) agora já sabem ler a pauta, já sabem as coisas todas, já acaba por ser normal.”</i></p> <p><i>“O concerto lá em baixo em Lisboa (...) o ano passado, nós não tínhamos começado assim há tanto tempo e fizemos a junção das orquestras todas (...) aquilo estava imenso, estava cheio, a Aula Magna estava completamente cheia e estavam montes de miúdos e foi gratificante (...) a nossa era das mais novas, a nossa daqui e a Mirandela, nós fizemos um programa separado cada um e depois juntámos numa música todas, o que é certo é que aquilo estava imenso, estava cheio, a Aula Magna estava completamente cheia com montes de miúdos e correu tudo muito bem e foi gratificante, foi uma das primeiras vezes que fomos completamente a outra zona, ter com as outras pessoas, as outras Orquestras Geração, convidados e foi gratificante, porque a nossa era uma das mais novas e tivemos</i></p>
--	--

	<p><i>excelentes resultados, eles acabaram de tocar e toda a gente se levantou a aplaudir (...) nessa e na do Presidente (...)"</i></p> <p><i>" (...) Acho que sim acho que sim pois gasta-se dinheiro em tanta coisa... faz-se estádios de futebol, faz-se isso, faz-se aquilo, porque não investir numa coisa que tá a dar resultados? Por uma futura sociedade melhor, não é? (...)"</i></p>
--	---

Anexo xx- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº3

<p>Sexo: Masculino</p> <p>Idade: 26 anos</p> <p>Grau de escolaridade: Licenciatura</p> <p>Formação: Música</p> <p>Profissão principal: Professor de música e orquestra</p> <p>Local de residência: Amarante</p>

<p>Características da Orquestra Geração de Amarante</p>	<p><i>“Musicalmente são meninos especiais, não é? Têm uma evolução técnica, musical diferente, porque o ambiente e a maneira de eles pensar já, de estar na escola, já é diferente, logo a música já não é exceção, porque já na escola são alunos bastante distraídos e não estudam assim muito, por isso a música acaba por, falando da parte técnica da música, acaba por ir também ao mesmo encontro (...) Embora eu gostasse, pessoalmente, que tivessem mais contato semanal com os instrumentos(...)”</i></p> <p><i>“Tecnicamente em relação ao instrumento estou contente e mesmo socialmente que acho que é a base do projeto, não é? A integração social e por aí fora, também, acho que, acho que consegui, porque, também, era o meu objetivo, moldar a maneira de eles pensarem (...)”</i></p> <p><i>“ (...) bem, a minha prioridade é que eles consigam (...) superar-se (...) Consigam atingir objetivos (...) tanto musicalmente, tanto como cidadãos do mundo, dificuldades é sempre a mesma, porque eles já vêm de trás (...) Não digo com dificuldades (...) vêm de um contexto diferente (...)”</i></p> <p><i>“A pedagogia é ouvir bastante, tentar falar com eles (...) E não discutir, porque se fosse a discutir era mais um, porque no intervalo berram com eles, na sala de aula berram com eles, se calhar em casa berram com eles, se calhar se eu fosse mais um a discutir com eles não queria, então tentei contornar isso (...) quanto mais alto eles falarem, mais</i></p>
--	---

	<p><i>baixo eu falo.”</i></p> <p><i>“As aulas são uma vez por semana, aulas individuais (...) Depois têm o naipe e depois têm a orquestra. As aulas individuais é uma vez por semana, naipe uma vez por semana e a orquestra também uma vez por semana.”</i></p> <p><i>“Normalmente tenta-se cumprir o objetivo, peças que eles montam, não é? (...)”</i></p>
Alunos	<p><i>“Eu acho que é boa, embora agora nas férias eles venham para aqui gozar férias também (...) E depois não levam isto tão a sério, mas assim como um trabalho de férias (...) mas acho que sim, levam isto a sério.”</i></p> <p><i>“Eu acho que tento sempre motivar (...) Como é que eu tento motivar? Ora bem, eles já são bloqueados, não é? Porque eles pensam que têm todas dificuldades e mais algumas (...) E eu tento desbloquear isso através do demonstrar pela prática, eles automaticamente, ao eu mostrar que eles são capazes e ao eles conseguirem atingir aquele objetivo numa determinada peça, eles desbloqueiam automaticamente (...)”</i></p> <p><i>“Atitudes principalmente, atitudes (...) antigamente havia outro professor e então vim pra cá eu, é sempre um bocado difícil eles aceitarem (...) Eu tou assim, eu toco assim, por isso não mudo, mas eu tento mostrar que mudar é bom (...)”</i></p> <p><i>“A relação é uma relação amizade, com algum respeito.”</i></p>
Encarregados de Educação	<p><i>“ (...) não conheço pais de ninguém.”</i></p> <p><i>“Não, não, mas também não sei se é problema dos concertos, se os concertos são para determinada elite os pais não vão (...)”</i></p>
Relação do entrevistado com o projeto	<p><i>“Estou no projeto desde o início do ano letivo (...) aqui o importante não é a música, aqui o importante é eles estão reunidos dentro de uma sala (...) Têm que fazer uma coisa em conjunto, uma coisa em comum que é a música (...) o</i></p>

	<p><i>que acho que aqui não é a música, mas é aquilo que os une (...) se fosse um jogo de futebol ia ser igual, o importante aqui é eles socializarem, neste caso aqui é a música.”</i></p> <p><i>“ (...) Eu às vezes vou para casa a pensar e, às vezes, chateado (...) porque são alunos diferentes de outros (...) eu dou aulas noutra sítio também, noutra escola, não neste projeto, num conservatório perfeitamente normal e é totalmente diferente (...) às vezes é difícil, eu vou para casa a pensar como é que vou desenvolver este problema, já aconteceu em aulas discutir com eles e depois dizer pá acabou e vão todos para casa e depois na aula seguinte tenho que dar algum recado, não posso deixar passar aquilo em branco (...)”</i></p> <p><i>“Todos os dias, todas as aulas que estou com eles é constantemente esse desbloquear da parte deles (...)”</i></p> <p><i>“Houve uma vez em que, tenho um aluno bastante problemático, bastante mesmo, qualquer coisa e ele faz asneiras, ele não tá bem quieto e houve uma vez que pronto, armou confusão na orquestra, na aula de orquestra e na aula seguinte eu falei com ele, com ele não, falei com eles, tive naipe e falei com os três, conversei com eles muito seriamente e expliquei que tudo na vida tem o seu retorno, falei da teoria do caos (...) Que tudo aquilo que nós fazemos é-nos devolvido, falei em vários tipos de coisas, falei em várias tipos de exemplos, que violência só traz violência, que se eles responderem aos berros, só vão ter alguém que só lhes responda aos berros, se eles derem uma bofetada, a única coisa que vão ter de volta é uma bofetada e tive assim uma grande conversa com eles e eu fiquei muito contente que na aula seguinte esse aluno virou-se para mim e professor esta semana (...) não bati em nenhum colega meu (...) mas sabes porque é que não bati? Porque me lembrei das suas palavras (...)”</i></p>
--	--

	<p><i>“É positivo, é positivo, com grandes altos e baixos, mas é positivo (...)”</i></p> <p><i>“Sim, acho que sim, porque não? Porque é a orquestra geração, eles podiam estar inseridos noutra orquestra qualquer, não é? Aqui no conservatório não sei se existe outra orquestra, se existisse orquestra, mas pronto se existisse orquestra o projeto facilita, facilita os instrumentos, facilita os transportes e isso enquanto o conservatório não facilita tanto, a questão é mesmo só as ajudas, porque de resto acaba por ser tudo igual ou melhor dos apoios.”</i></p>
--	---

Anexo xxi – Análise de conteúdo vertical da entrevista nº 4

<p>Sexo: Masculino</p> <p>Idade: 34 anos</p> <p>Grau de escolaridade: Bacharelato</p> <p>Formação: Trompete</p> <p>Profissão principal: Professor de trompete</p> <p>Local de residência: Lousada</p>

<p>Características da Orquestra Geração de Amarante</p>	<p><i>“No caso do meu trabalho são alunos novos que começaram (...) a partir de Setembro, Outubro comigo (...) começamos a trabalhar o som a respiração, só que eles ainda não levam os instrumentos embora (...) estamos a ver as notas e já conseguem tocar três pecinhas.”</i></p> <p><i>“Pra já, no meu caso e no meu naipe, é que eles toquem bem e as estratégias é que eles estudem de acordo com o que eu lhes ensino nas aulas (...) para depois em concerto suar bem (...)”</i></p> <p><i>“ (...) é a pedagogia que eu adoto em todas as aulas de trompete, o normal.”</i></p> <p><i>“ A organização é 45 minutos os dois juntos para trabalhar em dueto, em termos de afinação, em termos de articulação e, também, para os integrar os dois como se trabalha em naipe (...) e depois meia hora individual para cada um.”</i></p>
<p>Alunos</p>	<p><i>“ (...) não são rapazes problemáticos, nem nada que se pareça, são bons alunos, agora é falta de prática, é traquejo (...)”</i></p> <p><i>“Muito boa, melhor é impossível, tão todos entusiasmados (...)”</i></p> <p><i>“Acho que é sentir os alunos, respeitar e saber quais são os gostos deles conhecendo aprofundadamente cada ser o humano que a gente consegue cativar (...)”</i></p> <p><i>“Num deles noto que está bastante certinho, já o era, mas</i></p>

	<p><i>ficou mais calmo o outro era muito, era muito agressivo, está muito mais concentrado e mais enquadrado, porque são primos os dois e é engraçado, é coincidência (...) estão mais unidos, eles não se davam muito bem (...)</i></p> <p><i>“A relação é muito boa, é muito próxima, eu arrisco muito, por isso é que eles, penso eu, que a motivação é mais fácil, porque não era o único professor, há respeito mas há um grau de amizade muito grande (...)</i>”</p>
Encarregados de Educação	<p><i>“Os pais, no início como estavam ainda a inteirar-se, não é? Um deles foi um bocado complicado, mas com a ajuda da coordenadora resolvemos o problema rápido.”</i></p>
Relação do entrevistado com o projeto	<p><i>“Sim, sim desde este ano (...)</i></p> <p><i>“É perfeito, é muito, muito bom, eu por acaso conheço colegas meus quando eles estavam em Lisboa que implementaram isso, também, na Argentina (...) ele foi fruto desse projeto lá e veio estudar para a Metropolitana onde eu andei a estudar, toca bastante... eu acho muito bom, eu acho que eles melhoram muito em termos de concentração, em caráter (...)</i>”</p> <p><i>“Eu estou sempre aberto a novos projetos, a novas ideias, gosto da ideia, acho diferente, é muito bom (...) é diferente porque olhe as aulas são num ciclo, é um ambiente diferente, é bom, é bom, é bom, gosto (...)</i>”</p> <p><i>“ (...) Não, não, não tenho que dizer (...) muito positivo, (...) estou a gostar (...) é um projeto diferente, mesmo até para mim é uma experiência diferente porque eu já dei aulas a mulheres grávidas, um projeto de mulheres grávidas que nos concertos estavam esgotados completamente, enquanto que os filhos deles quando atuavam estavam 20, 30 pais a atuar e as mulheres grávidas era com dois meses de antecedência compravam os bilhetes (...)</i></p> <p><i>“Sim, sim não tenho dúvidas (...) Porque isso une-os</i></p>

	<p><i>mesmo, até eu tenho notado, eu tou a dar as aulas, quando saiu ou quando chego os outros alunos, dos outros instrumentos, pedem para assistir às aulas, mas uma média de 10 a 12 alunos, não estou a mentir, batem à porta, posso a assistir? (...) gostam, gostam mais e tão entrosados entre eles.”</i></p>
--	---

Anexo xxii- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº5

Sexo: Feminino Idade: 31 anos Grau de escolaridade: Mestrado Formação: Flauta transversal Profissão principal: Professora flauta transversal Local de residência: Amarante

Características da Orquestra Geração de Amarante	<p><i>“Tenho que antes da flauta, tenho que para as criança, coisa mais importante ensinar, de modo que elas podem começar a trabalhar na orquestra, porque no ensino normal nós começamos a trabalhar, muitos anos depois começamos a trabalhar na orquestra (...)”</i></p> <p><i>“ (...) a coisa mais importante é que as crianças querem tocar juntos e então dá uma motivação muito forte (...)”</i></p> <p><i>“ (...) as crianças têm meio hora sozinhas, só comigo mesmo de flauta transversal, meia hora, tenho dois alunos, depois tem uma hora e meia de naipe, significa que as duas flautas tocam juntos.”</i></p>
Alunos	<p><i>“ (...) sim, eles são muito motivados , por exemplo, até agora não podem, não poder levar as flautas para casa, mas todos os sábados eles vêm ao centro cultural para ensaiar, são muito motivados.”</i></p> <p><i>“ (...) a estratégia que é o objetivo que é tocar na orquestra é também, não sei.”</i></p> <p><i>“Eu gosto muito, acho que eles também gostam muito (...) também para mim é uma experiência muito interessante, porque é a primeira vez que começo a ensinar crianças bastante grandes, já têm 15 anos, normalmente, começo com pequeninos, é muito bom, porque elas conseguem fazer muitas coisas rapidamente (...) ”</i></p>
Encarregados de Educação	<p><i>“ (...) sei quando fizemos concertos os pais apareceram (...)”</i></p>

<p>Relação do entrevistado com o projeto</p>	<p><i>“Eu comecei só em Novembro, Dezembro, os sopros só ainda mais tarde (...)”</i></p> <p><i>“Acho que sim, sim, muito bom, acho que sim, eu gosto da ideia de uma orquestra, porque os amigos podem fazer muito bem trabalhar juntos (...) ajuda a melhorar, ajuda a crescer”</i></p> <p><i>“Gosto muito, até agora gosto muito, gosto da ideia, não é como o ensino normal que queremos fazer músicos (...) a coisa mais importante é ajudar as pessoas que têm dificuldades (...)”</i></p> <p><i>“Negativa, com certeza, não, positiva, não sei... agora não me lembro nada de especial, mas (...) a coisa mais positiva para é ver que estão muito entusiasmados, motivados (...)”</i></p> <p><i>“Sim, sim, porque acho que funciona, eu tenho, também, medo das coisas, temos crianças com muitas dificuldades, não sei, eu penso que era bom arranjar um psicólogo, alguma coisa para preparar melhor os professores (...) mas é uma boa experiência para nós e para as crianças, é uma coisa para manter.”</i></p>
---	---

Anexo xxiii -Análise de conteúdo vertical da entrevista nº6

Sexo: Masculino
Idade: 30 anos
Grau de escolaridade: Licenciatura
Formação: Oboé
Profissão principal: Professor de oboé
Local de residência: Vila Nova de Gaia

Características da Orquestra Geração de Amarante	<p><i>“O grande objetivo é tocar peças.”</i></p> <p><i>“Integrar os alunos, mas nunca tendo aquele peso de um aluno regular que tem de fazer tudo direito. É o prazer de tocar que está presente e não a obrigação.”</i></p> <p><i>“...incentivar a começar logo a tocar, sem o peso igual a uma disciplina... Dar ênfase ao lado positivo em vez do lado negativo...”</i></p> <p><i>“...trinta minutos de oboé...”</i></p>
Alunos	<p><i>“Tenho tido muita receptividade, o aluno que tenho quer trabalhar, mesmo em comparação com os outros do ensino regular, ele quer trabalhar mais.”</i></p> <p><i>“Para o motivar realço os aspetos positivos e nunca digo que está tudo mal...”</i></p> <p><i>“...é um aluno que está sempre sossegado, como está sozinho é calado, faz perguntas, pede muitas vezes desculpa e quer fazer logo bem.”</i></p> <p><i>“A relação que é mantida com o aluno é de proximidade, não existe a distância normal professor-aluno, por exemplo, existe sempre um aperto de mão.”</i></p>
Encarregados de Educação	<p><i>“Não sei muito bem... Mas no outro dia a coordenadora disse que a mãe vê melhorias no filho.”</i></p>
Relação do entrevistado com o projeto	<p><i>“Desde o início deste ano letivo.”</i></p> <p><i>“Aulas de oboé.”</i></p> <p><i>“É uma boa estratégia, os alunos não estão a fazer outras coisas... Acaba por ser uma solução para outro caminho e</i></p>

	<p><i>vê-se o entusiasmo.”</i></p> <p><i>“Ao início foi estranho, porque o aluno já tem alguma idade, apesar de já ter reprovado... Tive de o habituar a algumas coisas. Parecia um miúdo que trabalhava, sempre com as mãos frias, isto são fatores que dificultam tocar o instrumento.”</i></p> <p><i>“Não tenho tido grandes dificuldades. É só um aluno e começou há pouco tempo, é um aluno recetivo.”</i></p> <p><i>“A situação mais marcante foi quando o aluno agradeceu no fim de uma aula, quando começou a tocar as primeiras músicas. Senti uma enorme satisfação! Porque não tinha sido uma aula nada de especial. Fiquei sem reação... É que nos que nos pagam não agradecem.”</i></p> <p><i>“...balanço positivo!”</i></p> <p><i>“...os objetivos estão mais do que postos em prática.”</i></p>
--	--

Anexo xxiv - Análise de conteúdo vertical da entrevista nº7

Sexo: Masculino

Idade: 34 anos

Grau de escolaridade: Licenciatura

Formação: Música

Profissão principal: Músico

Local de residência: Amarante

<p>Características da Orquestra Geração de Amarante</p>	<p><i>“Nesta altura nós começamos as aulas, os sopros começaram há cerca de um mês ou mês e meio, o primeiro objetivo é que eles tenham o primeiro contacto com o instrumento e comecem a evoluir, gradualmente, até que seja possível inseri-los na orquestra de cordas (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Nós trabalhamos individualmente (...) neste caso eu trabalho os clarinetes e há um professor responsável por cada instrumento e basicamente trabalho as peças individualmente, para depois, existe a disciplina de orquestra de sopro, em que juntámos todos os instrumentos de sopros e que sou responsável e juntámos todos e que servirá de preparação para a junção com a orquestra de cordas (...)”</i></p> <p><i>“Neste momento, nós trabalhámos de uma forma diferente do que trabalhámos no ensino oficial (...) recebemos as normas de Lisboa e é um trabalho em que, sensivelmente, o objetivo é que ele comecem logo a tocar, nem que seja só duas notas (...)”</i></p> <p><i>“ (...) eles têm aulas individuais, meia hora de aula individual cada miúdo e depois têm uma aula de naipe que depois tem que juntar os dois e trabalhámos os dois juntos, trabalhámos outros aspetos para depois juntar com os colegas (...)”</i></p> <p><i>“É uma coisa que pra eles é bastante motivante (...) eu acho que eles, basicamente, auto motivam-se, o objetivo,</i></p>
--	--

	<i>como é uma coisa muito prática, para eles o facto de terem um instrumento e começarem logo a tocar em grupo e fazerem parte de uma orquestra, eles querem é fazer (...)”</i>
Alunos	<p><i>“Há uma evolução, claro, de qualidade, há uma evolução, ainda começaram há pouco tempo, penso que eles têm interesse em evoluir e fazer mais, claro que estão sempre a perguntar quando é que se juntam com a orquestra de cordas e querem levar os instrumentos para casa que ainda não levam (...)”</i></p> <p><i>“O comportamento é tranquilo, para agora (...)”</i></p> <p><i>“Não, é de proximidade, claro é que com o tempo, não é? Começamos há bem pouco tempo (...)”</i></p>
Encarregados de Educação	<i>“Se calhar, quem pode responder a isso é a coordenadora, porque lida, diretamente, com os pais (...)”</i>
Relação do entrevistado com o projeto	<p><i>“ (...) eu acho que tem tudo para dar certo, porque ocupa os miúdos de alguma forma, segundo motiva-os para alguma coisa diferente e depois a música é uma coisa que trabalha várias capacidades do nosso organismo, trabalha a concentração, trabalha a responsabilidade e são coisas que se nota, pelo menos há um feedback por parte das escolas, dos professores, lá notam que os miúdos que andam na orquestra geração mudaram a nível de comportamento, a nível de concentração (...)”</i></p> <p><i>“ (...) para nós ainda não temos os resultados óbvios, é tudo muito fresco, mas acho que tem tudo e vendo a orquestra de cordas, que já tem muito mais tempo, penso que vai ser muito importante para eles (...)”</i></p> <p><i>“Não, dificuldades é a única coisa e como a abordagem ao ensino é bastante diferente daquilo que nós fazemos tradicionalmente no ensino oficial, ainda andamos um bocadinho a apalpar, a apalpar terreno (...)”</i></p> <p><i>“É positivo (...) eu acho que sim, temos muito bons</i></p>

	<i>exemplos, portanto, é um projeto que começou na Venezuela e tem orquestras sinfônicas com muito bom nível (...)”</i>
--	---

Anexo xxv- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº8

Sexo: Feminino
Idade: 31 anos
Grau de escolaridade: Licenciatura
Formação: Canto lírico
Profissão principal: Professora de música
Local de residência: Marco de Canaveses

Implementação Orquestra Geração de Amarante	<i>“ (...) o tipo de trabalho é estipulado pela orquestra, pelas orquestras geração a nível nacional, há um programa que é estipulado por Lisboa, pelo Conservatório Nacional de Música que eles têm que cumprir, há metas (...) E há objetivos por período, num primeiro período (...) depois há uma semana de estágio que, também, está noutro programa estipulado, é intensiva a semana de estágio com várias horas que eles fazem durante a semana, também, outro tipo de programa estipulado e eles têm que chegar ao final e apresentar (...)”</i>
Características da Orquestra Geração de Amarante	<i>“A nível de prioridades o projeto da orquestra geração, embora seja um projeto de inserção social virado para a parte musical, a prioridade é a parte social e não a parte musical (...) É obvio que colmatamos as coisas de uma cajadada só... nós temos alunos que estão no projeto que estão a ser excelentes alunos, quer a nível musical e quer a nível de componente social, estão a ficar fantásticos (...)e com esses alunos (...) já se trabalha mais a parte musical, depois temos alunos do projeto que não conseguem sair da componente social tão favorecida. O que é que acontece? (...) tentamos que acompanhem a orquestra, mas (...) acabam por não ter a nível musical resultados tão bons (...) para nós tanto faz, o importante é que eles estejam cá todos, é lógico que a nível musical é bom ter uma boa orquestra, mas sabemos como o objetivo</i>

	<p><i>como é social complementamos com outros objetivos que tem o projeto (...) o projeto não é virado para o sucesso musical, mas sim para o sucesso social (...)</i></p> <p><i>“ (...) a pedagogia é completamente diferente da pedagogia que nós utilizamos no conservatório, nos no conservatório nós começamos a trabalhar do individual e depois é que vamos para o coletivo, aqui não, aliás a primeira aula que este alunos têm é sempre a aula da orquestra, vêm do coletivo e depois vêm a trabalhar para o individual (...)</i>”</p> <p><i>“Inicialmente, quando nós fizemos as formações e começamos a ver como é que nós tínhamos que trabalhar com os miúdos, assustou-me (...) Vamos imaginar em português (...) eles tinham de começar primeiro a escrever palavras, só depois aprender a fazer letrinhas, as vogais e as consoantes (...) para nós que aprendemos música de outra forma diferente duvidámos, agora não.”</i></p> <p><i>“ (...) eles têm uma carga horária muito intensiva, são 6 a 7 horas semanais, na aula de instrumento eles trabalham a peça, na aula de naipe juntam com outro colega e estão a trabalhar a peça, na aula de orquestra juntam a peça com toda a gente e acaba por dar algum sucesso.”</i></p> <p><i>“ (...) Nós trabalhamos na orquestra como ano letivo, mas o financiamento é ano civil, ou seja, chegou em dezembro, nós começamos em janeiro a fazer trabalho de campo na escola, a fazer a seleção de alunos e, efetivamente, as aulas começaram em maio, ou seja, começaram no terceiro período (...) quando faz um ano de etapa de aulas de orquestra é quando são inseridos todos os outros novos (...)</i>”</p> <p><i>“A nível de atividades isto funciona como se fosse, é inserido no plano de escola (...) Como disse, todos os finais do período eles têm metas, eles fazem todo o tipo de</i></p>
--	--

	<p><i>trabalho que tem de ser apresentado, ou seja, têm de fazer sempre a audição final de cada período, depois têm que fazer sempre estágio, é obrigatório, faz parte do plano, geralmente, é de uma semana, nós temos feito cá em Amarante, no Natal três dias, porque calha sempre a meio da semana é complicado alargarmos mais esse prazo, na Páscoa fazemos sempre uma semana intensiva, no ano anterior, na Páscoa, para ter uma ideia, nós juntamos com a orquestra de Mirandela, este ano isso não foi possível, porque estamos numa fase já mais adiantada, porque fomos a primeira orquestra do Norte a arrancar e fizemos intercâmbio com a orquestra e no final fizemos na mesma intercâmbio com a orquestra de Mirandela e fomos a Lisboa. Este ano temos ficado cá por Amarante, no final do ano teremos que os juntar e, também, vamos participar no concerto em Lisboa, porque são metas, já estão estipuladas com Lisboa (...) fora isso convites, nós já fizemos várias atividades, já tocamos em atividades organizadas por Juntas de Freguesia, por exemplo (...) vamos tendo vários convites e vamos tocando (...) ou seja, fora da audição obrigatória de cada período, no final de cada estágio, também, recebemos convites.”</i></p>
Alunos	<p><i>“Neste momento, 43, ou seja, nós temos 29 da área das cordas, temos 10 da área dos sopros e (...), já foram selecionados os 4 alunos que vão ser da percussão e que vão iniciar as aulas no início do terceiro período.”</i></p> <p><i>“ (...) são alunos que estão sinalizados pelos diretores de turma, são referências dadas pela psicóloga que vão ao encontro das metas que estão estipuladas no projeto sempre.”</i></p> <p><i>“Além do ensino da música gratuito, nós fazemos um trabalho, aliás, nós temos uma psicóloga que faz um trabalho fantástico com eles, todas as vezes que há</i></p>

	<p><i>qualquer tipo de problema ela tenta resolver, a nível de famílias também, quando há um miúdo que se queixa ou acontece alguma situação em casa, nós temos situações um bocadinho graves na orquestra, miúdos que têm um contexto familiar muito grave e estão numa posição social não muito boa, não muito favorecida os próprios pais vêm falar com a psicóloga, vêm falar comigo, muitas vezes, pronto, nós tentamos ajudar da melhor maneira.”</i></p> <p><i>“Sim, eles, geralmente, quando entram, entram para continuar são um pouco aqueles alunos, lá está, os que desistiram são aqueles alunos que saíram (...) Ou então foram aqueles que entraram e não sabiam muito bem se queriam e, de repente, desistiram. Não há grandes desistências a nível de orquestra, os que desistiram foi mesmo porque não queriam mesmo (...) quando nós percebemos que ocorre algum caso, nós tentamos falar com ele, olha que isto é bom para ti (...)”</i></p> <p><i>“O comportamento para mim é a primeira (...) o comportamento é uma das coisas mais visíveis (...) a orquestra ajuda a discipliná-los, ajuda a saber estar, ajuda a cumprir regras, se não estiverem não conseguem fazer o trabalho de grupo, o espírito de grupo, também, é uma das coisas fundamentais (...) e depois muitos deles o sucesso escolar, muitos deles tinham bastantes negativas (...) mas o comportamento e o aproveitamento sim.”</i></p> <p><i>“ (...) Posso dizer que a vida deles mudou mesmo muito, passaram a ter uma forma diferente de estar na vida, a forma de comportarem, passaram a ter outro tipo de responsabilidades (...)”</i></p>
Escolas	<p><i>“Neste momento, a única escola que faz parte do projeto são alunos do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso, (...) só os alunos da Souza-Cardoso, do 5º ao 9º ano (...)”</i></p>

<p>Encarregados de Educação</p>	<p><i>“Os pais (...) quando lhes foi apresentado o projeto, começaram ok, será que é, será que não é? Pronto eu vou deixar ir nem que seja para ele se entreter (...)”</i></p> <p><i>“ (...) muitos deles que não apareciam na escola, nem sequer punham os pés na escola para saber informações dos filhos, começaram a aparecer, porque eles gostam de ver os miúdos a tocar (...) para eles é um orgulho (...) começaram a acompanhar a vida escolar dos seus filhos.”</i></p>
<p>Professores</p>	<p><i>“Os professores são professores do Centro, a maior parte deles, os outros professores que não são do Centro que (...) nós sabemos por referência convidamos, (...) mas, geralmente, são professores do Centro que já estão cá e que têm se mantido (...)”</i></p> <p><i>“A formação que nós todos temos é a nossa formação de música, só que nós todos temos que fazer formação antes de iniciar o projeto. Tivemos uma formação intensiva em Lisboa que nos foi explicada o tipo de pedagogia que nós tínhamos de aplicar e durante o ano fazemos várias formações (...)”</i></p>
<p>Comunicação e divulgação das atividades</p>	<p><i>“Geralmente, quem nos convida divulga sempre (...) E depois nós, também, através do nosso site, através do facebook e depois os miúdos também (...)”</i></p>
<p>Recetividade</p>	<p><i>“É muito boa... no início do projeto, pronto, foi complicado a parte dos professores, porque, tipo, nós cá no conservatório é fácil, o professor vai dar aula de violino, porque o aluno quer aprender violino, não está ali (...) porque tem um problema grave em casa, alguns têm, não é por aí, não quer dizer que os outros alunos que vêm de livre vontade não tenham problemas em casa, não quero dizer isso (...)”</i></p> <p><i>“No início (...) por causa do tipo da pedagogia, alguns professores ficaram um bocadinho, pronto, acreditamos nisto, não acreditamos, por aí, não foram tão recetivos</i></p>

	<p><i>assim, mas à medida que o projeto foi decorrendo (...) começaram a ter uma opinião completamente diferente (...)</i>”</p>
<p>Relação do entrevistado com o projeto</p>	<p><i>“Eu acho que é uma boa forma de inclusão (...) a música é boa não só para a inclusão social, mas também para muitas outras áreas... através da inclusão torna-se muito mais fácil (...) É muito mais fácil cativar seja lá quem for, quem gosta de música, à partida, ser cativado para qualquer coisa (...)</i>”</p> <p><i>“Para mim tem sido excelente (...) os professores na escola tinham muito a noção deste tipo de realidades que existem com as crianças e que não existem, temos muito essa perceção, mas estando no projeto eu tenho a perceção total (...) A realidade que, às vezes, sabemos que elas acontecem, mas não estão tão próximas, de repente passaram a estar próximas de mim (...)</i>”</p> <p><i>“ (...) às vezes, não é fácil... (...) a nível de recursos, é fácil, não tem faltado nada, todas as expetativas que eu criei para o projeto, que eu achei à partida, temos conseguido atingir, até temos superado bastante bem, às vezes, há algum caso, tipo, acontecem coisas do género de alguém que está com um problema de continuar na orquestra, acontece muitas vezes e o pai quer tirá-lo, porque ele se anda a portar mal (...) esse tipo de dificuldades acontecem (...) mas mais só por aí (...)</i>”</p> <p><i>“Pela positiva... pela negativa, não me lembro de nada, sinceramente, não tenho nada a nível negativo que me tenha marcado no projeto, muito pelo contrário, a nível positivo posso nomear uma série delas (...) eu gostei logo da nossa apresentação do projeto de orquestra, foi aí que eu vi que este trabalho iria para frente e nós poderíamos acreditar que, realmente, o projeto iria ter sucesso, que ia ter futuro, depois gostei muito de o ano passado ter ido</i></p>

	<p><i>com os miúdos para Lisboa, porque eles nunca tinham ido a Lisboa, partilhar com eles essa experiência (...) gostei muito do concerto da Aula Magna, acho que foi espetacular, eles tiveram lá um momento muito marcante e depois no final tocaram (...) gostei, também, muito do nosso concerto para o Presidente da República, na Fundação EDP, acho que foi marcante, porque acho que eles portaram-se mesmo muito bem, (...) foram capazes de fazer, de cumprir com o objetivo que eles tinham combinado connosco, de forma muito boa até (...)”</i></p> <p><i>“O balanço que eu faço é mesmo muito positivo, não estou a ver estes miúdos que isto um dia pode acabar, não estou muito bem a ver, porque muitos deles começam a dizer, vamos continuar, começo a acreditar que muitos deles se tivessem vindo para a música há muito mais tempo poderiam ser um dia músicos, temos lá muito bons alunos.”</i></p>
--	---

Anexo xxvi- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº9

Sexo: Masculino

Idade: 63 anos

Grau de escolaridade: Licenciatura

Formação: Ciências do desporto

Profissão principal: Diretor executivo Centro Cultural de Amarante

Local de residência: Amarante

<p>Implementação Orquestra Geração de Amarante</p>	<p><i>“O projeto iniciou-se em Amarante em 2010, por convite da Fundação EDP”</i></p> <p><i>“ (...) foi feito o convite, foi-me explicado qual era o objetivo (...) eu fiquei logo entusiasmado com o projeto (...) indicamos que estávamos interessados.”</i></p> <p><i>“Fizemos um protocolo com a Fundação EDP (...) e depois tive uma reunião com o Conservatório Nacional de Música que é, em Portugal, o responsável pela orientação e pela implementação do projeto (...)”</i></p> <p><i>“Decidimos, que como já estávamos com o ensino articulado (...) podíamos optar por outra escola (...) pelo Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso, com quem estabelecemos uma parceria.”</i></p> <p><i>“O diretor do agrupamento mostrou-se, também, muito recetivo (...). É evidente que havia problemas logísticos que era preciso resolver e ele disponibilizou-se a resolver esses problemas.”</i></p> <p><i>“Depois, nomeei o coordenador do projeto, que é a nossa coordenadora pedagógica (...) Começou a tratar (...) de tudo aquilo que estava pressuposto nas parcerias. A professora (...) foi para o terreno, começou a fazer a seleção dos alunos, a formação dos professores, em Lisboa, conforme a metodologia própria do projeto.”</i></p> <p><i>“ (...) primeiro conservatório do Norte a ser convidado para a implementação do projeto.”</i></p>
---	--

	<p><i>“ (...)os professores que fazem parte deste projeto, em Lisboa, são financiados pelo Ministério da Educação (...) o que não acontece connosco, somos financiados pela EDP (...)”</i></p>
<p>Características da Orquestra Geração de Amarante</p>	<p><i>“ (...) tem uma componente social muito forte (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Fundação EDP financia a 100%(...)”</i></p> <p><i>“ (...) as aulas são parte dadas lá (escola), só a orquestra é feita cá ao sábado.”</i></p> <p><i>“ (...) é um projeto que visa um problema de âmbito nacional, que é o risco de abandono escolar, que é a exclusão social. (...) este projeto está vocacionado para estas duas vertentes social e a educacional (...) A aprendizagem da música não é o principal (...)”</i></p> <p><i>“O saldo da Orquestra tem sido positivo (...)”</i></p> <p><i>“Pedagogia do geral para o particular (...)”</i></p> <p><i>“Neste projeto os alunos começam logo a tocar, portanto, partem do geral e depois vão tendo (...) formação teórica.”</i></p> <p><i>“Começam pela imitação (...)”</i></p> <p><i>“São 7 horas por semana, estão divididas em naipes (...) e, depois, há as aulas em comum de formação musical, que é a parte teórica e, depois, tem a orquestra.”</i></p> <p><i>“Trabalham os alunos individualmente ou a pares, depois, trabalham os de violino (...) em comum, depois, trabalham em naipes e, depois, em orquestra (...)”</i></p> <p><i>“As atividades são organizadas... Normalmente, nós começamos a ser convidados (...) para além das atividades curriculares, isto é, são atividades que já estão previstas no projeto, que são as audições finais de período, que são as audições finais de ano (...)”</i></p> <p><i>“ (...) fazemos intercâmbio (...) nomeadamente, com Mirandela e com Murça, porque é importante, também, o intercâmbio, porque há miúdos que nunca saíram de</i></p>

	<p><i>Amarante.”</i></p> <p><i>“ (...) não é esse o objetivo fazer músicos, há a componente social.”</i></p>
Alunos	<p><i>“ (...) preparar como se fosse uma turma do ensino articulado (...)”</i></p> <p><i>“ (...) os alunos têm-se portado muito bem, estão muito entusiasmados (...)”</i></p> <p><i>“Atualmente, estão no projeto 43 alunos, distribuídos por cordas, por sopros e por percussão (...)”</i></p> <p><i>“ (...) quem faz a seleção são os professores (...) a escola já tem alunos problemáticos, que estão sinalizados nas escolas, a psicóloga e o diretor de escola dizem (...) os alunos que necessitam de apoio, que, se calhar, a música lhes fazia bem, fala-se com eles, vê-se com os pais, vê-se se eles estão interessados ou não, faz-se a inscrição, em função das inscrições é feita uma avaliação de capacidades para a música (...) e, em igualdade de circunstâncias e de, sobretudo, problemas, os professores fazem a apreciação (...)”</i></p> <p><i>“ (...) psicológico e, também, o aluno não se limita a vir cá, nós vamos buscá-los a casa, levamo-los a casa, damos um suplemento alimentar (...) o almoço sempre que necessário (...)”</i></p> <p><i>“ (...) eles vêm para cá com alguma apreensão (...) mas com o decorrer do tempo começam a gostar.”</i></p> <p><i>“ (...) eles eram, normalmente, alunos segregados nas escolas e, nesta altura, na escola (...) vêem-se a tocar o instrumento, de repente, rodeados dos colegas (...) Deixaram de ser apenas mais um aluno da escola ou até menos um e passaram a ser reconhecidos e admirados pelos colegas (...) E isso é motivador, eles motivam-se com isso, pois quando começam logo a tocar estão logo motivados (...) A motivação é feita naturalmente (...) são</i></p>

	<p><i>motivados porque gostam (...)”</i></p> <p><i>“ (...) temos vários alunos que gostariam de estar e não estão (...)”</i></p> <p><i>“ (...) em termos de comportamento é excelente, porque a música obriga à disciplina, ao espírito de equipa, ao espírito de grupo, começam a saber trabalhar em grupo. Há a responsabilidade, há a pontualidade (...) disciplinares e, também, em termos de disciplina de comportamento (...) A diferença é abismal, quer dizer os alunos que não tinham regras absolutamente nenhuma, nem sabiam estar, aqui no conservatório de música eu já nem sei quem são os alunos que estão no ensino articulado ou (...) quem são os alunos da Orquestra Geração, enquanto ao princípio os alunos da Orquestra Geração eram notados pela negativa (...)”</i></p> <p><i>“A evolução é de tal ordem que é reconhecida pela escola e pelos professores da escola.”</i></p> <p><i>“ (...) para além de vê-los a tocarem bem (...) é realmente o aspeto do comportamento e aproveitamento.”</i></p>
Escolas	<p><i>“Nós por uma questão de logística e por uma questão de verbas (...) optámos por uma escola. É muito mais fácil organizar o horário numa escola do que em duas ou três (...)”</i></p>
Encarregados de educação	<p><i>“Conseguimos, também, envolver os pais no projeto (...) temos tido resultados excelentes (...) eles já são mais participativos na escola, já vão saber qual o aproveitamento e comportamento dos filhos, que não acontecia antes. Vêm aqui muitas vezes contar-nos como é que eles se comportam (...) Assumiram a responsabilidade, também, dos miúdos levarem instrumentos para casa, assinaram um documento a dizer que são eles que são responsáveis (...)”</i></p> <p><i>“Uma das lacunas que temos, neste projeto, é não ter uma</i></p>

	<i>assistente social que trate da parte familiar (...)”</i>
Professores	<p><i>“ (...) a formação dos professores, porque isto é um projeto que tem uma estratégia própria, completamente diferente daquela que é implementada no nosso ensino. É um ensino que parte mais do mais geral para o particular, os alunos começam logo a tocar.”</i></p> <p><i>“ (...) conforme as deficiências que vão encontrando os professores vão adotando métodos e metodologias (...) para que eles consigam tocar.”</i></p> <p><i>“ (...) procuramos manter os professores sempre (...)”</i></p> <p><i>“ (...) nós não selecionamos, os professores que estão na Orquestra Geração são os professores do ensino articulado. Como são professores do ensino articulado já têm que ter determinadas aptidões para o ensino, obrigatoriamente (...) em 4 ou 5 professores é visto o perfil de cada um e aquele que se adapta. É explicado o projeto, qual é o objetivo do projeto (...) Depois, eu e a coordenado pedagógica vemos (...) qual é aquele que tem o perfil para integrar o projeto (...)”</i></p> <p><i>“ (...) têm formação todos os anos (...) este estágio de alunos é, ao mesmo tempo, um estágio de professores (...) vão tendo ao mesmo tempo formação específica.”</i></p>
Comunicação e divulgação das atividades	<p><i>“Nós, penso que é uma falha que temos no aspeto da divulgação, (...) mas é verbalmente (...) é com as apresentações que fazemos aqui no concelho, nas escolas e as pessoas começam a saber que existe a Orquestra. (...) E começam-nos a convidar, sempre que há uma atividade nós publicamos nos jornais, na rádio e a televisão (...) E através do nosso site também.”</i></p> <p><i>“Mas mais do que a publicidade é os resultados.”</i></p>
Recetividade	<i>“ (...) a comunidade é exatamente aquela que menos se apercebe, (...) porque as audições e as apresentações que fazemos e os concertos que fazemos, normalmente, são</i>

	<p><i>virados para miúdos (...) e quando fazemos aqui no conservatório vêm os pais (...) fica lotado o auditório.”</i></p> <p><i>“ (...) o Senhor Presidente da Câmara vê este projeto com grande entusiasmo (...)”</i></p> <p><i>“ (...) vamos ver se as pessoas se começam a aperceber que nós existimos.”</i></p>
<p>Relação do entrevistado com o projeto</p>	<p><i>“ (...) nunca me tinha apercebido, sinceramente, que a música podia contribuir para a inclusão social (...) Foi uma surpresa, realmente, agradável e que ultrapassou as minhas expetativas, por na verdade (...) nós aqui no Centro fazemos audições com os nossos alunos e com os alunos da Orquestra Geração em articulação. Portanto, eles estão perfeitamente integrados aqui na escola e a música tem contribuído para isso, porque a música é universal (...) Claramente, que a música é uma linguagem única.”</i></p> <p><i>“A nível pessoal (...) como diretor da escola na 1ª, na 2ª e na 3ª apresentação vieram-me as lágrimas aos olhos (...) miúdos de estratos sociais péssimos, do pior que há (...) e vi aquilo os miúdos que não tinham esperança (...) em termos de projetos individuais (...) há aqui uma possibilidade de trabalho futuro deles e, para além disso, (...) a alegria deles em participar (...) Portanto, vi miúdos que não tinham perspetiva nenhuma, porque conversei com eles e com a família e que de repente aparecem em palco a serem admirados (...)”</i></p> <p><i>“As grandes dificuldades que tenho encontrado, neste projeto, (...) é em termos logísticos, por causa do transporte dos miúdos (...) De resto, (...) todos queremos que isto vá para a frente (...) estamos todos empenhados.”</i></p> <p><i>“Tenho dois momentos que foram marcantes. O primeiro quando fomos à Aula Magna (...) e que estava absolutamente cheia (...) Nós estávamos no 1º ano (...)”</i></p>

	<p><i>Nós fomos a última orquestra a ser apresentada com as do 1º ano e (...) acabou de tocar a nossa e as (...) pessoas que estavam lá levantaram-se a bater palmas. Portanto, isso foi para mim um motivo de orgulho (...) A outra foi quando fomos escolhidos (...) fazer o encerramento de uma conferência no Museu da Eletricidade (...) Ai também me emocionei bastante.”</i></p> <p><i>“O balanço que faço deste projeto é o mais positivo possível. Tem sido um sucesso (...) No aspeto social tem tido um sucesso imenso, no aspeto educacional imenso e na integração e na inter-relação pais e educandos tem sido realmente um sucesso.”</i></p> <p><i>“ (...) tem de ser mantido (...) enquanto os objetivos puderem ser alcançados, (...) porque já começam as pessoas a ver que a música é importante (...)”</i></p>
--	--

Anexo xxvii- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº10

Sexo: Masculino
Idade: 46 anos
Grau de escolaridade: Licenciatura
Formação: Administração escolar
Profissão principal: Diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso
Local de residência: Amarante

Papel do Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso	<p><i>“ (...) Eu tive conhecimento através de contatos com o Centro Cultural de Amarante e, neste caso, através de uma professora comum (...) foi aqui colocada e é lá professora.”</i></p> <p><i>“Em relação ao projeto nós tivemos aquela fase inicial de inventariar os alunos que reuniam condições (...)”</i></p> <p><i>“ (...) com acompanhamento da coordenadora pedagógica e da psicóloga (...)”</i></p> <p><i>“ (...) dá-mos apoio na parte das aulas, na parte de instrumento, que funciona aqui nestas instalações, também, sou eu (...) que faço a interligação com a autarquia, no que diz respeito a transporte, quer dos alunos, quer de instrumentos, porque é necessário, por exemplo, levar os instrumentos para o Centro Cultural, (...) quando é as atuações sou eu que desencadeio os transportes (...) é o nosso papel e dar todo o apoio logístico aos professores do Centro que vêm aqui dar as aulas de instrumento aos nossos alunos.”</i></p>
Alunos	<p><i>“ (...) alunos com problemas familiares, problemas socioeconómicos, que se enquadravam no âmbito do projeto (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Com base quer no processo do aluno, quer nos antecedentes, quer nos alunos com problemas familiares, que têm processos na Comissão de Proteção de Menores, quer pelos próprios diretores de turma que, por vezes, isso</i></p>

	<p><i>acontece, frequentemente, têm todos conhecimento do projeto e sinalizam esses alunos como constituindo, para eles, uma mais-valia para poderem-se integrar, porque têm problemas de comportamento, muitos deles têm problemas de comportamento (...)</i></p> <p><i>“Os alunos (...) em termos de comportamento alteram radicalmente, nota-se isso, principalmente, naqueles alunos com os tais problemas de comportamento, hiperativos, inquietos, alunos que ficam mais responsáveis, muito mais responsáveis, ficam mais afáveis, o poder de comunicação deles, também, melhora significativamente, sabem estar, a integração deles na turma é muito mais facilitadora e ao mesmo tempo em termos de notas, também, têm melhorado.”</i></p>
Recetividade	<p><i>“A recetividade tem sido excelente (...) temos muitos alunos a quererem entrar no projeto que não se enquadram nos parâmetros, nos pressupostos inicialmente pela orquestra, mas que gostariam de estar.”</i></p> <p><i>“Os inícios foram muito complicados. Que também não queriam os que estavam sinalizados e agora passa-se precisamente o contrário, uma aluna que tivemos aí um problemazito e a primeira coisa que eu lhe disse que ia retirá-la da orquestra e ela entrou em pânico, entrou mesmo em pânico, esteve suspensa ali uma semana da orquestra que, também, temos que dar e tirar, temos que jogar com isso, principalmente quando eles têm problemas de comportamento.”</i></p>
Relação do entrevistado com o projeto	<p><i>“ (...) Isto está ser um projeto que eu espero que não pare, o meu medo é que, neste momento, pare, porque temo que as parcerias acabem, atendendo ao atual momento se vão escusando, penso que promove mesmo a inclusão destes alunos, estes alunos sentem-se diferentes, sentem-se muito mais apoiados, têm uma retaguarda que eles, por vezes,</i></p>

	<p><i>não têm em casa e que, por vezes, lhes é dada quer pelos professores aqui, quer no centro e a própria música (...) eu sempre disse, não sendo eu um homem da música, mas este projeto e a escola têm-me ajudado a gostar e, pelo menos, a perceber mais de música, principalmente de música clássica. Eu acho que as artes, no global, neste caso específico, a música que ajudam (...) todas as escolas deviam ter a oportunidade de ter estes projetos, estes projetos aliados aos processos de ensino-aprendizagem (...)"</i></p> <p><i>" (...) não é só pelos alunos gostarem da música e terem agora jeito para a música, incute-lhes muitas maiores responsabilidades, cumprem horários com maior facilidade, também, são alunos mais vivos, são alunos que acho que a cultura deles aumenta efetivamente e todos deveriam ter a oportunidade na escola."</i></p> <p><i>" (...) tem sido, eu costumo dizer e tenho muito orgulho enorme que esta geração (...) gosto de os acompanhar e gosto de estar presente e sinto-me, (...) por vezes, até me sinto emocionado (...)então, quando vi aquela evolução do trabalho, eu lembro-me no primeiro e segundo ensaio na escola que aquilo era um alvoroço, era uma confusão, a maestrina entrou em pânico (...) agora assistir à preparação dos concertos deles, assistir àquele momento preparatório dos concertos, que eles fazem um silêncio absoluto, são eles próprios aqui em relação aos colegas que pedem esse silêncio e os colegas aqui na escola, também, apoiam muito a orquestra geração e conseguem manter."</i></p> <p><i>"Quando nós tivemos a oportunidade de... foi lá em cima no Centro Cultural de no programa do canal 1, do programa da tarde, tivemos a oportunidade de atuar (...) eu, enquanto diretor, falar desta experiência foi um</i></p>
--	--

	<p><i>momento marcante e para nós, enquanto diretores, nos realizam e muito e nos incentivam a continuar a apostar neste tipo de projetos.”</i></p> <p><i>“Balanço positivíssimo (...)”</i></p> <p><i>“ (...) deve, espero bem, o projeto foi avaliado há coisa de três, quatro meses por avaliadores externos e, na altura, foi logo isso referenciado, que é um projeto que eu, nós em contatos com o Centro Cultural já estamos a estudar na hipótese de não termos, neste caso, a continuidade do parceiro da Fundação EDP, que temos de estar preparados para tudo... já estamos a pensar nos possíveis patrocinadores desta iniciativa.”</i></p>
--	--

Anexo xxviii- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº11

Sexo: Masculino
Idade: 60 anos
Grau de escolaridade: Licenciatura
Formação: Direito
Profissão principal: Advogado
Local de residência: Amarante

Implementação Orquestra Geração de Amarante	<p><i>“A câmara não teve muito a ver com isso (...)”</i></p> <p><i>“ (...) Fundação EDP apoia a política da empresa mãe que é a EDP e a EDP, como sabe, ganhou o concurso para a construção de barragens em alguns locais do país, nomeadamente, em Fridão que é em Amarante e, portanto, a Fundação perguntou-nos se podíamos apoiar (...) e foi desta conversa que surgiu a ideia de constituição da Orquestra Geração aqui, em Amarante. Nós tínhamos acabado de construir o edifício e reconverter o edifício para a Escola de Música, que é na antiga cadeia Comarca (...) e achou-se que era razoável haver aqui uma Orquestra Geração, aqui. Até porque há famílias, por todo o lado, há famílias pobres, desestruturadas, que é preciso ter projetos de integração dessas crianças mais pobres, enfim, oriundos de famílias mais desestruturadas e, portanto, assim foi, nasceu a ideia. A Fundação EDP apoiou logo imediatamente esta ideia e há que criar um ambiente nos locais onde a EDP quer investir. De resto, também, está um bocado ligada pela processo de compensar os Municípios pelos alguns impactos negativos que as próprias barragens possam provocar (...)”</i></p>
Papel da Câmara Municipal de Amarante	<p><i>“ (...) o nosso papel é de aplaudir a ideia, dá-mos, também, o nosso contributo para que a ideia se concretizasse e tentar que este projeto tenha o máximo</i></p>

	<i>de duração possível (...) E, indiretamente falámos com as direções, com os agrupamentos escolares para apoiarem essa ideia, para eles próprios, também, fazerem a escolha (...)”</i>
Comunicação e divulgação das atividades	<i>“ (...) Portanto, privilegiamos, portanto, em termos de público, a oferta de projeto já consolidados e projetos profissionais, agora em termos de integração é mais no silêncio que fazemos isso, não expomos, também, as pessoas (...) a exposição pública não temos promovido, claro que eu sei que a Fundação EDP tem promovido as orquestra regionais, tem mostrado o seu trabalho (...)”</i>
Recetividade	<i>“ (...) interessa-me mais a integração dos miúdos e nesse aspeto tem sido ótima (...) A comunidade está sempre aberta a receber com aplauso estas iniciativas, mas nós não podemos esquecer o objetivo fundamental (...) é formar pessoas, é integrar miúdos, crianças já com uma certa idade, evidentemente... fazer essa integração social para que se sintam parte de um projeto social na respetiva autarquia, na respetiva zona da sua residência, isso é o que me interessa. Interessa-me é que depois os pais, também, vejam as crianças e que eles próprios, também, se sintam envolvidos no processo e isso é que é o fundamental e depois a partir daqui, evidentemente, há alguns que vão gostar tanto da música que vão tentar seguir uma via profissionalizante nesta área, é ótimo (...)”</i>
Relação do entrevistado com o projeto	<i>“Eu acho que é ótimo (...) a música em conjunto é harmonia, é paz, enfim, essa unidade, é ordem, não imposta (...) E, sobretudo, dá-nos (...) a noção de que nós devemos estar todo sintonizados todos uns com os outros... numa orquestra, para além do concertino, quem quiser evidenciar-se, evidencia-se pela negativa, não pela positiva (...) têm que trabalhar tudo pela causa</i>

	<p><i>comum e quando não há uma grande sintonia entre eles quem se destaca, destaca-se pela negativa, desafina (...) portanto, acho que é um veículo muito interessante para a integração.”</i></p> <p><i>“O balanço é altamente positivo (...). Há mais pessoas, tanto quanto julgo saber, mais crianças, mais miúdos a quererem entrar, sei que houve algum esforço do Centro Cultural, quer da Fundação EDP, de abrir o leque de instrumentos para permitir que o grupo alargue (...) Para que o projeto continue (...) claro que, evidentemente, se a Fundação deixar de financiar, evidentemente, depois temos que ver a possibilidade de se fazer com outros apoios, nomeadamente, com apoios da Câmara Municipal.”</i></p>
--	---

Anexo xxix- Análise de conteúdo vertical da entrevista nº12

<p>Sexo: Feminino</p> <p>Idade: 35 anos</p> <p>Grau de escolaridade: Mestrado</p> <p>Formação: Psicologia</p> <p>Profissão principal: Psicóloga</p> <p>Local de residência: Amarante</p>
--

Alunos	<p><i>“Eu já estou nesta escola há 6 anos e, por isso, conheço bem o ambiente da realidade escolar. Por isso, na altura sinalizei os alunos com mais dificuldades, com ambiente desestruturado, com mais dificuldades (...) a nível de aprendizagem, com nível socioeconómico baixo (...) Também, tem a ver com os critérios do projeto.”</i></p> <p><i>“ (...) mais motivados, com uma maior autoestima (...) também a nível comportamental na sala de aulas, são mais responsáveis. (...) No geral, uma melhoria positiva.”</i></p>
Recetividade	<p><i>“Ficam todos orgulhosos (...) todos gostam e ainda por cima na fase da adolescência a música é muito importante para eles e eles identificam-se muito com a música. (...) Ficam todos motivados e contentes e é, também, uma oportunidade que eles têm de estender vários horizontes.”</i></p>
Relação do entrevistado com o projeto	<p><i>“A música é um refúgio para todos nós, quer nos dias em que estamos assim mais tristonhos, quer em dias de festa (...)”</i></p> <p><i>“ (...) a música (...) permite-lhes desenvolver outro tipo de competências.”</i></p> <p><i>“Ficamos todos orgulhosos e quando eles vêm tocar no meio do recreio.”</i></p> <p><i>“ (...) todos têm uma particularidade (...) e ver que alguns querem seguir esta área, porque têm maior</i></p>

	<p><i>aptidão na área da música.”</i></p> <p><i>“ (...) entrarem mais alunos e (...) porque não abrir para os alunos do 1º Ciclo?!”</i></p>
--	---

Análise xxx- Análise de conteúdo horizontal das entrevistas dos professores

Características da Orquestra Geração de Amarante
<p>O trabalho desenvolvido pela Orquestra Geração de Amarante, apesar de se centrar na educação musical e na constituição de uma orquestra, pretende, primeiramente, conseguir a inclusão social dos alunos que a constituem e que estes não abandonem a escola, revelando, assim, uma componente educacional e uma componente social.</p>
<p>Sexo feminino, 30 anos, professora: “ (...) inclusão social, pelo menos tentamos que isso seja...”</p>
<p>Sexo feminino, 27 anos, professora: “ (...) Os objetivos da orquestra geração é (...) além da música, não é a parte primordial (...) o primeiro objetivo é que eles não abandonem a escola e depois junta-se o útil ao agradável, que é eles desenvolverem através da música (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 26 anos, professor: “Tecnicamente em relação ao instrumento estou contente e mesmo socialmente que acho que é a base do projeto, não é? A integração social e por aí fora, também, acho que, acho que consegui, porque, também, era o meu objetivo, moldar a maneira de eles pensarem (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 34 anos, professor: “Pra já, no meu caso e no meu naipe, é que eles toquem bem e as estratégias é que eles estudem de acordo com o que eu lhes ensino nas aulas (...) para depois em concerto suar bem (...)”</p>
<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “Tenho que antes da flauta, tenho que para as criança, coisa mais importante ensinar, de modo que elas podem começar a trabalhar na orquestra, porque no ensino normal nós começamos a trabalhar, muitos anos depois começamos a trabalhar na orquestra (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 30 anos, professor: “Integrar os alunos, mas nunca tendo aquele peso de um aluno regular que tem de fazer tudo direito. É o prazer de tocar que está presente e não a obrigação.”</p>

Sexo masculino, 34 anos, músico: *“Nesta altura, nós começamos as aulas, os sopros começaram há cerca de um mês ou mês e meio, o primeiro objetivo é que eles tenham o primeiro contacto com o instrumento e comecem a evoluir, gradualmente, até que seja possível inseri-los na orquestra de cordas (...)”*

Ao nível da pedagogia adotada ela revela-se diferente da utilizada em contextos do ensino musical, desta forma, os alunos começam logo a tocar, partem do geral para o particular. Destacando-se o reforço positivo do trabalho desenvolvido pelos alunos.

Sexo feminino, 30 anos, professora: *“ (...) eu às vezes, com estes alunos tento funcionar um bocadinho diferente, eu não sei até que ponto isso é bom... porque depois o grau de exigência, também, não é tão grande, não é? Mas, isto sempre nos foi incutido no projeto, que o objetivo não é tanto o musical (...)”*

Sexo feminino, 27 anos, professora: *“ (...) um sistema completamente diferente do que era o articulado, porque o articulado é as regras todas, o dito oficial, no articulado não, tens muita técnica, aquilo tudo direitinho, os metodozinhos todos e a geração é um bocado a pirâmide ao contrário, eles primeiro vão fazer e depois vão perceber o porquê (...) eles começam logo no primeiro ano, logo com os instrumentos, logo em orquestra (...)”*

Sexo masculino, 26 anos, professor: *“A pedagogia é ouvir bastante, tentar falar com eles (...) E não discutir, porque se fosse a discutir era mais um, porque no intervalo berram com eles, na sala de aula berram com eles, se calhar em casa berram com eles, se calhar se eu fosse mais um a discutir com eles não queria, então tentei contornar isso (...) quanto mais alto eles falarem, mais baixo eu falo.”*

Sexo masculino, 30 anos, professor: *“...incentivar a começar logo a tocar, sem o peso igual a uma disciplina... Dar ênfase ao lado positivo em vez do lado negativo...”*

Sexo masculino, 34 anos, músico: *“Neste momento, nós trabalhamos de uma forma diferente do que trabalhamos no ensino oficial (...) recebemos as normas de Lisboa e é um trabalho em que, sensivelmente, o objetivo é que ele comecem logo a tocar, nem que seja só duas notas (...)”*

A organização das aulas é feita da seguinte forma: aulas individuais (30 minutos), aulas de naipe (2 horas) e aulas de orquestra (3 horas).

Sexo feminino, 30 anos, professora: “ (...) têm aulas de instrumento, têm aulas de naipe e aulas de orquestra (...)”; “ (...) Eles têm meia hora de instrumento, têm (...) duas horas de naipe (...) e três horas de orquestra (...) as atividades vamos fazendo consoante o que nos pedem (...)”

Sexo masculino, 26 anos, professor: “As aulas são uma vez por semana, aulas individuais (...) Depois têm o naipe e depois têm a orquestra. As aulas individuais é uma vez por semana, naipe uma vez por semana e a orquestra também uma vez por semana.”

Sexo masculino, 34 anos, músico: “ (...) eles têm aulas individuais, meia hora de aula individual cada miúdo e depois têm uma aula de naipe que depois tem que juntar os dois e trabalhámos os dois juntos, trabalhámos outros aspetos para depois juntar com os colegas (...)”

Alunos

Os alunos que estão inseridos no Projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração são alunos com problemas económicos, sociais e em risco de abandono escolar.

Sexo feminino, 30 anos, professora: “ (...) alguns miúdos têm dificuldades pelo facto de saberem estar (...)”

Sexo feminino, 27 anos, professora: “ (...) são miúdos com problemas quer económicos, quer sociais, que estão em risco de abandono escolar e, por exemplo, no nosso caso aqui em cima, eles são quase todos sinalizados, já têm acompanhamento e essas coisas todas (...)”

A estratégia de motivação utilizada passa pela proximidade e por perceber que os alunos têm cateterísticas específicas e, por isso, têm de ser respeitados. Desta forma, o modelo que tem sido colocado em prática tem motivado os alunos e tem revelado resultados positivos nos alunos, não só a nível musical como, igualmente, social e

educacional. É de destacar o discurso de um professor que chama a atenção para as mãos do aluno que revelavam vestígios de já estar a trabalhar.

Sexo feminino, 30 anos, professora: “ (...) *eles gostam muito (...) mais das aulas de grupo, mas há de tudo, por acaso tenho duas miúdas super empenhadas e noto que querem fazer disto a vida delas (...)*”

Sexo feminino, 27 anos, professora: “*Não tem nada a ver com os miúdos que começaram há um ano e tal atrás, não tem nada a ver, quer a nível de comportamento, quer a nível de responsabilidade, quer a nível de atitude, temos o feedback lá em cima da escola que se não forem todos, mas a maior parte deles mudou completamente os comportamentos (...) a nível de notas melhoraram imenso.*”

Sexo masculino, 26 anos, professor: “*Eu acho que tento sempre motivar (...) Como é que eu tento motivar? Ora bem, eles já são bloqueados, não é? Porque eles pensam que têm todas dificuldades e mais algumas (...) E eu tento desbloquear isso através do demonstrar pela prática, eles automaticamente, ao eu mostrar que eles são capazes e ao eles conseguirem atingir aquele objetivo numa determinada peça, eles desbloqueiam automaticamente (...)*”; “*Atitudes principalmente, atitudes (...) antigamente havia outro professor e então vim pra cá eu, é sempre um bocado difícil eles aceitarem (...) Eu tou assim, eu toco assim, por isso não mudo, mas eu tento mostrar que mudar é bom (...)*”

Sexo masculino, 34 anos, professor: “*Acho que é sentir os alunos, respeitar e saber quais são os gostos deles conhecendo aprofundadamente cada ser humano que a gente consegue cativar (...)*”; “*Num deles noto que está bastante certinho, já o era, mas ficou mais calmo o outro era muito, era muito agressivo, está muito mais concentrado e mais enquadrado, porque são primos os dois e é engraçado, é coincidência (...) estão mais unidos, eles não se davam muito bem (...)*”

Sexo feminino, 31 anos, professora: “ (...) *sim, eles são muito motivados , por exemplo, até agora não podem, não poder levar as flautas para casa, mas todos os sábados eles vêm ao centro cultural para ensaiar, são muito motivados.*”

Sexo masculino, 30 anos, professor: “*Ao início foi estranho, porque o aluno já tem*

alguma idade, apesar de já ter reprovado... Tive de o habituar a algumas coisas. Parecia um miúdo que trabalhava, sempre com as mãos frias, isto são fatores que dificultam tocar o instrumento.”; “Tenho tido muita recetividade, o aluno que tenho quer trabalhar, mesmo em comparação com os outros do ensino regular, ele quer trabalhar mais.”; “...é um aluno que está sempre sossegado, como está sozinho é calado, faz perguntas, pede muitas vezes desculpa e quer fazer logo bem.”; “A relação que é mantida com o aluno é de proximidade, não existe a distância normal professor-aluno, por exemplo, existe sempre um aperto de mão.”

Sexo masculino, 34 anos, músico: *““Não, é de proximidade, claro é que com o tempo, não é? Começamos há bem pouco tempo (...); “Há uma evolução, claro, de qualidade, há uma evolução, ainda começaram há pouco tempo, penso que eles têm interesse em evoluir e fazer mais, claro que estão sempre a perguntar quando é que se juntam com a orquestra de cordas e querem levar os instrumentos para casa que ainda não levam (...)”*

Encarregados de Educação

No que diz respeito à relação dos professores com os encarregados de educação/pais ela é, na maioria das vezes, inexistente, ficando a cargo da coordenadora pedagógica e da psicóloga da escola essa função de comunicação. No entanto, alguns professores chamam a atenção para a presença dos pais nas apresentações públicas e para o interesse que têm vindo a demonstrar.

Sexo feminino, 30 anos, professora: *“Eu não tenho nenhuma relação com os pais, não tenho nenhum contacto (...) quer dizer, eu vou lá, dou as minhas aulas, conhecem-me dizem olá, boa tarde, mas não passa daí.”; “Eu acho que eles sentem mesmo orgulho, eu acho que sim (...); “Eu acho que os pais, também, fazem a pressão para eles aqui estarem.”*

Sexo feminino, 27 anos, professora: *“ (...) mas já aconteceu vir um pai ou outro dizer ó professora ele está completamente diferente, já estuda, está motivado e as notas, isso já acontece alguns (...); “ (...) Eles quando fazem concertos (...) fica tudo cheio, vêm os pais todos atrás dos miúdos e amigos e vizinhos como se fosse quase aquele gosto, o meu filho está ali e que, se calhar, até na altura não acompanhavam muito a nível de escola e essas coisas e começam a ter interessados (...)”*

Sexo masculino, 26 anos, professor: “ (...) não conheço pais de ninguém.”

Sexo masculino, 34 anos, professor: “Os pais, no início como estavam ainda a inteirar-se, não é? Um deles foi um bocado complicado mas com a ajuda da coordenadora resolvemos o problema rápido.”

Sexo feminino, 31 anos, professora: “ (...) sei quando fizemos concertos os pais apareceram (...)”

Sexo masculino, 30 anos, professor: “Não sei muito bem... Mas no outro dia a coordenadora disse que a mãe vê melhorias no filho.”

Sexo masculino, 34 anos, músico: “Se calhar, quem pode responder a isso é a coordenadora, porque lida, diretamente, com os pais (...)”

Relação do entrevistado com o projeto

Os professores destacam momentos mais marcantes da sua experiência na Orquestra Geração, os que estão desde o início no projeto mencionam as primeiras apresentações públicas dos alunos, que tiveram bastante sucesso. No entanto, para outros os momentos mais marcantes são aqueles que envolveram maior proximidade com os alunos.

Sexo feminino, 30 anos, professora: “ (...) Lembro-me quando fui a Lisboa... foi por acaso a vista do Cavaco e uma miúda estava constantemente a chorar e, de certa forma, ajudei-a e não tinha nada a ver com aquilo, ajudei-a e ela chorava, porque achava que tinha um problema grave de saúde (...) não teve a ver propriamente com o projeto, mas nós, no fundo, somos psicólogos dos miúdos e falamos com eles e brincamos muito.”

Sexo feminino, 27 anos, professora: “O concerto lá em baixo em Lisboa (...) o ano passado, nós não tínhamos começado assim há tanto tempo e fizemos a junção das orquestras todas (...) aquilo estava imenso, estava cheio, a Aula Magna estava completamente cheia e estavam montes de miúdos e foi gratificante (...) a nossa era das mais novas, a nossa daqui e a Mirandela, nós fizemos um programa separado cada um e depois juntámos numa música todas, o que é certo é que aquilo estava imenso, estava

cheio, a Aula Magna estava completamente cheia com montes de miúdos e correu tudo muito bem e foi gratificante, foi uma das primeiras vezes que fomos completamente a outra zona, ter com as outras pessoas, as outras Orquestras Geração, convidados e foi gratificante, porque a nossa era uma das mais novas e tivemos excelentes resultados, eles acabaram de tocar e toda a gente se levantou a aplaudir (...) nessa e na do Presidente (...)"

Sexo masculino, 26 anos, professor: *"Houve uma vez em que, tenho um aluno bastante problemático, bastante mesmo, qualquer coisa e ele faz asneiras, ele não tá bem quieto e houve uma vez que pronto, armou confusão na orquestra, na aula de orquestra e na aula seguinte eu falei com ele, com ele não, falei com eles, tive naípe e falei com os três, conversei com eles muito seriamente e expliquei que tudo na vida tem o seu retorno, falei da teoria do caos (...) Que tudo aquilo que nós fazemos é-nos devolvido, falei em vários tipos de coisas, falei em várias tipos de exemplos, que violência só traz violência, que se eles responderem aos berros, só vão ter alguém que só lhes responda aos berros, se eles derem uma bofetada, a única coisa que vão ter de volta é uma bofetada e tive assim uma grande conversa com eles e eu fiquei muito contente que na aula seguinte esse aluno virou-se para mim e professor esta semana (...) não bati em nenhum colega meu (...) mas sabes porque é que não bati? Porque me lembrei das suas palavras (...)"*

Sexo masculino, 30 anos, professor: *"A situação mais marcante foi quando o aluno agradeceu no fim de uma aula, quando começou a tocar as primeiras músicas. Senti uma enorme satisfação! Porque não tinha sido uma aula nada de especial. Fiquei sem reação... É que nos que nos pagam não agradecem."*

No que respeita a possíveis dificuldades os professores apontam a necessidade de se adaptarem ao novo modo de ensino, que, num primeiro momento, pode-se revelar um obstáculo. Para além disto, referem a necessidade de terem o acompanhamento de um profissional, como um psicólogo, que os possa conduzir melhor na relação com os alunos.

Sexo feminino, 30 anos, professora: *" (...) Para mim tudo bem que a base não é a música, mas no fundo estamos a ilustrar um trabalho e as pessoas querem ouvir sons*

bonitos, querem ouvir alguma qualidade e nós estamos a saltar etapas técnicas, eles nunca terão bases para fazer as coisas de forma correta (...);“ (...) Não sei muito bem... a questão é essa, a questão é que se calhar os professores... eu fui a Lisboa algumas vezes e até tive algumas sessões com psicólogos, mas não me disseram nada, por exemplo, eles podiam-nos ter ajudado, por exemplo, se houver este tipo de situações os professores devem reagir desta forma e neste projeto, se calhar, fazia sentido um psicólogo ajudar-nos mais (...);“ (...) se bem que aqui há psicólogo, mas nunca senti que houvesse grande apoio e mesmo em relação a nós o que fazer... porque os professores também não sabem (...)”

Sexo masculino, 34 anos, músico: *“Não, dificuldades é a única coisa e como a abordagem ao ensino é bastante diferente daquilo que nós fazemos tradicionalmente no ensino oficial, ainda andamos um bocadinho a apalpar, a apalpar terreno (...)”*

Por fim, os professores falam de um balanço positivo, pois os objetivos a que o projeto se propõe têm vindo a ser cumpridos e, por isso, devido ao seu carácter social deve continuar ao longo do tempo.

Sexo feminino, 27 anos, professora: *“Acho que sim, acho que está a resultar bastante bem (...) pelo menos com este grupo que eu acompanhei desde o início até aqui, só houve alguns meses que eu não acompanhei por entretanto fui mãe (...) mas mesmo assim tenho acompanhado, mesmo não estando com eles aqueles meses, nota-se completamente a diferença, os miúdos que tínhamos nas primeiras semanas e os miúdos que temos agora.”; “ (...) Acho que sim acho que sim pois gasta-se dinheiro em tanta coisa... faz-se estádios de futebol, faz-se isso, faz-se aquilo, porque não investir numa coisa que tá a dar resultados? Por uma futura sociedade melhor, não é? (...)”*

Sexo masculino, 26 anos, professor: *“Sim, acho que sim, porque não? Porque é a orquestra geração, eles podiam estar inseridos noutra orquestra qualquer, não é? Aqui no conservatório não sei se existe outra orquestra, se existisse orquestra, mas pronto se existisse orquestra o projeto facilita, facilita os instrumentos, facilita os transportes e isso enquanto o conservatório não facilita tanto, a questão é mesmo só as ajudas, porque de resto acaba por ser tudo igual ou melhor dos apoios.”*

Sexo masculino, 34 anos, professor: *“Sim, sim não tenho dúvidas (...) Porque isso une-os mesmo, até eu tenho notado, eu tou a dar as aulas, quando saiu ou quando chego os outros alunos, dos outros instrumentos, pedem para assistir às aulas, mas uma média de 10 a 12 alunos, não estou a mentir, batem à porta, posso a assistir? (...) gostam, gostam mais e tão entrosados entre eles.”; “Eu estou sempre aberto a novos projetos, a novas ideias, gosto da ideia, acho diferente, é muito bom (...) é diferente porque olhe as aulas são num ciclo, é um ambiente diferente, é bom, é bom, é bom, gosto (...) ”*

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“Gosto muito, até agora gosto muito, gosto da ideia, não é como o ensino normal que queremos fazer músicos (...) a coisa mais importante é ajudar as pessoas que têm dificuldades (...)”;*“Sim, sim porque acho que funciona, eu tenho, também, medo das coisas, temos crianças com muitas dificuldades, não sei, eu penso que era bom arranjar um psicólogo, alguma coisa para preparar melhor os professores (...) mas é uma boa experiência para nós e para as crianças, é uma coisa para manter.”

Sexo masculino, 30 anos, professor: *“...os objetivos estão mais do que postos em prática.”; “É uma boa estratégia, os alunos não estão a fazer outras coisas... Acaba por ser uma solução para outro caminho e vê-se o entusiasmo.”*

Sexo masculino, 34 anos, músico: *“ (...) para nós ainda não temos os resultados óbvios, é tudo muito fresco, mas acho que tem tudo e vendo a orquestra de cordas, que já tem muito mais tempo, penso que vai ser muito importante para eles (...)”;*“ (...) eu acho que tem tudo para dar certo, porque ocupa os miúdos de alguma forma, segundo motiva-os para alguma coisa diferente e depois a música é uma coisa que trabalha várias capacidades do nosso organismo, trabalha a concentração, trabalha a responsabilidade e são coisas que se nota, pelo menos há um feedback por parte das escolas, dos professores, lá notam que os miúdos que andam na orquestra geração mudaram a nível de comportamento, a nível de concentração (...)”;“É positivo (...) eu acho que sim, temos muito bons exemplos, portanto, é um projeto que começou na Venezuela e tem orquestras sinfónicas com muito bom nível (...)”

Anexo xxxi – Análise de conteúdo horizontal das entrevistas

Implementação Orquestra Geração de Amarante
<p>O projeto Centro Cultural de Amarante: Orquestra Geração surgiu em 2010, através de um protocolo entre a Fundação EDP, o Conservatório Nacional de Música e o Centro Cultural. A entidade que tomou a iniciativa foi a Fundação EDP, devido ao apoio dado à empresa mãe EDP, que construiu uma barragem em Fridão, Amarante, por isso, o projeto surge como uma forma de compensar a população.</p>
<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: “ (...) o tipo de trabalho é estipulado pela orquestra, pelas orquestras geração a nível nacional, há um programa que é estipulado por Lisboa, pelo Conservatório Nacional de Música que eles têm que cumprir, há metas (...) E há objetivos por período, num primeiro período (...) depois há uma semana de estágio que, também, está noutro programa estipulado, é intensiva a semana de estágio com várias horas que eles fazem durante a semana, também, outro tipo de programa estipulado e eles têm que chegar ao final e apresentar (...)”</p>
<p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “O projeto iniciou-se em Amarante em 2010, por convite da Fundação EDP”; “ (...) foi feito o convite, foi-me explicado qual era o objetivo (...) eu fiquei logo entusiasmado com o projeto (...) indicamos que estávamos interessados.”</p>
<p>Sexo masculino, 60 anos, advogado: “ (...) Fundação EDP apoia a política da empresa mãe que é a EDP e a EDP, como sabe, ganhou o concurso para a construção de barragens em alguns locais do país, nomeadamente, em Fridão que é em Amarante e, portanto, a Fundação perguntou-nos se podíamos apoiar (...) e foi desta conversa que surgiu a ideia de constituição da Orquestra Geração aqui, em Amarante. Nós tínhamos acabado de construir o edifício e reconverter o edifício para a Escola de Música, que é na antiga cadeia Comarca (...) e achou-se que era razoável haver aqui uma Orquestra Geração, aqui. Até porque há famílias, por todo o lado, há famílias pobres, desestruturadas, que é preciso ter projetos de integração dessas crianças mais pobres, enfim, oriundos de famílias mais desestruturadas e, portanto, assim foi, nasceu a ideia. A Fundação EDP apoiou logo imediatamente esta ideia e há que criar um ambiente nos locais onde a EDP quer investir. De resto, também, está um bocado ligada pela processo</p>

de compensar os Municípios pelos alguns impactos negativos que as próprias barragens possam provocar (...)”

Características da Orquestra Geração de Amarante

O primeiro grande objetivo da Orquestra é a inclusão social, mas não deixa de ser dada atenção à educação musical, também, é importante que os alunos tenham sucesso nesta área. A prioridade é representada pelo lado social, embora o musical não seja descuidado, mas o objetivo não é formar músicos profissionais, se eles seguirem esse caminho é uma mais-valia, no entanto, não é uma exigência.

Sexo feminino, 30 anos, professora: “ (...) inclusão social, pelo menos tentamos que isso seja...”

Sexo feminino, 27 anos, professora: “ (...) Os objetivos da orquestra geração é (...) além da música, não é a parte primordial (...) o primeiro objetivo é que eles não abandonem a escola e depois junta-se o útil ao agradável, que é eles desenvolverem através da música (...)”

Sexo masculino, 26 anos, professor: “Tecnicamente em relação ao instrumento estou contente e mesmo socialmente que acho que é a base do projeto, não é? A integração social e por aí fora, também, acho que, acho que consegui, porque, também, era o meu objetivo, moldar a maneira de eles pensarem (...)”

Sexo masculino, 34 anos, professor: “Pra já, no meu caso e no meu naipe, é que eles toquem bem e as estratégias é que eles estudem de acordo com o que eu lhes ensino nas aulas (...) para depois em concerto suonar bem (...)”

Sexo feminino, 31 anos, professora: “Tenho que antes da flauta, tenho que para as criança, coisa mais importante ensinar, de modo que elas podem começar a trabalhar na orquestra, porque no ensino normal nós começamos a trabalhar, muitos anos depois começamos a trabalhar na orquestra (...)”

Sexo masculino, 30 anos, professor: “Integrar os alunos, mas nunca tendo aquele peso de um aluno regular que tem de fazer tudo direito. É o prazer de tocar que está presente

e não a obrigação.”

Sexo masculino, 34 anos, músico: *“Nesta altura nós começamos as aulas, os sopros começaram há cerca de um mês ou mês e meio, o primeiro objetivo é que eles tenham o primeiro contacto com o instrumento e comecem a evoluir, gradualmente, até que seja possível inseri-los na orquestra de cordas (...)”*

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“A nível de prioridades o projeto da orquestra geração, embora seja um projeto de inserção social virado para a parte musical, a prioridade é a parte social e não a parte musical (...) É obvio que colmatamos as coisas de uma cajadada só... nós temos alunos que estão no projeto que estão a ser excelentes alunos, quer a nível musical e quer a nível de componente social, estão a ficar fantásticos (...)e com esses alunos (...) já se trabalha mais a parte musical, depois temos alunos do projeto que não conseguem sair da componente social tão favorecida. O que é que acontece? (...) tentamos que acompanhem a orquestra, mas (...) acabam por não ter a nível musical resultados tão bons (...) para nós tanto faz, o importante é que eles estejam cá todos, é lógico que a nível musical é bom ter uma boa orquestra, mas sabemos como o objetivo como é social complementamos com outros objetivos que tem o projeto (...) o projeto não é virado para o sucesso musical, mas sim para o sucesso social (...)”*

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: *“ (...) é um projeto que visa um problema de âmbito nacional, que é o risco de abandono escolar, que é a exclusão social. (...) este projeto está vocacionado para estas duas vertentes social e a educacional (...) A aprendizagem da música não é o principal (...)”; “ (...) não é esse o objetivo fazer músicos, há a componente social.”*

No que diz respeito à pedagogia ela difere daquela que é utilizada no ensino musical corrente. Na Orquestra Geração o ensino é do geral para o particular, os alunos começam logo a tocar e só depois é que começam a ter contacto com a parte teórica. Esta estratégia é utilizada para motivar os alunos.

Sexo feminino, 30 anos, professora: *“ (...) eu às vezes, com estes alunos, tento*

funcionar um bocadinho diferente, eu não sei até que ponto isso é bom... porque depois o grau de exigência também não é tão grande, não é? Mas isto sempre nos foi inculcado no projeto que o objetivo não é tanto o musical (...)”

Sexo feminino, 27 anos, professora: “ (...) um sistema completamente diferente do que era o articulado, porque o articulado é as regras todas, o dito oficial, no articulado não, tens muita técnica, aquilo tudo direitinho, os metodelinhos todos e a geração é um bocadinho ao contrário, eles primeiro vão fazer e depois vão perceber o porquê (...) eles começam logo no primeiro ano, logo com os instrumentos, logo em orquestra (...)”

Sexo masculino, 26 anos, professor: “A pedagogia é ouvir bastante, tentar falar com eles (...) E não discutir, porque se fosse a discutir era mais um, porque no intervalo berram com eles, na sala de aula berram com eles, se calhar em casa berram com eles, se calhar se eu fosse mais um a discutir com eles não queria, então tentei contornar isso (...) quanto mais alto eles falarem, mais baixo eu falo.”

Sexo masculino, 30 anos, professor: “...incentivar a começar logo a tocar, sem o peso igual a uma disciplina... Dar ênfase ao lado positivo em vez do lado negativo...”

Sexo masculino, 34 anos, músico: “Neste momento nos trabalhos de uma forma diferente do que trabalhamos no ensino oficial (...) recebemos as normas de Lisboa e é um trabalho em que sensivelmente o objetivo é que ele comecem logo a tocar nem que seja só duas notas (...)”

Sexo feminino, 31 anos, professora: “Inicialmente, quando nós fizemos as formações e começamos a ver como é que nós tínhamos que trabalhar com os miúdos, assustou-me (...) Vamos imaginar em português (...) eles tinham de começar primeiro a escrever palavras, só depois aprender a fazer letrinhas, as vogais e as consoantes (...) para nós que aprendemos música de outra forma diferente duvidámos, agora não.”

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “Neste projeto os alunos começam logo a tocar, portanto, partem do geral e depois vão tendo

(...) formação teórica.”; “Começam pela imitação (...)”

As aulas são organizadas em aulas de instrumento individuais, naipes e orquestra, com uma carga horária de 6 a 7 horas. A organização do ano é feita de acordo com o ano letivo do ensino formal.

Sexo feminino, 30 anos, professora: “ (...) têm aulas de instrumento, têm aulas de naipe e aulas de orquestra (...)”; “ (...) Eles têm meia hora de instrumento, têm (...) duas horas de naipe (...) e três horas de orquestra (...) as atividades vamos fazendo consoante o que nos pedem (...)”

Sexo masculino, 26 anos, professor: “As aulas são uma vez por semana, aulas individuais (...) Depois têm o naipe e depois têm a orquestra. As aulas individuais é uma vez por semana, naipe uma vez por semana e a orquestra também uma vez por semana.”

Sexo masculino, 34 anos, músico: “ (...) eles têm aulas individuais, meia hora de aula individual cada miúdo e depois têm uma aula de naipe que depois tem que juntar os dois e trabalhámos os dois juntos, trabalhámos outros aspetos para depois juntar com os colegas (...)”

Sexo feminino, 31 anos, professora: “ (...) eles têm uma carga horária muito intensiva, são 6 a 7 horas semanais, na aula de instrumento eles trabalham a peça, na aula de naipe juntam com outro colega e estão a trabalhar a peça, na aula de orquestra juntam a peça com toda a gente e acaba por dar algum sucesso.”; “A nível de atividades isto funciona como se fosse, é inserido no plano de escola (...)”

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “São 7 horas por semana, estão divididas em naipes (...) e, depois, há as aulas em comum de formação musical, que é a parte teórica e, depois, tem a orquestra.”

Complementarmente às aulas os alunos têm estágios no final de cada período, nos quais estão uma semana, diariamente, a ensaiar, para no final fazerem uma apresentação pública. No final de cada ano letivo têm um estágio em Lisboa, onde

são reunidas todas as orquestras do país. Para além, destas atividades são realizados intercâmbios com as orquestras de Mirandela e Murça e vão sendo feitos vários convites, por diversas entidades, para a Orquestra realizar concertos.

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“A nível de atividades isto funciona como se fosse, é inserido no plano de escola (...) Como disse, todos os finais do período eles têm metas, eles fazem todo o tipo de trabalho que tem de ser apresentado, ou seja, têm de fazer sempre a audição final de cada período, depois têm que fazer sempre estágio, é obrigatório, faz parte do plano, geralmente, é de uma semana, nós temos feito cá em Amarante, no Natal três dias, porque calha sempre a meio da semana é complicado alargarmos mais esse prazo, na Páscoa fazemos sempre uma semana intensiva, no ano anterior, na Páscoa, para ter uma ideia, nós juntamos com a orquestra de Mirandela, este ano isso não foi possível, porque estamos numa fase já mais adiantada, porque fomos a primeira orquestra do Norte a arrancar e fizemos intercâmbio com a orquestra e no final fizemos na mesma intercâmbio com a orquestra de Mirandela e fomos a Lisboa. Este ano temos ficado cá por Amarante, no final do ano teremos que os juntar e, também, vamos participar no concerto em Lisboa, porque são metas, já estão estipuladas com Lisboa (...) fora isso convites, nós já fizemos várias atividades, já tocamos em atividades organizadas por Juntas de Freguesia, por exemplo (...) vamos tendo vários convites e vamos tocando (...) ou seja, fora da audição obrigatória de cada período, no final de cada estágio, também, recebemos convites.”*

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: *“As atividades são organizadas... Normalmente, nós começamos a ser convidados (...) para além das atividades curriculares, isto é, são atividades que já estão previstas no projeto, que são as audições finais de período, que são as audições finais de ano (...)”; “ (...) fazemos intercâmbio (...) nomeadamente, com Mirandela e com Murça, porque é importante, também, o intercâmbio, porque há miúdos que nunca saíram de Amarante.”*

Escolas

A escola convidada a fazer parte do projeto foi a EB Amadeo Souza-Cardoso / Telões – Amarante. Por questões logísticas, neste momento, não é possível inserir mais nenhuma escola na Orquestra Geração de Amarante.

<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: <i>“Neste momento, a única escola que faz parte do projeto são alunos do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso, (...) só os alunos da Souza-Cardoso, do 5º ao 9º ano (...)”</i></p>
<p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: <i>““Nós por uma questão de logística e por uma questão de verbas (...) optámos por uma escola. É muito mais fácil organizar o horário numa escola do que em duas ou três (...)”</i></p>
<p>Papel do Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso</p>
<p>O agrupamento de escolas, numa fase inicial, da implementação da Orquestra Geração, colaborou na seleção dos alunos. Atualmente, dá apoio logístico, nomeadamente, na cedência de instalações, transporte de instrumentos, interligação com outras entidades e transporte de alunos para as atuações.</p> <p>Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: <i>“Em relação ao projeto nós tivemos aquela fase inicial de inventariar os alunos que reuniam condições (...);“(...) com acompanhamento da coordenadora pedagógica e da psicóloga (...);“ (...) dá-mos apoio na parte das aulas, na parte de instrumento, que funciona aqui nestas instalações, também, sou eu (...) que faço a interligação com a autarquia, no que diz respeito a transporte, quer dos alunos, quer de instrumentos, porque é necessário, por exemplo, levar os instrumentos para o Centro Cultural, (...) quando é as atuações sou eu que desencadeio os transportes (...) é o nosso papel e dar todo o apoio logístico aos professores do Centro que vêm aqui dar as aulas de instrumento aos nossos alunos.”</i></p>
<p>Papel da Câmara Municipal de Amarante</p>
<p>A Câmara Municipal de Amarante não tem um papel ativo na Orquestra, apenas contacta, quando necessário, indiretamente, algumas entidades.</p> <p>Sexo masculino, 60 anos, advogado: <i>“ (...) o nosso papel é de aplaudir a ideia, dá-mos, também, o nosso contributo para que a ideia se concretizasse e tentar que este projeto tenha o máximo de duração possível (...) E, indiretamente falámos com as direções, com os agrupamentos escolares para apoiarem essa ideia, para eles próprios, também, fazerem a escolha (...)”</i></p>
<p>Alunos</p>

Neste momento, estão na Orquestra Geração de Amarante 43 alunos, distribuídos por violinos (29 alunos), sopros (10 alunos) e percussão (4 alunos).

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“Neste momento, 43, ou seja, nós temos 29 da área das cordas, temos 10 da área dos sopros e (...), já foram selecionados os 4 alunos que vão ser da percussão e que vão iniciar as aulas no início do terceiro período.”*

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: *“Atualmente, estão no projeto 43 alunos, distribuídos por cordas, por sopros e por percussão (...).”*

Os alunos que integram o projeto são, em primeiro lugar, sinalizados pela psicóloga do agrupamento de escolas. São alunos com dificuldades a nível de aprendizagem, com ambiente desestruturado, com níveis socioeconómicos baixos, e, por isso, estão sinalizados pela escola. Assim, são propostos ao Centro Cultural alguns alunos, após este processo são realizadas provas de aptidão, supervisionadas pelos professores da Orquestra, para perceber quais são os alunos com mais propensão musical.

Sexo feminino, 30 anos, professora: *“ (...) alguns miúdos têm dificuldades pelo facto de saberem estar (...)”*

Sexo feminino, 27 anos, professora: *“ (...) são miúdos com problemas quer económicos, quer sociais, que estão em risco de abandono escolar e, por exemplo, no nosso caso aqui em cima eles são quase todos sinalizados, já têm acompanhamento e essas coisas todas (...)”*

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“ (...) são alunos que estão sinalizados pelos diretores de turma, são referências dadas pela psicóloga que vão ao encontro das metas que estão estipuladas no projeto sempre.”*

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: *“ (...) quem faz a seleção são os professores (...) a escola já tem alunos problemáticos, que estão sinalizados nas escolas, a psicóloga e o diretor de escola dizem (...) os alunos que*

necessitam de apoio, que, se calhar, a música lhes fazia bem, fala-se com eles, vê-se com os pais, vê-se se eles estão interessados ou não, faz-se a inscrição, em função das inscrições é feita uma avaliação de capacidades para a música (...) e, em igualdade de circunstâncias e de, sobretudo, problemas, os professores fazem a apreciação (...)”

Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso:

“ (...) Com base quer no processo do aluno, quer nos antecedentes, quer nos alunos com problemas familiares, que têm processos na Comissão de Proteção de Menores, quer pelos próprios diretores de turma que, por vezes, isso acontece, frequentemente, têm todos conhecimento do projeto e sinalizam esses alunos como constituindo, para eles, uma mais-valia para poderem-se integrar, porque têm problemas de comportamento, muitos deles têm problemas de comportamento (...)”

Sexo feminino, 35 anos, psicóloga: *“Eu já estou nesta escola há 6 anos e, por isso, conheço bem o ambiente da realidade escolar. Por isso, na altura sinalizei os alunos com mais dificuldades, com ambiente desestruturado, com mais dificuldades (...) a nível de aprendizagem, com nível socioeconómico baixo (...) Também, tem a ver com os critérios do projeto.”*

Para além da educação musical clássica, o projeto oferece aos alunos o acompanhamento psicológico, transporte para as aulas no Centro Cultural e atividades, um lanche, uma vez por semana, ao sábado e, quando necessário, almoço.

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“Além do ensino da música gratuito, nós fazemos um trabalho, aliás, nós temos uma psicóloga que faz um trabalho fantástico com eles, todas as vezes que há qualquer tipo de problema ela tenta resolver, a nível de famílias também, quando há um miúdo que se queixa ou acontece alguma situação em casa, nós temos situações um bocadinho graves na orquestra, miúdos que têm um contexto familiar muito grave e estão numa posição social não muito boa, não muito favorecida os próprios pais vêm falar com a psicóloga, vêm falar comigo, muitas vezes, pronto, nós tentamos ajudar da melhor maneira.”*

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “ (...) psicológico e, também, o aluno não se limita a vir cá, nós vamos buscá-los a casa, levamo-los a casa, damos um suplemento alimentar (...) o almoço sempre que necessário (...)”

As mudanças que mais se destacam são as mudanças comportamentais, de relacionamento com os outros e com a escola, conseqüentemente observa-se uma melhoria das notas, da responsabilidade, de atitude, melhoria da autoestima e uma evolução de qualidade a nível musical. Os alunos passam a ser parte da comunidade escolar e integram-se. O modo para atingirem estes resultados é tentarem motivar os alunos utilizando um reforço positivo e mostrando aos alunos que eles são capazes.

Sexo feminino, 30 anos, professora: “ (...) eles gostam muito (...) mais das aulas de grupo, mas há de tudo, por acaso tenho duas miúdas super empenhadas e noto que querem fazer disto a vida delas (...)”; “ (...) noto muitas diferenças, noto, de facto, que eles estão mais empenhados, têm evoluído (...)”

Sexo feminino, 27 anos, professora: “Não tem nada a ver com os miúdos que começaram há um ano e tal atrás, não tem nada a ver, quer a nível de comportamento, quer a nível de responsabilidade, quer a nível de atitude, temos o feedback lá em cima da escola que se não forem todos, mas a maior parte deles mudou completamente os comportamentos (...) a nível de notas melhoraram imenso.”

Sexo masculino, 26 anos, professor: “Eu acho que tento sempre motivar (...) Como é que eu tento motivar? Ora bem, eles já são bloqueados, não é? Porque eles pensam que têm todas dificuldades e mais algumas (...) E eu tento desbloquear isso através do demonstrar pela prática, eles automaticamente, ao eu mostrar que eles são capazes e ao eles conseguirem atingir aquele objetivo numa determinada peça, eles desbloqueiam automaticamente (...)”; “Atitudes principalmente, atitudes (...) antigamente havia outro professor e então vim pra cá eu, é sempre um bocado difícil eles aceitarem (...) Eu tou assim, eu toco assim, por isso não mudo, mas eu tento mostrar que mudar é bom (...)”

Sexo masculino, 34 anos, professor: *“Acho que é sentir os alunos, respeitar e saber quais são os gostos deles conhecendo aprofundadamente cada ser humano que a gente consegue cativar (...); “Num deles noto que está bastante certinho, já o era mas ficou mais calmo o outro era muito, era muito agressivo, está muito mais concentrado e mais enquadrado porque são primos os dois e é engraçado, é coincidência (...) estão mais unidos, eles não se davam muito bem (...)”*

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“ (...) sim, eles são muito motivados, por exemplo, até agora não podem, não poder levar as flautas para casa, mas todos os sábados eles vêm ao centro cultural para ensaiar, são muito motivados.”*

Sexo masculino, 30 anos, professor: *“Ao início foi estranho, porque o aluno já tem alguma idade, apesar de já ter reprovado... Tive de o habituar a algumas coisas. Parecia um miúdo que trabalhava, sempre com as mãos frias, isto são fatores que dificultam tocar o instrumento.”; “Tenho tido muita receptividade, o aluno que tenho quer trabalhar, mesmo em comparação com os outros do ensino regular, ele quer trabalhar mais.”; “...é um aluno que está sempre sossegado, como está sozinho é calado, faz perguntas, pede muitas vezes desculpa e quer fazer logo bem.”; “A relação que é mantida com o aluno é de proximidade, não existe a distância normal professor-aluno, por exemplo, existe sempre um aperto de mão.”*

Sexo masculino, 34 anos, músico: *“Há uma evolução, claro, de qualidade, há uma evolução, ainda começaram há pouco tempo, penso que eles têm interesse em evoluir e fazer mais, claro que estão sempre a perguntar quando é que se juntam com a orquestra de cordas e querem levar os instrumentos para casa que ainda não levam (...)”*

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“O comportamento para mim é a primeira (...) o comportamento é uma das coisas mais visíveis (...) a orquestra ajuda a discipliná-los, ajuda a saber estar, ajuda a cumprir regras, se não estiverem não conseguem fazer o trabalho de grupo, o espírito de grupo, também, é uma das coisas fundamentais (...) e depois muitos deles o sucesso escolar, muitos deles tinham bastantes negativas (...) mas o comportamento e o aproveitamento sim.”; “ (...) Posso dizer que a vida deles mudou mesmo muito, passaram a ter uma forma diferente de estar na vida, a forma de*

comportarem, passaram a ter outro tipo de responsabilidades (...)”

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “ (...) *eles eram, normalmente, alunos segregados nas escolas e, nesta altura, na escola (...) vêem-se a tocar o instrumento, de repente, rodeados dos colegas (...) Deixaram de ser apenas mais um aluno da escola ou até menos um e passaram a ser reconhecidos e admirados pelos colegas (...) E isso é motivador, eles motivam-se com isso, pois quando começam logo a tocar estão logo motivados (...) A motivação é feita naturalmente (...) são motivados porque gostam (...)*”; “ (...) *em termos de comportamento é excelente, porque a música obriga à disciplina, ao espírito de equipa, ao espírito de grupo, começam a saber trabalhar em grupo. Há a responsabilidade, há a pontualidade (...) disciplinares e, também, em termos de disciplina de comportamento (...) A diferença é abismal, quer dizer os alunos que não tinham regras absolutamente nenhuma, nem sabiam estar, aqui no conservatório de música eu já nem sei quem são os alunos que estão no ensino articulado ou (...) quem são os alunos da Orquestra Geração, enquanto ao princípio os alunos da Orquestra Geração eram notados pela negativa (...)*”

Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: “*Os alunos (...) em termos de comportamento alteram radicalmente, nota-se isso, principalmente, naqueles alunos com os tais problemas de comportamento, hiperativos, inquietos, alunos que ficam mais responsáveis, muito mais responsáveis, ficam mais afáveis, o poder de comunicação deles, também, melhora significativamente, sabem estar, a integração deles na turma é muito mais facilitadora e ao mesmo tempo em termos de notas, também, têm melhorado.*”

Sexo feminino, 35 anos, psicóloga: “ (...) *mais motivados, com uma maior autoestima (...) também a nível comportamental na sala de aulas, são mais responsáveis. (...) No geral, uma melhoria positiva.*”

Encarregados de educação

Os encarregados de educação, no início, ficaram apreensivos, mas agora acompanham a evolução dos educandos, mostram-se interessados e vão ver as apresentações públicas. A própria postura dos encarregados de educação mudou. No entanto, é necessário um técnico que possa estabelecer contacto com os

encarregados de educação.

Sexo feminino, 30 anos, professora: *“Eu não tenho nenhuma relação com os pais, não tenho nenhum contacto (...) quer dizer, eu vou lá, dou as minhas aulas, conhecem-me dizem olá, boa tarde, mas não passa daí.”; “Eu acho que eles sentem mesmo orgulho, eu acho que sim (...)”; “Eu acho que os pais, também, fazem a pressão para eles aqui estarem.”*

Sexo feminino, 27 anos, professora: *“ (...) mas já aconteceu vir um pai ou outro dizer ó professora ele está completamente diferente, já estuda, está motivado e as notas, isso já acontece alguns (...)”; “ (...) Eles quando fazem concertos (...) fica tudo cheio, vêm os pais todos atrás dos miúdos e amigos e vizinhos como se fosse quase aquele gosto, o meu filho está ali e que, se calhar, até na altura não acompanhavam muito a nível de escola e essas coisas e começam a ter interessados (...)”*

Sexo masculino, 26 anos, professor: *“ (...) não conheço pais de ninguém.”*

Sexo masculino, 34 anos, professor: *“Os pais, no início como estavam ainda a inteirar-se, não é? Um deles foi um bocado complicado, mas com a ajuda da coordenadora resolvemos o problema rápido.”*

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“ (...) sei quando fizemos concertos os pais apareceram (...)”*

Sexo masculino, 30 anos, professor: *“Não sei muito bem... Mas no outro dia a coordenadora disse que a mãe vê melhorias no filho.”*

Sexo masculino, 34 anos, músico: *“Se calhar, quem pode responder a isso é a coordenadora, porque lida, diretamente, com os pais (...)”*

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“Os pais (...) quando lhes foi apresentado o projeto, começaram ok, será que é, será que não é? Pronto eu vou deixar ir nem que seja para ele se entreter (...)”; “ (...) muitos deles que não apareciam na escola, nem sequer*

punham os pés na escola para saber informações dos filhos, começaram a aparecer, porque eles gostam de ver os miúdos a tocar (...) para eles é um orgulho (...) começaram a acompanhar a vida escolar dos seus filhos.”

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante:

“Conseguimos, também, envolver os pais no projeto (...) temos tido resultados excelentes (...) eles já são mais participativos na escola, já vão saber qual o aproveitamento e comportamento dos filhos, que não acontecia antes. Vêm aqui muitas vezes contar-nos como é que eles se comportam (...) Assumiram a responsabilidade, também, dos miúdos levarem instrumentos para casa, assinaram um documento a dizer que são eles que são responsáveis (...)”; “Uma das lacunas que temos, neste projeto, é não ter uma assistente social que trate da parte familiar (...)”

Professores

Os professores são formados pelo Conservatório de Música, depois, através de um concurso, é selecionado aquele que melhor se adequa aos pré-requisitos.

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“Os professores são professores do Centro, a maior parte deles, os outros professores que não são do Centro que (...) nós sabemos por referência convidamos, (...) mas, geralmente, são professores do Centro que já estão cá e que têm se mantido (...)”*

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: *“ (...) nós não selecionamos, os professores que estão na Orquestra Geração são os professores do ensino articulado. Como são professores do ensino articulado já têm que ter determinadas aptidões para o ensino, obrigatoriamente (...) em 4 ou 5 professores é visto o perfil de cada um e aquele que se adapta. É explicado o projeto, qual é o objetivo do projeto (...) Depois, eu e a coordenado pedagógica vemos (...) qual é aquele que tem o perfil para integrar o projeto (...)”*

Para além da formação inicial dos professores, é feita uma formação intensiva, em Lisboa, onde é explicada a pedagogia e os objetivos da Orquestra. Depois, ao longo do ano, vão fazendo várias formações.

<p>Sexo feminino, 31 anos, professora: <i>“A formação que nós todos temos é a nossa formação de música, só que nós todos temos que fazer formação antes de iniciar o projeto. Tivemos uma formação intensiva em Lisboa que nos foi explicada o tipo de pedagogia que nós tínhamos de aplicar e durante o ano fazemos várias formações (...)”</i></p> <p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: <i>“ (...) a formação dos professores, porque isto é um projeto que tem uma estratégia própria, completamente diferente daquela que é implementada no nosso ensino. É um ensino que parte mais do mais geral para o particular, os alunos começam logo a tocar.”</i></p>
<p align="center">Comunicação e divulgação das atividades</p>
<p>A maioria da informação sobre as atividades é divulgada verbalmente e pela Internet, através do facebook e do site da Orquestra Geração de Amarante.</p> <p>Sexo feminino, 31 anos, professora: <i>“Geralmente, quem nos convida divulga sempre (...) E depois nós, também, através do nosso site, através do facebook e depois os miúdos também (...)”</i></p> <p>Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: <i>“Nós, penso que é uma falha que temos no aspeto da divulgação, (...) mas é verbalmente (...) é com as apresentações que fazemos aqui no concelho, nas escolas e as pessoas começam a saber que existe a Orquestra. (...) E começam-nos a convidar, sempre que há uma atividade nós publicamos nos jornais, na rádio e a televisão (...) E através do nosso site também.”</i></p> <p>Sexo masculino, 60 anos, advogado: <i>“ (...) Portanto, privilegiamos, portanto, em termos de público, a oferta de projeto já consolidados e projetos profissionais, agora em termos de integração é mais no silêncio que fazemos isso, não expomos, também, as pessoas (...) a exposição pública não temos promovido, claro que eu sei que a Fundação EDP tem promovido as orquestra regionais, tem mostrado o seu trabalho (...)”</i></p>
<p align="center">Recetividade</p>
<p>A recetividade de todas as partes envolvidas no projeto tem sido, no geral, boa. Os professores ao início ficaram apreensivos por causa da metodologia, mas depois adaptaram-se. A comunidade é a parte que se apercebe menos da existência da</p>

Orquestra, devido ao facto das apresentações públicas estarem muito viradas para a família e para os alunos, apesar de estar aberta a modelos como este. Aqui o objetivo principal não é o reconhecimento do público, mas integrar os alunos.

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “ (...) a comunidade é exatamente aquela que menos se apercebe, (...) porque as audições e as apresentações que fazemos e os concertos que fazemos, normalmente, são virados para miúdos (...) e quando fazemos aqui no conservatório vêm os pais (...) fica lotado o auditório.”

Sexo masculino, 60 anos, advogado: “ (...) interessa-me mais a integração dos miúdos e nesse aspeto tem sido ótima (...) A comunidade está sempre aberta a receber com aplauso estas iniciativas, mas nós não podemos esquecer o objetivo fundamental (...) é formar pessoas, é integrar miúdos, crianças já com uma certa idade, evidentemente... fazer essa integração social para que se sintam parte de um projeto social na respetiva autarquia, na respetiva zona da sua residência, isso é o que me interessa. Interessa-me é que depois os pais, também, vejam as crianças e que eles próprios, também, se sintam envolvidos no processo e isso é que é o fundamental e depois a partir daqui, evidentemente, há alguns que vão gostar tanto da música que vão tentar seguir uma via profissionalizante nesta área, é ótimo (...)”

Sexo feminino, 35 anos, psicóloga: “Ficam todos orgulhosos (...) todos gostam e ainda por cima na fase da adolescência a música é muito importante para eles e eles identificam-se muito com a música. (...) Ficam todos motivados e contentes e é, também, uma oportunidade que eles têm de estender vários horizontes.”

Relação do entrevistado com o projeto

Na opinião dos entrevistados a música é uma boa forma de inclusão social, pois, para além, de ser universal e toda a gente se identificar com ela, permite desenvolver competências, não só musicais como de carácter individual, social e escolar. Os alunos passam a ser mais responsáveis, a ter mais cultura e integram-se melhor com os seus pares.

Sexo feminino, 31 anos, professora: “Eu acho que é uma boa forma de inclusão (...) a

música é boa não só para a inclusão social, mas também para muitas outras áreas... através da inclusão torna-se muito mais fácil (...) É muito mais fácil cativar seja lá quem for, quem gosta de música, à partida, ser cativado para qualquer coisa (...)”

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “ (...) nunca me tinha apercebido, sinceramente, que a música podia contribuir para a inclusão social (...) Foi uma surpresa, realmente, agradável e que ultrapassou as minhas expectativas, por na verdade (...) nós aqui no Centro fazemos audições com os nossos alunos e com os alunos da Orquestra Geração em articulação. Portanto, eles estão perfeitamente integrados aqui na escola e a música tem contribuído para isso, porque a música é universal (...) Claramente, que a música é uma linguagem única.”

Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: “ (...) Isto está ser um projeto que eu espero que não pare, o meu medo é que, neste momento, pare, porque temo que as parcerias acabem, atendendo ao atual momento se vão escusando, penso que promove mesmo a inclusão destes alunos, estes alunos sentem-se diferentes, sentem-se muito mais apoiados, têm uma retaguarda que eles, por vezes, não têm em casa e que, por vezes, lhes é dada quer pelos professores aqui, quer no centro e a própria música (...) eu sempre disse, não sendo eu um homem da música, mas este projeto e a escola têm-me ajudado a gostar e, pelo menos, a perceber mais de música, principalmente de música clássica. Eu acho que as artes, no global, neste caso específico, a música que ajudam (...) todas as escolas deviam ter a oportunidade de ter estes projetos, estes projetos aliados aos processos de ensino-aprendizagem (...); “ (...) não é só pelos alunos gostarem da música e terem agora jeito para a música, incute-lhes muitas maiores responsabilidades, cumprem horários com maior facilidade, também, são alunos mais vivos, são alunos que acho que a cultura deles aumenta efetivamente e todos deveriam ter a oportunidade na escola.”

Sexo masculino, 60 anos, advogado: “Eu acho que é ótimo (...) a música em conjunto é harmonia, é paz, enfim, essa unidade, é ordem, não imposta (...) E, sobretudo, dá-nos (...) a noção de que nós devemos estar todo sintonizados todos uns com os outros... numa orquestra, para além do concertino, quem quiser evidenciar-se, evidencia-se pela negativa, não pela positiva (...) têm que trabalhar tudo pela causa comum e quando não

há uma grande sintonia entre eles quem se destaca, destaca-se pela negativa, desafina (...) portanto, acho que é um veículo muito interessante para a integração.”

Sexo feminino, 35 anos, psicóloga: *“(...) a música (...) permite-lhes desenvolver outro tipo de competências.”*

Os entrevistados referem que tem sido uma boa experiência, do ponto de vista pessoal, passaram a ter noção de outro tipo de realidades. A música surge como uma esperança de inclusão social para alunos de estratos sociais baixos.

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“Para mim tem sido excelente (...) os professores na escola tinham muito a noção deste tipo de realidades que existem com as crianças e que não existem, temos muito essa perceção, mas estando no projeto eu tenho a perceção total (...) A realidade que, às vezes, sabemos que elas acontecem, mas não estão tão próximas, de repente passaram a estar próximas de mim (...)”*

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: *“A nível pessoal (...) como diretor da escola na 1ª, na 2ª e na 3ª apresentação vieram-me as lágrimas aos olhos (...) miúdos de estratos sociais péssimos, do pior que há (...) e vi aquilo os miúdos que não tinham esperança (...) em termos de projetos individuais (...) há aqui uma possibilidade de trabalho futuro deles e, para além disso, (...) a alegria deles em participar (...) Portanto, vi miúdos que não tinham perspetiva nenhuma, porque conversei com eles e com a família e que de repente aparecem em palco a serem admirados (...)”*

Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: *“ (...) tem sido, eu costumo dizer e tenho muito orgulho enorme que esta geração (...) gosto de os acompanhar e gosto de estar presente e sinto-me, (...) por vezes, até me sinto emocionado (...)então, quando vi aquela evolução do trabalho, eu lembro-me no primeiro e segundo ensaio na escola que aquilo era um alvoroço, era uma confusão, a maestrina entrou em pânico (...) agora assistir à preparação dos concertos deles, assistir àquele momento preparatório dos concertos, que eles fazem um silêncio absoluto, são eles próprios aqui em relação aos colegas que pedem esse silêncio e os colegas aqui na*

escola, também, apoiam muito a orquestra geração e conseguem manter.”

As dificuldades mais relatadas predem-se com a pedagogia adotada e os fundos que permitem continuar com o projeto. Em relação à pedagogia existiu, ao início, uma certa dificuldade dos professores para se adaptarem. É de destacar, ainda, a necessidade de uma psicóloga que possa acompanhar os professores, para que a sua relação com os alunos seja melhorada. Quanto aos fundos, devido à situação atual do país, há sempre alguma incerteza, por isso há uma necessidade de procurar novos colaboradores.

Sexo feminino, 30 anos, professora: “ (...) *Para mim tudo bem que a base não é a música, mas no fundo estamos a ilustrar um trabalho e as pessoas querem ouvir sons bonitos, querem ouvir alguma qualidade e nós estamos a saltar etapas técnicas, eles nunca terão bases para fazer as coisas de forma correta (...)*”; “ (...) *Não sei muito bem... a questão é essa, a questão é que se calhar os professores... eu fui a Lisboa algumas vezes e até tive algumas sessões com psicólogos, mas não me disseram nada, por exemplo, eles podiam-nos ter ajudado, por exemplo, se houver este tipo de situações os professores devem reagir desta forma e neste projeto, se calhar, fazia sentido um psicólogo ajudar-nos mais (...)*”; “ (...) *se bem que aqui há psicólogo, mas nunca senti que houvesse grande apoio e mesmo em relação a nós o que fazer... porque os professores também não sabem (...)*”

Sexo masculino, 34 anos, músico: “*Não, dificuldades é a única coisa e como a abordagem ao ensino é bastante diferente daquilo que nós fazemos tradicionalmente no ensino oficial, ainda andamos um bocadinho a apalpar, a apalpar terreno (...)*”

Sexo feminino, 31 anos, professora: “ (...) *às vezes, não é fácil... (...) a nível de recursos, é fácil, não tem faltado nada, todas as expetativas que eu criei para o projeto, que eu achei à partida, temos conseguido atingir, até temos superado bastante bem, às vezes, há algum caso, tipo, acontecem coisas do género de alguém que está com um problema de continuar na orquestra, acontece muitas vezes e o pai quer tirá-lo, porque ele se anda a portar mal (...) esse tipo de dificuldades acontecem (...) mas mais só por aí (...)*”; “*No início (...) por causa do tipo da pedagogia, alguns professores ficaram um*

bocadinho, pronto, acreditamos nisto, não acreditamos, por aí, não foram tão recetivos assim, mas à medida que o projeto foi decorrendo (...) começaram a ter uma opinião completamente diferente (...)”

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: “*As grandes dificuldades que tenho encontrado, neste projeto, (...) é em termos logísticos, por causa do transporte dos miúdos (...) De resto, (...) todos queremos que isto vá para a frente (...) estamos todos empenhados.*”

Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: “*(...) deve, espero bem, o projeto foi avaliado há coisa de três, quatro meses por avaliadores externos e, na altura, foi logo isso referenciado, que é um projeto que eu, nós em contatos com o Centro Cultural já estamos a estudar na hipótese de não termos, neste caso, a continuidade do parceiro da Fundação EDP, que temos de estar preparados para tudo... já estamos a pensar nos possíveis patrocinadores desta iniciativa.*”

Os momentos que os entrevistados recordam como mais marcantes são as primeiras apresentações da Orquestra Geração, em que os alunos, com poucos ensaios, tiveram ótimas prestações. Alguns destacam situações de maior proximidade, acontecimentos apenas só com um aluno que os marcou.

Sexo feminino, 30 anos, professora: “*(...) Lembro-me quando fui a Lisboa... foi por acaso a vista do Cavaco e uma miúda estava constantemente a chorar e, de certa forma, ajudei-a e não tinha nada a ver com aquilo, ajudei-a e ela chorava, porque achava que tinha um problema grave de saúde (...) não teve a ver propriamente com o projeto, mas nós, no fundo, somos psicólogos dos miúdos e falamos com eles e brincamos muito.*”

Sexo feminino, 27 anos, professora: “*O concerto lá em baixo em Lisboa (...) o ano passado, nós não tínhamos começado assim há tanto tempo e fizemos a junção das orquestras todas (...) aquilo estava imenso, estava cheio, a Aula Magna estava completamente cheia e estavam montes de miúdos e foi gratificante (...) a nossa era das mais novas, a nossa daqui e a Mirandela, nós fizemos um programa separado cada um e*

depois juntámos numa música todas, o que é certo é que aquilo estava imenso, estava cheio, a Aula Magna estava completamente cheia com montes de miúdos e correu tudo muito bem e foi gratificante, foi uma das primeiras vezes que fomos completamente a outra zona, ter com as outras pessoas, as outras Orquestras Geração, convidados e foi gratificante, porque a nossa era uma das mais novas e tivemos excelentes resultados, eles acabaram de tocar e toda a gente se levantou a aplaudir (...) nessa e na do Presidente (...)”

Sexo masculino, 26 anos, professor: *“Houve uma vez em que, tenho um aluno bastante problemático, bastante mesmo, qualquer coisa e ele faz asneiras, ele não tá bem quieto e houve uma vez que pronto, armou confusão na orquestra, na aula de orquestra e na aula seguinte eu falei com ele, com ele não, falei com eles, tive naípe e falei com os três, conversei com eles muito seriamente e expliquei que tudo na vida tem o seu retorno, falei da teoria do caos (...) Que tudo aquilo que nós fazemos é-nos devolvido, falei em vários tipos de coisas, falei em várias tipos de exemplos, que violência só traz violência, que se eles responderem aos berros, só vão ter alguém que só lhes responda aos berros, se eles derem uma bofetada, a única coisa que vão ter de volta é uma bofetada e tive assim uma grande conversa com eles e eu fiquei muito contente que na aula seguinte esse aluno virou-se para mim e professor esta semana (...) não bati em nenhum colega meu (...) mas sabes porque é que não bati? Porque me lembrei das suas palavras (...)”*

Sexo masculino, 30 anos, professor: *“A situação mais marcante foi quando o aluno agradeceu no fim de uma aula, quando começou a tocar as primeiras músicas. Senti uma enorme satisfação! Porque não tinha sido uma aula nada de especial. Fiquei sem reação... É que nos que nos pagam não agradecem.”*

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“Pela positiva... pela negativa, não me lembro de nada, sinceramente, não tenho nada a nível negativo que me tenha marcado no projeto, muito pelo contrário, a nível positivo posso nomear uma série delas (...) eu gostei logo da nossa apresentação do projeto de orquestra, foi aí que eu vi que este trabalho iria para frente e nós poderíamos acreditar que, realmente, o projeto iria ter sucesso, que ia ter futuro, depois gostei muito de o ano passado ter ido com os miúdos para Lisboa, porque eles nunca tinham ido a Lisboa, partilhar com eles essa experiência (...) gostei muito do*

concerto da Aula Magna, acho que foi espetacular, eles tiveram lá um momento muito marcante e depois no final tocaram (...) gostei, também, muito do nosso concerto para o Presidente da República, na Fundação EDP, acho que foi marcante, porque acho que eles portaram-se mesmo muito bem, (...) foram capazes de fazer, de cumprir com o objetivo que eles tinham combinado connosco, de forma muito boa até (...)"

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: "Tenho dois momentos que foram marcantes. O primeiro quando fomos à Aula Magna (...) e que estava absolutamente cheia (...) Nós estávamos no 1º ano (...) Nós fomos a última orquestra a ser apresentada com as do 1º ano e (...) acabou de tocar a nossa e as (...) pessoas que estavam lá levantaram-se a bater palmas. Portanto, isso foi para mim um motivo de orgulho (...) A outra foi quando fomos escolhidos (...) fazer o encerramento de uma conferência no Museu da Eletricidade (...) Aí também me emocionei bastante."

Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: *"Quando nós tivemos a oportunidade de... foi lá em cima no Centro Cultural de no programa do canal 1, do programa da tarde, tivemos a oportunidade de atuar (...) eu, enquanto diretor, falar desta experiência foi um momento marcante e para nós, enquanto diretores, nos realizam e muito e nos incentivam a continuar a apostar neste tipo de projetos."*

É referido que o balanço do projeto é positivo, têm sido atingidos os objetivos e, por isso, deve continuar e alargar-se a um maior número de alunos.

Sexo feminino, 27 anos, professora: *"Acho que sim, acho que está a resultar bastante bem (...) pelo menos com este grupo que eu acompanhei desde o início até aqui, só houve alguns meses que eu não acompanhei por entretanto fui mãe (...) mas mesmo assim tenho acompanhado, mesmo não estando com eles aqueles meses, nota-se completamente a diferença, os miúdos que tínhamos nas primeiras semanas e os miúdos que temos agora.";* *" (...) Acho que sim acho que sim pois gasta-se dinheiro em tanta coisa... faz-se estádios de futebol, faz-se isso, faz-se aquilo, porque não investir numa coisa que tá a dar resultados? Por uma futura sociedade melhor, não é? (...)"*

Sexo masculino, 26 anos, professor: *“Sim, acho que sim, porque não? Porque é a orquestra geração, eles podiam estar inseridos noutra orquestra qualquer, não é? Aqui no conservatório não sei se existe outra orquestra, se existisse orquestra, mas pronto se existisse orquestra o projeto facilita, facilita os instrumentos, facilita os transportes e isso enquanto o conservatório não facilita tanto, a questão é mesmo só as ajudas, porque de resto acaba por ser tudo igual ou melhor dos apoios.”*

Sexo masculino, 34 anos, professor: *“Sim, sim não tenho dúvidas (...) Porque isso une os mesmo, até eu tenho notado, eu tou a dar as aulas, quando saíu ou quando chego os outros alunos, dos outros instrumentos, pedem para assistir às aulas, mas uma média de 10 a 12 alunos, não estou a mentir, batem à porta, posso a assistir? (...) gostam, gostam mais e tão entrosados entre eles.”; “Eu estou sempre aberto a novos projetos, a novas ideias, gosto da ideia, acho diferente, é muito bom (...) é diferente porque olhe as aulas são num ciclo, é um ambiente diferente, é bom, é bom, é bom, gosto (...)”*

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“Gosto muito, até agora gosto muito, gosto da ideia, não é como o ensino normal que queremos fazer músicos (...) a coisa mais importante é ajudar as pessoas que têm dificuldades (...)”; “Sim, sim, porque acho que funciona, eu tenho, também, medo das coisas, temos crianças com muitas dificuldades, não sei, eu penso que era bom arranjar um psicólogo, alguma coisa para preparar melhor os professores (...) mas é uma boa experiência para nós e para as crianças, é uma coisa para manter.”*

Sexo masculino, 30 anos, professor: *“...os objetivos estão mais do que postos em prática.”; “É uma boa estratégia, os alunos não estão a fazer outras coisas... Acaba por ser uma solução para outro caminho e vê-se o entusiasmo.”*

Sexo masculino, 34 anos, músico: *“ (...) para nós ainda não temos os resultados óbvios, é tudo muito fresco, mas acho que tem tudo e vendo a orquestra de cordas, que já tem muito mais tempo, penso que vai ser muito importante para eles (...)”; “ (...) eu acho que tem tudo para dar certo, porque ocupa os miúdos de alguma forma, segundo motiva-os para alguma coisa diferente e depois a música é uma coisa que trabalha várias capacidades do nosso organismo, trabalha a concentração, trabalha a responsabilidade*

e são coisas que se nota, pelo menos há um feedback por parte das escolas, dos professores, lá notam que os miúdos que andam na orquestra geração mudaram a nível de comportamento, a nível de concentração (...); “É positivo (...) eu acho que sim, temos muito bons exemplos, portanto, é um projeto que começou na Venezuela e tem orquestras sinfónicas com muito bom nível (...)”

Sexo feminino, 31 anos, professora: *“O balanço que eu faço é mesmo muito positivo, não estou a ver estes miúdos que isto um dia pode acabar, não estou muito bem a ver, porque muitos deles começam a dizer, vamos continuar, começo a acreditar que muitos deles se tivessem vindo para a música há muito mais tempo poderiam ser um dia músicos, temos lá muito bons alunos.”*

Sexo masculino, 63 anos, diretor executivo Centro Cultural de Amarante: *“O balanço que faço deste projeto é o mais positivo possível. Tem sido um sucesso (...) No aspeto social tem tido um sucesso imenso, no aspeto educacional imenso e na integração e na inter-relação pais e educandos tem sido realmente um sucesso.”*

Sexo masculino, 46 anos, diretor Agrupamento de Escolas Amadeo Souza-Cardoso: *“Balanço positivíssimo (...)”*

Sexo masculino, 60 anos, advogado: *“O balanço é altamente positivo (...). Há mais pessoas, tanto quanto julgo saber, mais crianças, mais miúdos a quererem entrar, sei que houve algum esforço do Centro Cultural, quer da Fundação EDP, de abrir o leque de instrumentos para permitir que o grupo alargue (...) Para que o projeto continue (...) claro que, evidentemente, se a Fundação deixar de financiar, evidentemente, depois temos que ver a possibilidade de se fazer com outros apoios, nomeadamente, com apoios da Câmara Municipal.”*

